

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
MESTRADO EM CIÊNCIAS MILITARES- SEGURANÇA E DEFESA 2018/2019**



Dissertação de Mestrado

**PROPAGANDA DO TERROR: AMEAÇAS PARA A SEGURANÇA DA
UNIÃO EUROPEIA**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO
SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA.**

**Juan Manuel Ramos Santamaría
MAJOR, *GUARDIA CIVIL* ESPANHA**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**PROPAGANDA DO TERROR: AMEAÇAS PARA A
SEGURANÇA DA UNIÃO EUROPEIA**

MAJOR, GC ESPANHA Juan Manuel Ramos Santamaría

Dissertação de Mestrado (MCMMSD)

Pedrouços 2020



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**PROPAGANDA DO TERROR: AMEAÇAS PARA A
SEGURANÇA DA UNIÃO EUROPEIA**

MAJOR, GC ESPANHA Juan Manuel Ramos Santamaría

Dissertação de Mestrado (MCMSD)

Orientador: TCOR ENGENHARIA

João Manuel Pinto Correia

Pedrouços 2020



Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, **Juan Manuel Ramos Santamaría** declaro por minha honra que o documento intitulado **Propaganda do terror: ameaças para a segurança da União Europeia**, corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do **Mestrado em Ciências Militares- Segurança e Defesa 2018/2019**, no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 9 de março de 2020

Juan Manuel Ramos Santamaría
GC Espanha



Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento é para o Tenente-Coronel João Manuel Pinto Correia, que me orientou na elaboração desta Dissertação de Mestrado através de críticas construtivas e intercâmbio sincero de opiniões, a fim de obter os melhores resultados. Sempre pronto a ajudar neste desafio e em qualquer outro assunto, um excelente profissional e melhor pessoa. O meu mais sincero bem-haja.

Aos professores do Instituto Universitário Militar que colaboraram neste trabalho, e aqueles outros do quadro de professores do CEMC 2017/2018 e do Mestrado em Ciências Militares Segurança e Defesa 2018/2019, que fizeram que começasse a ter entusiasmo na investigação, para além dos conselhos de ordem metodológica e em termos de conteúdos dos quais fui recetor.

Aos profissionais do *Servicio de Información de la Guardia Civil* responsáveis pela operação *Tajmil*, pois ajudaram em grande medida à compreensão do fenómeno estudado, e que com os seus contributos e experiência, contribuíram para compreender a importância do instrumento policial, e ainda, a sua especial relação com o instrumento militar nos dias de hoje, relativamente à colaboração no combate contra os grupos terroristas que ameaçam as sociedades europeias.

Por último, o mais importante para qualquer pessoa, a família: a minha mulher e filho. Eles são os alicerces da minha felicidade, dos quais recebo apoio e compreensão, pois são conscientes do que significa a dedicação necessária neste tipo de formação académica.



Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento conceptual e metodológico.....	5
1.1. Conceitos.....	5
1.2. Revisão da literatura.....	6
1.3. Metodologia.....	8
2. As operações psicológicas do <i>Daesh</i> : entre o marketing e a propaganda.....	10
2.1. O aparelho mediático do <i>Daesh</i>	10
2.2. A estratégia comunicativa do <i>Daesh</i> : psicologia, narrativa, <i>branding</i> e <i>marketing</i>	12
2.3. O uso da <i>internet</i> e das novas tecnologias: um fator chave.....	21
2.4. Síntese conclusiva.....	23
3. Os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> : da <i>Jihad</i> Individual aos Combatentes estrangeiros.....	25
3.1. A <i>jihad</i> individual: faça-você-mesmo.....	25
3.2. Combatentes estrangeiros e retornados.....	28
3.3. Imigração, terrorismo e xenofobia.....	32
3.4. Síntese conclusiva.....	34
4. Combate aos efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> : o papel dos instrumentos militar e policial.....	36
4.1. Resposta Militar.....	36
4.2. Resposta Policial.....	41
4.3. Futuro de incertezas.....	45
4.3. Síntese conclusiva.....	48
Conclusões.....	50
Bibliografia.....	57

Índice de Anexos

Anexo A —	Lógica estratégica da propaganda do <i>Daesh</i>	Anx A-1
Anexo B —	O alcance do <i>Daesh</i> nas Redes Sociais.....	Anx B-1
Anexo C —	Entidades que fazem parte da Coligação Internacional.....	Anx C-1
Anexo D —	Combatentes Estrangeiros e retornados: ameaça para Europa.....	Anx D-1



Anexo E —	Estratégia e medidas na luta contra o terrorismo na União Europeia	Anx-E-1
Anexo F —	Entidades e interesses conflitantes na Síria	Anx F-1
Anexo G —	Centro de gravidade do <i>Daesh</i>	Anx G-1
Anexo H —	O <i>jihadista</i> europeu.....	Anx H-1
Anexo I —	<i>Status</i> e futuro do <i>Daesh</i> : a história não se repete, mas rima.....	Anx I-1
Anexo J —	Filiais do <i>Daesh</i> em 2019.....	Anx J-1
Anexo K —	Alcance global do <i>Daesh</i>	Anx K-1
Anexo L —	Evolução dos objetivos e estratégia do <i>Daesh</i> na Síria e no Iraque	Anx L-1

Índice de Apêndices

Apêndice A —	Conceitos Complementares.....	Apd A-1
Apêndice B —	Modelo de Análise	Apd B-1
Apêndice C —	Emprego dos instrumentos militar e policial na luta contra o <i>Daesh</i> ..	Apd C-1

Índice de Figuras

Figura 1-Cebola da investigação	8
Figura 2-Percurso metodológico	9
Figura 3-Estrutura organizativa do <i>Daesh</i>	10
Figura 4-Os Gabinetes de Comunicação do <i>Daesh</i>	11
Figura 5-Linhas de esforço segundo as Audiências-Alvo do <i>Daesh</i>	12
Figura 6-Imagem de cristãos coptos prestes a ser mortos	15
Figura 7-Mudança de temática na propaganda do <i>Daesh</i> (2015 - 2018).....	16
Figura 8-Temáticas principais das narrativas do <i>Daesh</i>	16
Figura 9-Etapas da estratégia para a implementação do Califado.....	17
Figura 10-Evolução da quantidade de propaganda do <i>Daesh</i> (2015 - 2018)	18
Figura 11-Anúncios do <i>Daesh</i> sobre operacionais da propaganda mortos, 2015-2018.....	19
Figura 12-Resumo das operações do <i>Soldier Harvest II</i> em <i>Al-Naba</i> 15-21 maio 2019	20
Figura 13- Número de utilizadores mundiais de RS, de 2010 a 2021 (em milhares de milhões).....	21
Figura 14-Uso da <i>internet</i> pelos terroristas	21
Figura 15-As 3R como ferramentas para potenciar a credibilidade	22
Figura 16-Números de <i>Just Terror Tactics</i> e metodologia sugerida.....	27
Figura 17-Número de suspeitos detidos por terrorismo <i>jihadista</i> na Europa 2014-2018....	28



Figura 18-Ataques Aéreos da Coligação Internacional.....	38
Figura 19-Evolução do território sob controlo do <i>Daesh</i> , 2015-2019.....	38
Figura 20-Queda de rendimentos do <i>Daesh</i> , 2014-2016.....	39
Figura 21-Relação entre o controlo de território e descida dos rendimentos do <i>Daesh</i> , 2015-2017	40
Figura 22-Terrorismo inspirado no <i>jihadismo</i> na União Europeia, 2014-2017	42
Figura 23-Luta contra o terrorismo na Europa (2005-2018)	44
Figura 24-Conspirações terroristas e atentados executados na Europa, 2000-2018.....	46
Figura 25-Ataques e conspirações <i>jihadistas</i> em 2017 e 2018.....	47
Figura 26-A lógica estratégica do <i>Daesh</i>	Anx A-1
Figura 27-Alcance do <i>Daesh</i> em Twitter em 2014.....	Anx B-1
Figura 28-Lingua usada em Twitter pelos seguidores do <i>Daesh</i> , 2014.....	Anx B-1
Figura 29-Entidades que fazem parte da Coligação Internacional contra o <i>Daesh</i> ...	Anx C-1
Figura 30-Estados que têm lançado ataques aéreos na Síria contra o <i>Daesh</i>	Anx C-2
Figura 31-Ameaça terrorista para Europa: retornados da Síria e do Iraque	Anx D-1
Figura 32-Relações e interesses entre entidades na Síria	Anx F-1
Figura 33-Centro de gravidade e capacidades críticas do <i>Daesh</i>	Anx G-1
Figura 34-Quem são os <i>jihadistas</i> europeus.....	Anx H-1
Figura 35-Comparação das capacidades do AQI e <i>Daesh</i> em modo insurgência.....	Anx I-1
Figura 36-Capacidades do <i>Daesh</i> para sua ressurgência que AQI nunca teve.....	Anx I-2
Figura 37-Filiais do <i>Daesh</i> em 2019	Anx J-1
Figura 38-Alcance global do <i>Daesh</i>	Anx K-1
Figura 39- Objetivos avaliados do <i>Daesh</i> na Síria e no Iraque	Anx L-1

Índice de Tabelas

Tabela 1-Objetivos Específicos da investigação	3
Tabela 2-Questões Derivadas da investigação	3
Tabela 3-Ataques de inspiração <i>jihadista</i> na Europa em 2017-2019	26
Tabela 4-Fatores <i>push</i> que conduzem à radicalização.....	29
Tabela 5-Fatores <i>pull</i> que conduzem à radicalização.....	30



Resumo

O *Daesh* revolucionou a forma de fazer terrorismo, pois através de uma potente máquina propagandística, foi capaz de alinhar narrativa, ideologia e espetáculo, alcançando uma popularidade e recrutamento cobiçados por qualquer organização. De facto, a Europa está a sofrer os efeitos desta propaganda: lobos solitários, células terroristas, combatentes estrangeiros, bem como a polarização da sociedade como consequência de um ciclo de ódio criado pela dinâmica recrutamento-ataque-xenofobia.

Uma análise dos relatórios do Conselho de Segurança das Nações Unidas, artigos científicos, entrevistas, e notícias sobre a evolução dos factos no terreno, possibilitou, mediante uma estratégia qualitativa e raciocínio dedutivo, atingir o objetivo desta pesquisa: identificar as políticas e ferramentas dos domínios policial e militar que têm funcionado no combate contra as potenciais ameaças do *Daesh* à segurança da União Europeia.

Resumidamente, concluiu-se que embora os atentados tenham diminuído, isto não se traduz numa redução da ameaça, mas como um período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa, especialmente quando observado o número de conspirações e tentativas frustradas, fruto dos esforços antiterroristas. Ou seja, esta fase de transição não resulta de uma perda de motivação dos terroristas, mas da perturbação da sua capacidade para planear e executar ataques.

Palavras-chave:

Daesh, terrorismo, propaganda, lobos solitários, combatentes estrangeiros.



Abstract

Daesh revolutionised the way in which terrorism is made, since it was able to align narrative, ideology and spectacle by means of a powerful propaganda machine, reaching a popularity and recruitment capacity coveted by any organization. In fact, Europe is suffering from the effects of this propaganda: lone wolves, terrorist cells, foreign fighters, and the polarization of society as a result of the cycle of hatred that stems from the dynamics of recruitment-attack-xenophobia.

An in-depth analysis of the United Nations Security Council reports, scientific articles, interviews and news about the situation on the spot, made possible, using a qualitative strategy through a deductive method, to reach the goal of this study: the identification of the policies and tools in the military and police domains that have worked out in the fight against the potential threat that Daesh poses to the security of the European Union.

Briefly, we concluded that although the attacks have reduced, the threat has not, opening a period that reveals a future of uncertainties for Europe, especially when observed the number of foiled attacks, resulting of counter-terrorist efforts. It was not a loss of motivation, but the disruption of the group capacity to plan and execute attacks.

Keywords:

Daesh, terrorism, propaganda, lone wolves, foreign fighters.



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AA	Audiências-Alvo
AQI	Al-Qaeda no Iraque
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
C2	Comando e Controlo
C4i	Comando, Controlo, Comunicações, Computadores, Informações
CBRN	<i>Chemical, Biological, Radiological and Nuclear</i>
CC	<i>Critical Capabilities</i>
CE	Combatentes Estrangeiros
CELCT	Centro Europeu na Luta Contra o Terrorismo
CID	Coligação Internacional contra o <i>Daesh</i>
CJCS	<i>Chairman of the Joint Chiefs of Staff</i>
CR	<i>Critical Requirements</i>
COG	<i>Center of Gravity</i>
COIN	Contra-insurgência
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CTED	<i>Counter Terrorism Committee executive directorate</i>
CV	<i>Critical Vulnerabilities</i>
DAESH	<i>al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham</i> - Estado Islâmico (em língua árabe)
DSN	<i>Departamento de Seguridad Nacional</i>
EUA	Estados Unidos de América
EUROPOL	Agência Europeia de Polícia
GAO	<i>Government Accountability Office</i>
GC	<i>Guardia Civil</i>
ICG	<i>International Crisis Group</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
MAITIC	<i>Mair Amit Intelligence and Terrorism Information Center</i>
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
OIET	<i>Observatorio Internacional de Estudios sobre el Terrorismo</i>
ONU	Organização das Nações Unidas



PE	Parlamento Europeu
POOLRE	<i>Pool Reinsurance Company</i>
PS	<i>Project Syndicate</i>
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
RAN	<i>Radicalisation Awareness Network</i>
RS	Redes sociais
SG	<i>Soufan Group</i>
SIGC	<i>Servicio de Información de la Guardia Civil</i>
TAP	Treinar, aconselhar, providenciar - <i>Train, Advise, Enable</i>
TDP	<i>The Defense Post</i>
UE	União Europeia
UNODC	<i>United Nations Office on Drugs and Crime</i>
USDOS	<i>United States Department of State</i>
WC	<i>Wilson Center</i>



Introdução

Nos últimos anos, o mundo tem testemunhado o advento de uma das maiores ameaças globais do século XXI, o grupo terrorista *Daesh*, que através de uma estratégia de comunicação pública e *marketing*, tenta condicionar a agenda política mediante a transformação do terrorismo num produto cultural global, atrativo e imitável (Lesaca, 2015, págs. 106-107). O *Daesh* tem sido capaz de alinhar ideologia, narrativa e espetáculo através da sua propaganda, no intuito de atrair muitos muçulmanos à sua causa, situação potenciada pela existência de regimes corruptos e pela fragilidade da governação na Síria e no Iraque.

Com efeito, e apesar do grupo ter perdido a totalidade do território que controlava (CSNU, 2019c, pág. 3), atualmente tem consolidado uma insurgência no Iraque e ressurgido na Síria, em ambos os países com uma campanha de assassinatos, atentados suicidas e destruição de colheitas, no intuito de explorar tanto as tensões sectárias entre xiitas e sunitas, como o descontentamento popular pelas falhas percebidas dos respetivos governos (Fine *et al*, 2019b, págs. 2-6,14-16).

Para além disso, o *Daesh* tem sido muito hábil no emprego das redes sociais (RS) e da *internet* amplificando os efeitos da propaganda, recrutamento e radicalização, circunstância particularmente relevante na “atração” de jovens ocidentais (Tomé, 2015, pág. 11). Apesar de se ter tornado num género de insurgência clandestina, ainda em 2019, o grupo continua a manter um grande esforço de recrutamento através das RS (Fine *et al*, 2019b, pág. 2), enquanto usa a propaganda para manter a sua reputação como líder do terrorismo global, por intermédio do “Califado Virtual” (CSNU, 2019c, pág. 3).

Neste sentido, é importante compreender porquê milhares de pessoas se uniram às fileiras do *Daesh* deixando as suas vidas de lado (VOX, 2015), quer como combatentes estrangeiros (CE) ou operacionais, quer como fiéis seguidores dispostos a conduzir ataques nos seus países de origem, ao mais puro estilo da *jihad* individual: “faça-você-mesmo”.

No início da crise síria, as agências de segurança europeias mostraram receio pela potencial possibilidade de exploração por parte do *Daesh* dos fluxos de refugiados a fim de introduzir operacionais na Europa. Os ataques de Bruxelas e Paris demonstraram que o *Daesh* possui a capacidade de perpetrar atentados no coração da Europa, sem esquecer que os autores eram cidadãos belgas e franceses, o que coloca uma questão sensível sobre a cidadania e integração destes indivíduos (McDowell e Maplecroft, 2016, pág. 739).

O ataque de Estrasburgo, em dezembro de 2018 (Bassets, 2018), o atentado do Sri Lanka, em abril 2019 (Vidal, 2019), o atentado em Lyon, em maio 2019 (El Mundo, 2019),



o ataque na Tunísia, em junho 2019 (González, 2019), bem como o incremento em 63% do número de ataques inspirados pelo grupo, entre 2016 e 2018 (Halasz, 2018), evidenciam que o grupo ainda tem capacidade e intenção, ou seja, que é uma ameaça.

Portanto, face a todas as ameaças potenciais contra a segurança da União Europeia (UE) na atualidade, esta investigação é do maior interesse. Esta insere-se no domínio das Ciências Militares, particularmente no emprego dos instrumentos militar e policial no combate contra o terrorismo, para que, através de uma metodologia de raciocínio dedutivo, assente numa estratégia de investigação qualitativa com um reforço quantitativo, substanciada num estudo de caso, alcançar os resultados que permitam compreender o fenómeno em causa.

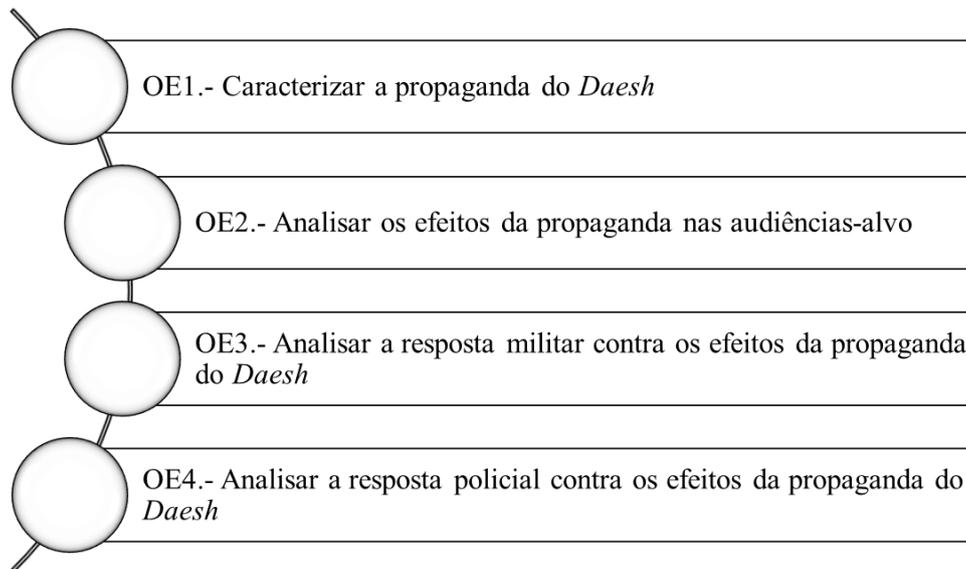
A *propaganda do Daesh* constitui o objeto de estudo da presente pesquisa. Limitaremos, porém, a análise, às dimensões claras e objetivas de conteúdo, tempo e espaço. Quanto ao conteúdo, será analisada a evolução da propaganda do grupo e sua disseminação, as suas temáticas, o emprego das redes sociais (RS), os seus efeitos sobre as audiências-alvo (AA), bem como o seu combate numa perspetiva do emprego dos instrumentos militar e policial. No que diz respeito ao tempo, será estudado o período compreendido entre julho de 2014 (anúncio do Califado) e junho 2019 (fase de insurgência após a perda total do território do grupo). Relativamente ao espaço, será estudada a UE. Porém, e, no intuito de enriquecer a investigação, serão tidos em consideração o ciberespaço –propaganda *online*-, e a Síria e o Iraque (nomeadamente o emprego do aparelho militar), pois muito do que ali acontece acaba por ter efeitos na UE, sendo o melhor exemplo os CE retornados. Com o objetivo de enriquecer a pesquisa, serão observados de forma pontual os efeitos da propaganda noutros lugares do mundo.

O principal contributo desta investigação recai na identificação de políticas e ferramentas no âmbito do emprego dos aparelhos militar e policial que têm funcionado contra o *Daesh*, no intuito de servir de alicerce a futuras estratégias contra o terrorismo.

Portanto, e segundo o exposto, o objetivo geral (OG) desta pesquisa é *analisar quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh*. A fim de alcançar o OG, vão-se definir os seguintes objetivos específicos (OE):



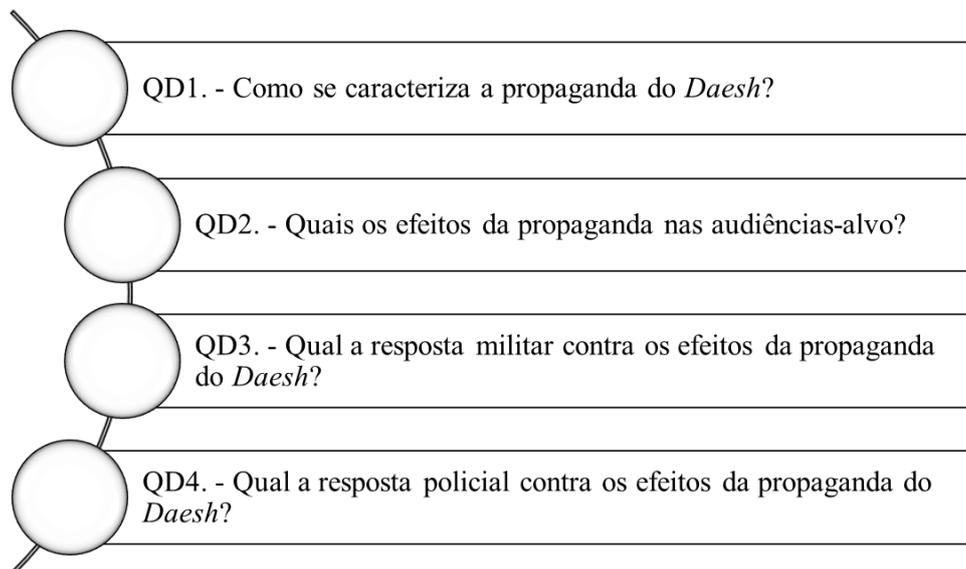
Tabela 1-Objetivos Específicos da investigação



Fonte: Autor (2019)

Com vista a atingir o OG da investigação, definiu-se a seguinte questão central (QC):
Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh? Atenta a QC, pranteiam-se as Questões Derivadas (QD):

Tabela 2-Questões Derivadas da investigação



Fonte: Autor (2019)

Os conceitos de relevância para a pesquisa, a revisão da literatura, e o percurso metodológico, são detalhados no primeiro capítulo: *Enquadramento conceptual e metodológico*.



No segundo capítulo, estuda-se a propaganda do *Daesh*, sua evolução, as ferramentas para sua distribuição, e sua capacidade de comunicação estratégica, focada em AA diferenciadas com mensagens específicas a serem transmitidas a cada uma delas.

No terceiro capítulo, abordam-se os efeitos decorrentes desta propaganda: (1) a inspiração de lobos solitários; (2) o recrutamento de CE; e (3) a questão sensível da presença e integração de imigrantes e sua relação com o terrorismo e a xenofobia. Todos estes aspetos são pertinentes e podem ter impacto na segurança da UE.

O quarto capítulo analisa a contribuição dos instrumentos militar e policial no combate contra os efeitos da propaganda terrorista, bem como o futuro de incertezas no que diz respeito às ações do grupo, sem esquecer que esta contribuição faz parte de uma abordagem holística e multidisciplinar mais abrangente, que inclui, entre outras ferramentas, a diplomacia, a comunicação, ou as medidas económicas.

No final, serão apresentadas algumas conclusões, onde se sublinham os aspetos de maior interesse para o emprego dos aparelhos militar e policial contra o terrorismo, e, da mesma forma, para a segurança da UE.



1. Enquadramento conceptual e metodológico

1.1. Conceitos

Começara-se por explicar os conceitos principais que sustentam esta pesquisa: terrorismo, propaganda, ameaça e segurança, importando dizer que, interligados aos mesmos, existem outros complementares, explicados em detalhe no apêndice A.

O *Terrorismo* é definido como um ato deliberado de criação e exploração do medo através da violência ou da ameaça da violência na persecução de uma mudança política, estando especificamente desenhado para ter um *alcance* além da vítima ou objeto do ataque terrorista (Hoffman, 2006, pág. 40).

Para ter este alcance pretendido, é da maior importância a *propaganda*, pois como terá dito a Primeira Ministra Margaret Thatcher (1985): “...*devem-se achar trilhos para matar de fome o terrorista e sequestrar o oxigénio da publicidade da qual este depende*”. Street (2003, pág. 7), define a *propaganda* como uma atividade cujo objetivo é influenciar o maior número possível de pessoas através da disseminação de ideias. O conceito tem ganho uma ênfase negativa que se traduz na difusão de ideias, informação ou rumores com o único objetivo de ajudar ou prejudicar uma instituição, causa, assunto ou indivíduo (Ejupi *et al.*, 2014, pág. 644). Estas ideias influenciam pessoas, criam seguidores, e desenvolvem determinadas tendências nas sociedades, sendo que, dependendo das vontades, ações e comportamentos exibidos, podem converter-se em ameaças.

Em ambiente agónico, *ameaça* é qualquer acontecimento ou ação (em curso ou previsível), de variada natureza (militar, económica, ambiental, etc.) que contraria a consecução de um objetivo e que, em geral, é causador de danos, morais ou materiais, sendo que, no âmbito da estratégia consideram-se principalmente as ameaças provenientes de uma vontade consciente, analisando o produto das possibilidades pelas intenções (Couto, 1980, pág. 329). Assim, determinada situação é geradora de uma ameaça se o seu agente tiver possibilidades ou capacidades para a sua concretização e também se tiver intenções de a provocar (Escorrega, 2009, pág. 6).

Para proteger as sociedades destas ameaças, é precisa *segurança*, definida como “a ausência de ameaças militares e não-militares que podem pôr em causa os valores centrais que uma pessoa ou uma comunidade querem promover, e que implicam um risco de utilização da força” (David, 2000, pág. 27). Segundo Brauch (2003, pág. 52), a segurança não é um conceito independente, encontra-se relacionada com valores societários. Particularmente notório é a diferença entre segurança num sentido subjetivo (ausência de



medo), e num sentido objetivo (ausência de ameaça), por isso a segurança é alcançada quando temos ambos os componentes (Schäfer, 2013, pág. 5).

1.2. Revisão da literatura

No famoso aforismo de *Lord Kelvin*, “*Aquilo que não pode ser medido, não pode ser melhorado*” (Puértolas, 2018), assenta o ponto de partida desta pesquisa: o que foi escrito sobre o resultado das ações nos domínios militar e policial contra as ameaças derivadas do *Daesh*?

Desde o advento do *Daesh* já correu muita tinta em diversos domínios sobre o grupo. No que diz respeito à sua propaganda, há estudos na área das RS e da influência da organização, como os de Berger e Morgan (2015) e Convey *et al* (2017), que revelam a resiliência mostrada pelo *Daesh online*, pois apesar das ações contra o grupo debilitarem e diminuírem o seu alcance, este é capaz de se reconfigurar para disseminar conteúdo.

A pesquisa de Winter e Mahlouly em 2018, *A tale of two Caliphates: comparing the Islamic State’s internal and external messaging priorities* permite perceber a diferença do conteúdo e a forma das mensagens do grupo, dependendo das AA a ser atingidas.

As revistas do *Daesh*, *Dabiq* e *Rumiyah*, também têm sido objeto de um grande leque de estudos. Ingram (2017) compara a revista *Inspire* de Al-Qaeda e a revista *Dabiq* do *Daesh*, sublinhando que, enquanto o *Dabiq* tende a equilibrar a “lógica de consequência¹” e a “lógica do adequado²”, *Inspire* tende a usar esta última.

Relativamente às ameaças que o grupo representa, e, particularmente sobre a sua capacidade de mobilização, as pesquisas do grupo *Soufan*, *Foreign Fighters in Syria* em 2014, *Foreign Fighters: An Updated Assessment of the Flow of Foreign Fighters into Syria and Iraq* em 2015, e *Beyond the Caliphate, Foreign Fighters and the Threats of Returnees* em 2017, juntamente com o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) *The challenge of returning and relocating foreign terrorist fighters: research perspectives* em 2018, lançam luz sobre a evolução do fluxo dos CE e o *status* atual do assunto. Da mesma forma, é importante o estudo de Vidino *et al* (2017, pág. 35), pois frisa a importância da propaganda e narrativa na hora de influenciar indivíduos sem vínculos operacionais com o grupo, o que os especialistas em terrorismo Petter Nesser, Anne Stenersen e Emilie Oftedal, chamam de *IS-effect*.

¹ Anexo B.

² Idem.



Na área de ameaças e da relação entre imigração e terrorismo, destacamos o trabalho de Beck *et al*, *Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism*, publicado em 2017.

No respeitante ao combate ao terrorismo do grupo, o estudo, de 2016, *Cuaderno de Estrategia: Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional*, do Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos do Ministério da Defesa, desenvolve, numa abordagem multidisciplinar, o trabalho a ser feito por os vários instrumentos dos Estados na luta contra o terrorismo, incluindo o militar e o policial. Neste mesmo sentido, o Caderno do Instituto Universitário Militar, *Cadernos do IUM nº 15: O Daesh, Dimensão Globalização, Diplomacia e Segurança*, sendo particularmente de interesse a epígrafe do autor Nuno Lemos Pires: *A intervenção do Instrumento Militar*. Do mesmo autor (2016a), destaca-se *Resposta ao Jihadismo Radical: Políticas e estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o Daesh*. Por outro lado, os relatórios submetidos ao congresso americano em 2018 e 2019 sobre a Operação *Inherent Resolve*, bem como os próprios relatórios e artigos da Coligação Internacional contra o *Daesh* (CID), permitem perceber a evolução da ameaça e conferir os resultados do combate na atualidade contra o *Daesh*.

Não será abordado o emprego do instrumento militar no território nacional português, pois há estudos muitos completos que já o fazem, como o Trabalho de Investigação Individual para o Curso de Promoção a Oficial General do CMG M Vizinha Mirones *A participação das Forças Armadas portuguesas no combate ao terrorismo* de 2017, onde se expõem as possibilidades do emprego complementar do aparelho militar em território nacional, quer em Portugal, quer noutros países da UE, como a França ou o Reino Unido.

Em síntese, a revisão da literatura permite concluir que a propaganda conseguiu mobilizar um amplo leque de indivíduos, quer CE, quer lobos solitários. Veio ainda revelar o papel da imigração nesta área de estudo. Da mesma forma, viram-se as medidas propostas nos âmbitos militar e policial contra o *Daesh* em fases iniciais, com anterioridade à sua derrota.

Partindo então da revisão da literatura, esta pesquisa pretende uma nova abordagem, diferente às expostas, pois a partir de uma análise da evolução dos factos no terreno, visa confirmar se as políticas e estratégias a serem empregues contra o *Daesh* têm funcionado, particularmente nas ações dirigidas nos domínios militar e policial contra a propaganda e os seus efeitos na UE. Para tal, são analisados os contributos do uso de ambos os instrumentos



militar e policial contra as ameaças derivadas da propaganda e das atividades que o grupo desenvolve para influenciar os seus seguidores e as suas AA.

1.3. Metodologia

Segundo o esquema de camadas de Saunders *et al* (2009, pág. 108), o desenho de pesquisa desta investigação é de filosofia interpretativa, de raciocínio dedutivo, assente num estudo de caso e numa estratégia qualitativa. É de natureza analítica e descritiva, embora enriquecido de forma quantitativa com os dados mostrados nas diferentes epígrafes, quer relativamente aos atentados perpetrados, quer no respeitante à descida da atividade propagandística e outros aspetos. É longitudinal, porque analisa a evolução das atividades do grupo, desde seu advento em 2014 até à perda total do Califado e período de insurgência, junho de 2019.

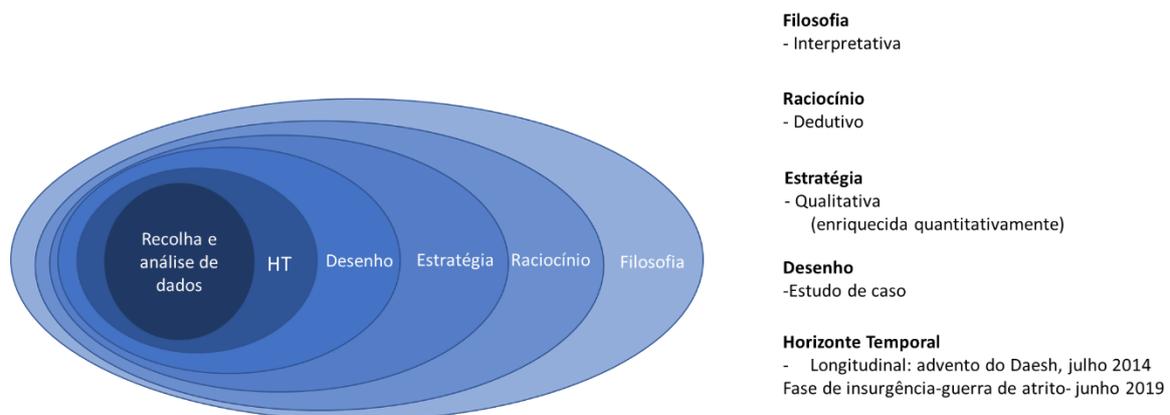


Figura 1-Cebola da investigação

Fonte: Adaptado de Saunders *et al* (2009, p. 108)

O percurso metodológico (figura 2) começou pela fase exploratória, durante a qual foram entrevistados os responsáveis do Serviço das Informações da Guardia Civil pela operação *Tajmil*, que permitiu desenvolver a posterior operação dirigida pela EUROPOL que conseguiu afetar o aparelho propagandístico do *Daesh*. Foi realizada uma extensa análise de artigos, relatórios e documentos sobre o *Daesh*, o que resultou de utilidade para desenvolver a nossa QC e o modelo de análise (apêndice B).

Na fase analítica, continuou-se com uma análise documental mais extensa, entrevistou-se de maneira aprofundada –mediante entrevista semiestruturada- componentes do *Servicio de Información de la Guardia Civil* (SIGC) sobre a operação *Tajmil* contra o aparelho propagandístico do *Daesh*, o que permitiu compreender a importância do combate policial contra o grupo, particularmente contra a propaganda terrorista e os seus efeitos.

No respeitante às técnicas de recolha de dados, além da análise documental de autores e entidades de prestígio, notícias, relatórios da CID e do Comando militar dos Estados



Unidos de América (EUA) responsável pela operação *Inherent Resolve*, foram realizadas as referidas entrevistas complementares.

A intenção não é a de generalizar os resultados a uma amostra mais ampla, pois não é esta a finalidade de um estudo qualitativo, mas que na sua essência ou em parte o estudo possa ser aplicado noutros contextos. A pesquisa apenas tenciona mostrar a perspetiva do autor sobre onde e como é que os resultados se encaixam no campo de conhecimento do problema analisado (Sampieri *et al*, 2014, p. 458).

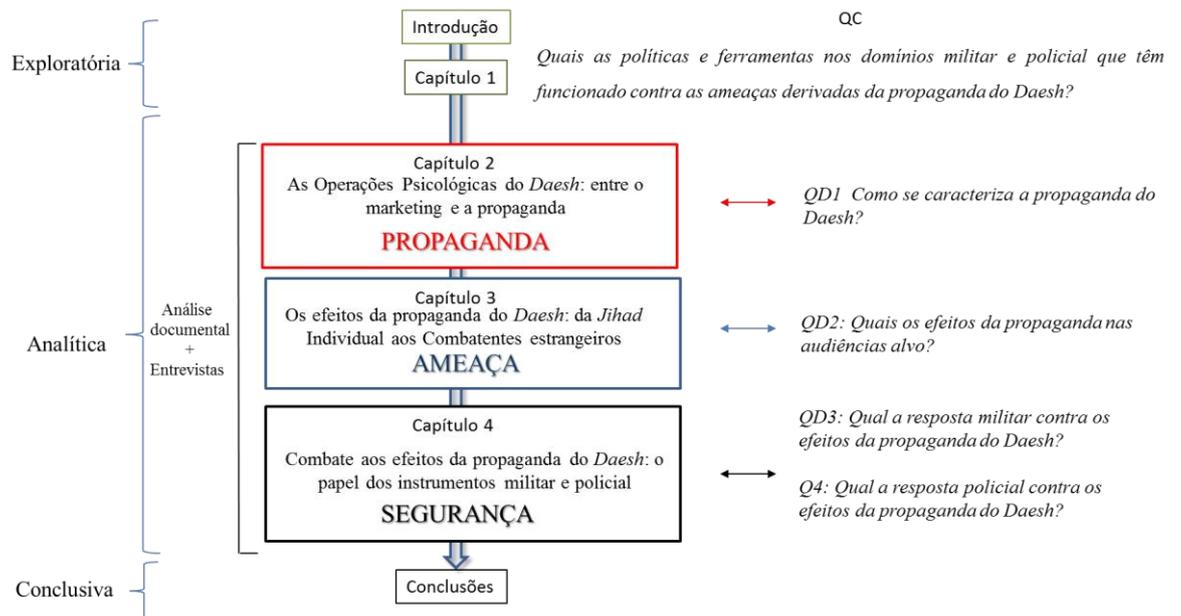


Figura 2-Percurso metodológico

Fonte: Autor (2019)



2. As operações psicológicas do *Daesh*: entre o marketing e a propaganda

Neste capítulo pretende-se, analisar os fatores que caracterizam a propaganda do *Daesh* e a sua evolução, efetuando-se, no final, uma síntese conclusiva com as ideias força que a definem.

2.1. O aparelho mediático do *Daesh*

Desde o início, o *Daesh* tinha uma estratégia bem desenhada, tencionava conseguir um território através do poder militar e estabelecer um governo funcional que consagraria legitimidade e brilho à sua causa (Lewis, 2014, pág. 11), sendo a comunicação um pilar estratégico para tal (Caretti, 2016).

O atual líder de Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, já frisou a importância da comunicação numa missiva a Abu Musab al-Zarqawi em 2005, líder da Al-Qaeda no Iraque (AQI) (predecessora do *Daesh*): “*Estamos numa luta, e... mais de metade deste combate tem lugar no domínio dos média*” (Cottee, 2015).

Consciente da importância da guerra de informação na sua estratégia (Gambhir, 2015, pág. 7), após a conquista de Mossul em 2014 e aproveitando o ímpeto, o grupo trabalhou incansavelmente para se dar a conhecer mundialmente através da disseminação de uma série de produtos de média que iriam popularizar a sua marca, polarizar as sociedades e deixar os seus rivais num segundo plano (Winter, 2017a, pág. 1).

Para o efeito, era preciso um complexo aparelho mediático capaz de produzir e disseminar a sua propaganda. Consequentemente, adaptaram as noções militares e políticas do partido *Ba'athis* e, mediante uma visão pragmática em termos de estratégia militar e política, criaram estruturas de governo no Iraque e na Síria (figura 3) (Habeck, *et al*, 2015, p. 7), sendo que a experiência dos ex-agentes do serviço de informações de Saddam Huseim presentes nas suas fileiras (profissionais da insurgência e da contrainsurgência), tem sido muito útil (Caretti, 2016).

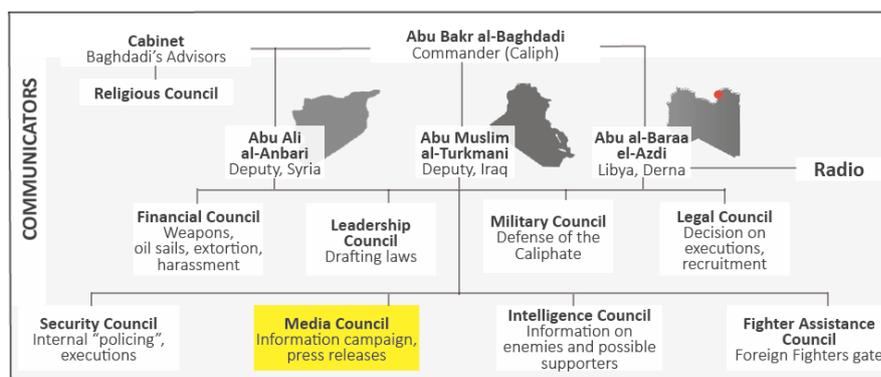


Figura 3-Estrutura organizativa do *Daesh*

Fonte: NATO (2015, pág. 23)



De facto, parte do sucesso da sua campanha de informação provém das suas eficazes instituições. Uma cadeia de comando centralizada é responsável por um comportamento que se adapta às circunstâncias, bem como pelo alinhamento dos órgãos mediático, militar e religioso (Gambhir, 2015, pág. 20).

No seu zénite, o *Daesh* operava a sua campanha de informação através do seu Ministério da Comunicação (*diwan al-i'lam al-markazi*), que supervisionava quer a produção, quer a disseminação através dos seus “gabinetes de comunicação” (figura 4) nas várias províncias (*Wilayats*) do grupo, como também era responsável da obtenção dos recursos para manter a rede de comunicação do grupo, incluindo o salário do pessoal (MAITIC, 2018, pág. 7).

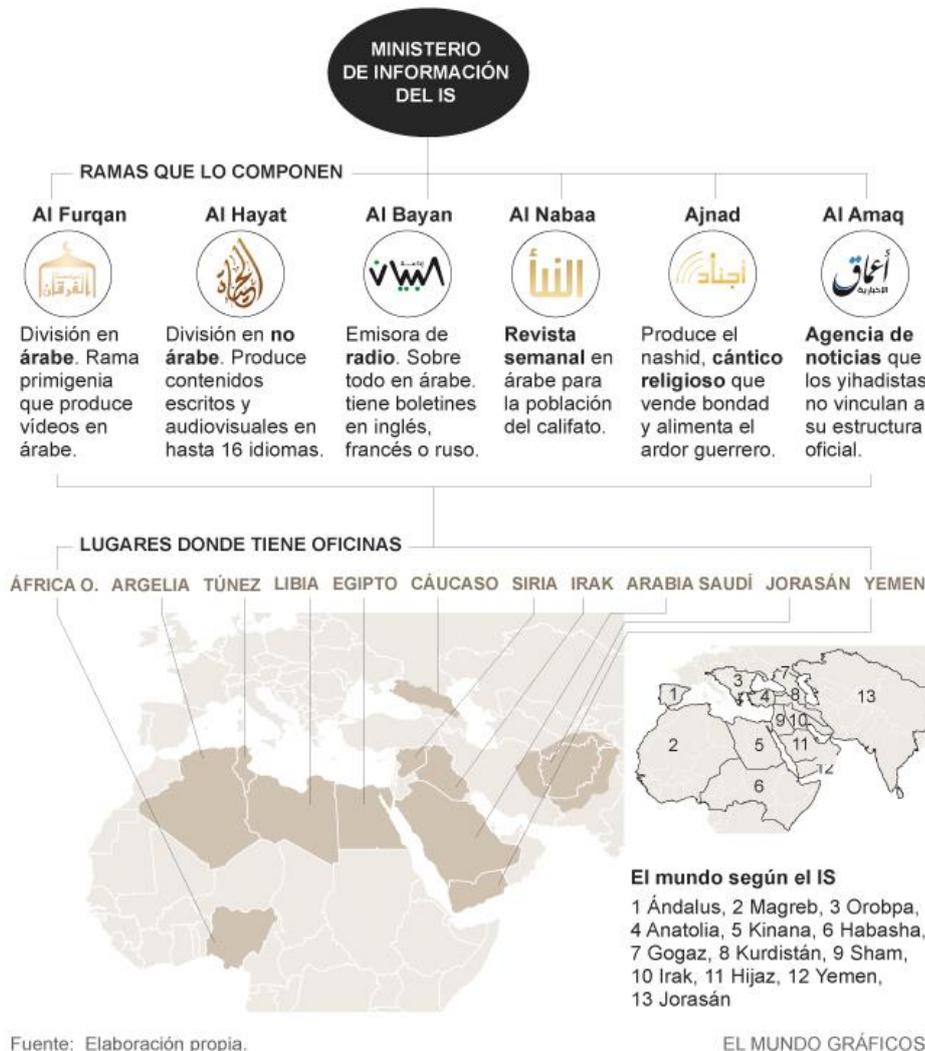


Figura 4-Os Gabinetes de Comunicação do *Daesh*

Fonte: Carrión (2016)



2.2. A estratégia comunicativa do *Daesh*: psicologia, narrativa, *branding* e *marketing*

A propaganda é um ato de comunicação que se baseia em obter uma resposta emocional da AA (Simons, 2018, pág. 6) e, como indicam Pratkanis e Aronson (2001, pág. 11), atua sobre as emoções e os juízos através da manipulação de imagens, *slogans* e símbolos. É a comunicação de um ponto de vista que tem como objetivo conseguir que este seja aceite voluntariamente.

Levando em consideração os efeitos que o grupo procura com a sua propaganda, pode ser analisada qual a AA a ser atingida (figura 5). Primeiramente, o *Daesh* procura apoio, quer em pessoal/recrutamento (lutadores, anúncios de apoio...), quer economicamente. Em segundo lugar, a organização procura unir todos os sunitas, tanto nos esforços para a sua campanha de informação, como no campo de batalha. Em terceiro lugar, o grupo quer aterrorizar os seus adversários (internos e externos). Em quarto lugar, quer informar um amplo leque de audiências sobre a sua efetividade, as suas realizações e ações (NATO, 2015, pág. 34).



Linhas de esforço	Audiências-Alvo
Apoiar/ <i>Support</i>	Ocidentais; muçulmanos de outros países fora da Síria e do Iraque; jovens desfavorecidos e afastados; muçulmanos radicalizados; crianças de países radicalizados; jovens em estreito contacto com o radicalismo; crianças de idade inferior a quinze anos; crianças das minorias étnicas e religiosas; presos; recrutadores virtuais; meninas com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos (potenciais esposas e/ou recrutadoras); esposas de combatentes estrangeiros; utilizadores de <i>sites</i> de encontros; refugiados do Médio Oriente.
Unir/ <i>Unite</i>	Jovens muçulmanos do Ocidente; sunitas das regiões em conflito; sunitas de outros países; esposas de combatentes estrangeiros; refugiados do Médio Oriente.
Coagir/ <i>Coerce</i> Intimidar/ <i>Intimidate</i>	Sociedades ocidentais; dissidentes políticos de outros países; pais; xiitas e outras minorias religiosas; outras organizações operando na Síria e no Iraque; países que fazem parte da Coligação Internacional contra o <i>Daesh</i> ; milícias xiitas; forças iraquianas; tribos sunitas contra o <i>Daesh</i> .
Informar/ <i>Inform</i>	Adeptos; combatentes (locais e estrangeiros); sociedades ocidentais; líderes de organizações terroristas; sunitas; minorias religiosas; refugiados do Médio Oriente.

Figura 5-Linhas de esforço segundo as Audiências-Alvo do *Daesh*

Fonte: Adaptado de NATO (2015, págs. 35-37)



A narrativa do *Daesh* pretende sublinhar como as suas ações no terreno estão sincronizadas com as suas mensagens, atendendo à necessidade de preencher a lacuna entre o que se diz e o que se faz (*say-do gap*). Concomitantemente, expõe esta lacuna nas ações inimigas, no intuito de reforçar a credibilidade do grupo no respeitante à informação que dissemina (Ingram, 2016b, pág. 27), tendo empregue para tal, a sua lógica da decisão (anexo A).

Segundo Mubin Shaikh³ (VPRO, 2016), quando o muçulmano que mora no Médio Oriente olha ao seu redor não vê democracia, mas sim sistemas falidos e corruptos, com os ditadores que o Ocidente ajuda a manter. Decorrente desta situação, o *Daesh* tem sido muito eficiente na sua narrativa, com um relato coerente apoiado pela sua visão dos factos acontecidos ocorridos na Síria e no Iraque. A mensagem do grupo, segundo Alberto Fernández⁴, é que “os muçulmanos estão a ser mortos e eles são a solução” [...] “Há um apelo à violência sim, mas também ao melhor das pessoas, às suas aspirações, aos seus sonhos e esperanças, ao desejo por uma identidade e de uma fé, bem como a uma autorrealização” (Cottee, 2015).

Mesmo na escolha do seu nome tiveram muito cuidado, pois contém a mensagem central do grupo: uma asserção da sua identidade e objetivos. Desde que “a perceção é a realidade”, e as várias AA percebem as coisas de forma diferente, a organização quer que os ocidentais a refiram de “Estado Islâmico”, e que as audiências do Médio Oriente a refiram de “*ad-Dawlah al-Islamiyah*”, “*ad-Dawlah al-Caliphate*” ou o “Califado” (NATO, 2015, pág. 7).

Nos dias de hoje, o fenómeno da pós-verdade está a afetar a forma como as pessoas percecionam a realidade. Assim, os factos chegam a ser menos importantes do que as crenças pessoais, e as pessoas escolhem no que querem acreditar em conformidade (Andhika, 2017), sendo que, mais importante do que aquilo que realmente está a acontecer, é como alguém o sente (Coughlan, 2017). Neste sentido, Manjoo (2008 cit. por Santos e Spinelli, 2017, pág. 2) sublinha que perante a exposição seletiva à informação, as pessoas tendem a escolher aquela que está mais alinhada com as suas atitudes, comportamentos e crenças, rejeitando aquilo que é contraditório. Berger e Morgan (2015, pág. 58) frisam que, embora possa parecer que se acede à informação, não filtrada nas redes sociais (RS), de algum modo o

³ Especialista em terrorismo e radicalização que tem colaborado com o governo canadiano pela sua experiência, pois já foi um extremista.

⁴ Coordenador do Centro de Comunicações Estratégicas de Contra Terrorismo do Departamento de Estado dos EUA.



grupo é capaz de manipular a seleção de informação à qual acedem os seus seguidores. É nesta sequência, como indica Winter (2016), que o *Daesh* tem aplicado uma política de censura, fiscalizando a *internet* nas áreas sob o controlo do grupo, e em definitivo, sufocando outros canais de informação, conseguindo assim um monopólio da informação.

Juntamente com o conteúdo da mensagem e sua justificação, tem muita importância a forma de o apresentar. Segundo Lesaca (2015, pág. 106), a difusão dum vídeo em julho de 2014 do imã Abu Bakr al-Baghdadi, marcou o nascimento do “terrorismo de *marketing*”, um novo terrorismo que através de ferramentas próprias da psicologia social, da opinião pública e da tecnologia, consegue recrutar seguidores por todo o mundo.

Para a construção da marca (*branding*) *Daesh*, contribuiu uma combinação de êxitos militares e uma campanha propagandística bem-sucedida durante o verão de 2014 e o início de 2015. Consequentemente, a organização tem alcançado um nível de reconhecimento cobiçado por qualquer político ou empresa multinacional (Winter, 2018, pág. 8).

Lesaca (2015, pág. 111), realça que, mais preocupante que a quantidade de itens produzidos, é a sua análise qualitativa, sendo o *Daesh* o primeiro grupo terrorista a usar o que Robert. M Entmant descreveu como “*frames* substantivos⁵”. Assim, pelo menos 25% dos vídeos do *Daesh* tem inspiração em séries, videojogos, filmes ou clipes musicais muito populares na cultura juvenil. Destarte, os vídeos de execuções (até 40% neste caso), aos olhos das suas audiências convertem-se em parte da cultura do seu dia-a-dia, conseguindo-se assim uma ressonância identitária.

Segundo Calchi (2017, pág. 110), uma das técnicas mais importantes do *Daesh* consiste em se apropriar e subverter os símbolos do poder americano e da sua cultura. Usurparam o estilo do macacão laranja de Guantánamo *Bay* nos vídeos e fotos das suas execuções (figura 6), indumentária que, até o advento do *Daesh*, tinha sido um símbolo da guerra dos EUA contra o terrorismo.

⁵ Apêndice A.

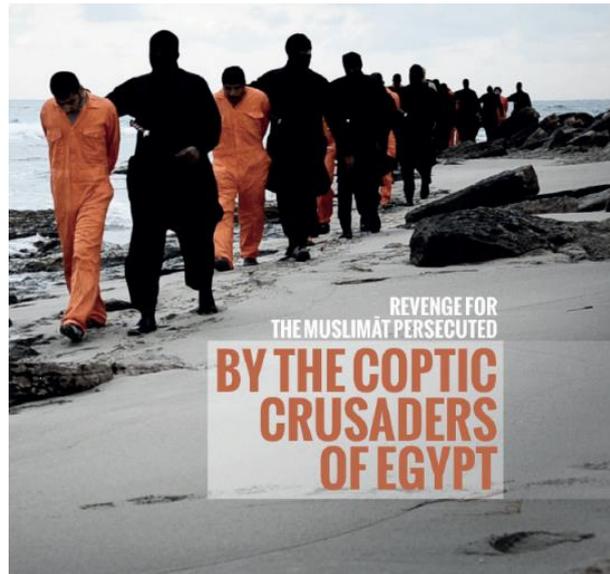


Figura 6-Imagem de cristãos coptos prestes a ser mortos

Fonte: 4cmiNews (2015)

Convencionalmente, assume-se que o conteúdo dos produtos de comunicação da organização gira em torno da barbárie, sendo que os filmes violentos que a tornaram famosa são uma pequena parte da propaganda global do grupo (Zelin, 2015; Winter, 2015; Milton, 2016). Porém, numa outra visão, é a utopia de um Estado Islâmico funcional no qual os muçulmanos vivem em harmonia e felicidade, a mais importante parte da sua propaganda (Andhika, 2017; Winter, 2017a; Winston, 2018).

Precisamente, no seu zénite territorial (do verão de 2014 até janeiro 2015), a propaganda do grupo girava em torno de uma ideia de sublinhar a vida idílica no seu califado. Naquela altura, o *Daesh* apresentava vídeos de crianças contentes em parques ou doutores falando nos serviços sanitários. O *Al-Hayat Media Center* produzia uma série de vídeos (chamados de *Mujatweets*, nos quais se mostrava o dia-a-dia da vida no “Estado Islâmico”; mediante entrevistas, os vários CE realçavam as virtudes e benefícios de vir ao território do *Daesh* e fazer a *hijrah* (apêndice A) (Winston, 2018, pág. 5). Do lado oposto, enquanto a CID e as Forças Iraquianas ganhavam território, o *Daesh* potenciava os ataques do tipo lobo solitário (Gunaratna, 2017, p. 107).

O exposto, permite observar que, conforme o *Daesh* sofria pressão militar na Síria e no Iraque (Almukhtar e Watkins, 2016), e os governos ocidentais encetavam esforços a fim de evitar a viagem de CE para se unirem às fileiras da organização (Kalin e Tolba, 2016), assim tinha lugar uma evolução da sua narrativa em conformidade (figura 7), tendo a violência indiscriminada contra os “inimigos do Islão” preenchido o espaço criado pela perda da utopia (Winter, 2017b).



Observando os valores da figura 7, percebe-se como a temática militar da propaganda tem-se incrementado, em detrimento de outras narrativas (figura 8) que poderiam resultar mais atrativas para os seus seguidores, como as relacionadas com a utopia ou a procura de construção de um verdadeiro *Estado* funcional que, segundo Milton (2018, pág. 22), é o que diferencia o *Daesh* de outros grupos.

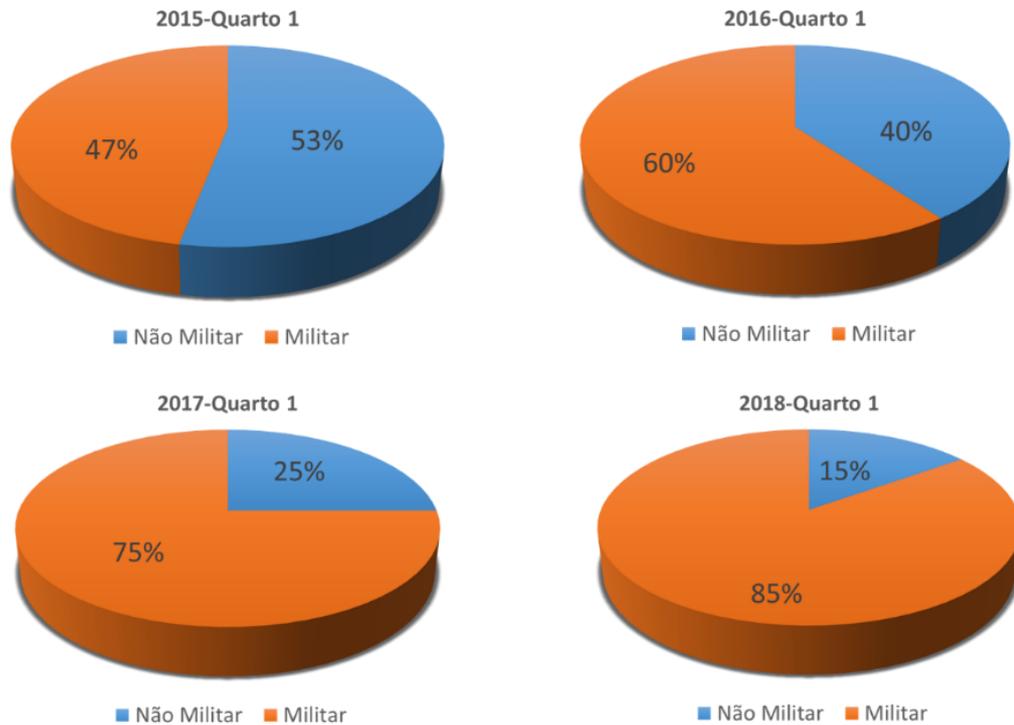


Figura 7-Mudança de temática na propaganda do *Daesh* (2015 - 2018)

Fonte: Adaptado de Milton (2018, pág. 22)



Figura 8-Temáticas principais das narrativas do *Daesh*

Fonte: NATO (2015, pág. 32)



Nesta evolução, e como indicam Cafarella *et al* (2019, págs. 17, 27), a propaganda do *Daesh* mudou do controlo de território à guerra de atrito contra os seus adversários, como medida chave de eficácia, em conformidade com a sua estratégia de longa data de construir uma insurgência e, em última instância, conquistar território, segundo o plano de cinco etapas⁶ (figura 9) do Abu Musab al-Zarqawi (líder de AQI).



Figura 9-Etapas da estratégia para a implementação do Califado

Fonte: AlHayat Media Center (2015)

O professor Torres (2016, pág. 187), sublinha como, através do instrumento militar, pode ser neutralizada a vantagem propagandística do grupo, pois a mesma assenta numa série de edifícios, redes de comunicação, equipamento e pessoal, que podem ser atacados e destruídos. A falta de capacidade para substituir membros com habilidades especiais na propaganda, acaba por afetar não só a quantidade, mas também a qualidade da mesma. Portanto, as ações cinéticas importam, e muito.

Nesta sequência, Milton (2018, págs. 5-6) frisa como há uma variedade de fatores que têm afetado a diminuição da propaganda (figura 10). Os desafios do recrutamento, a

⁶ Ver no apêndice A o conceito de “insurgência” e a sua associação com o modelo de subversão do Exército Português.



dificuldade na viagem para o território que o grupo dominava, as derrotas militares, a pressão dos governos e das companhias privadas, bem como as ações contra as finanças do grupo, têm desempenhado o seu papel. De facto, parece que a CID fez um esforço por identificar e atacar, através de ataques cinéticos, operacionais responsáveis (figura 11) pela propaganda da organização.

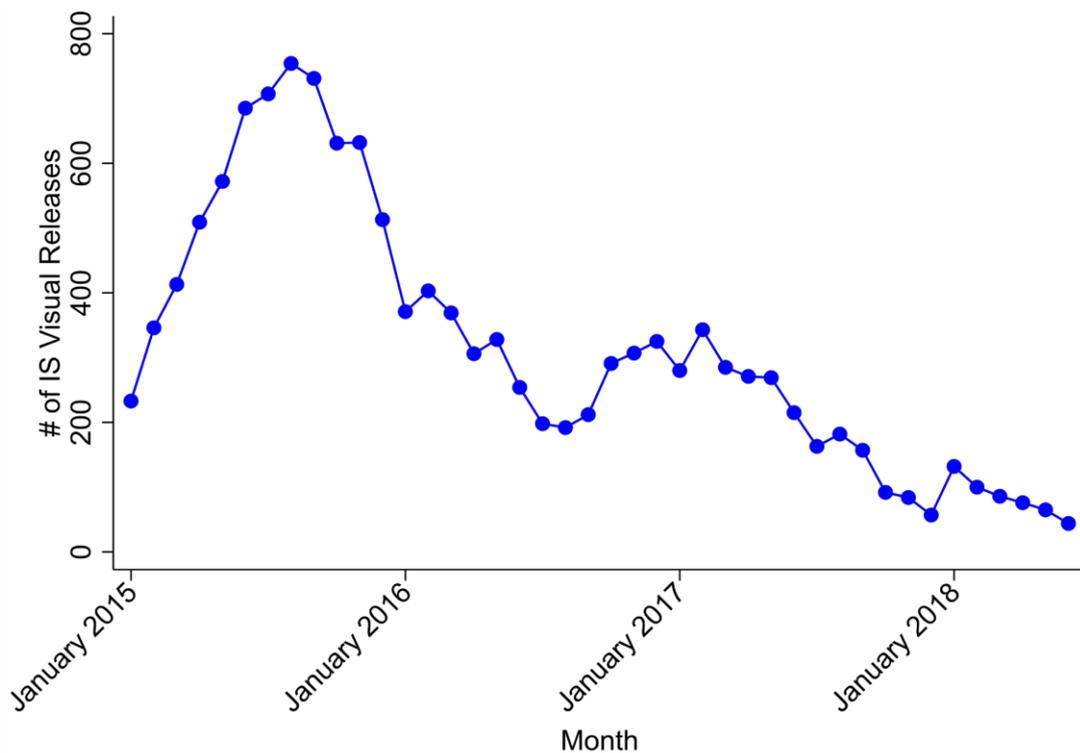


Figura 10-Evolução da quantidade de propaganda do *Daesh* (2015 - 2018)

Fonte: Milton (2018, pág. 4)

A eliminação de operacionais da propaganda tem tido um impacto negativo na capacidade da organização para produzir média. O número de 100 mortos da figura 11, é significativo e manifesta-se nesse impacto. Por outro lado, mostra a ênfase dos EUA, a partir do 2016, para alvejar/atacar este tipo de pessoal. Com efeito, em 2016, os média internacionais informavam sobre um esforço planeado para atacar o braço de propaganda do grupo, em particular no respeitante à sua capacidade na língua inglesa. Como exemplo disto, em julho de 2017, o Departamento da Defesa dos EUA realçava como tinham sido eliminados seis oficiais sêniores do braço propagandístico do *Daesh* mediante ataques aéreos desde março daquele ano (Milton, 2018, pág. 7), o que faz parte da estratégia americana de eliminação de líderes do grupo (Calvo, 2016, pág. 85).

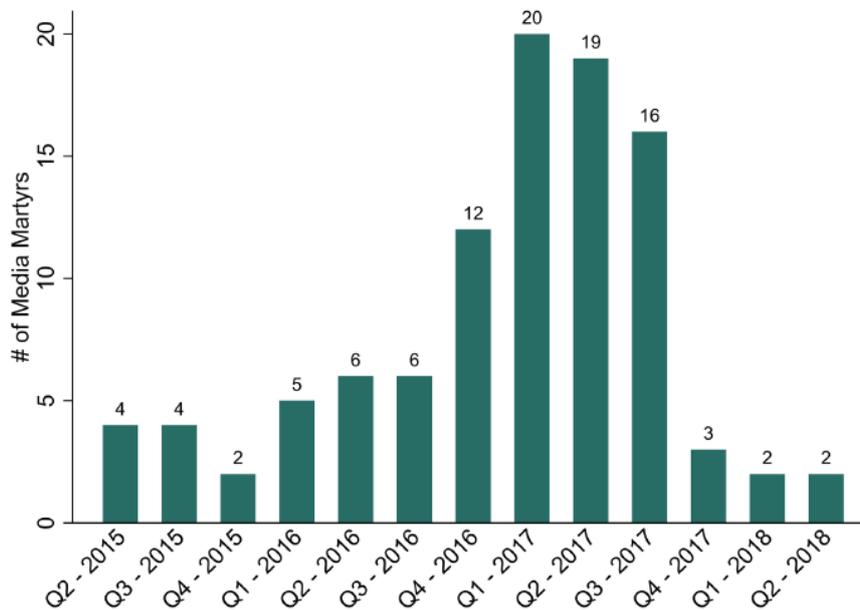


Figura 11-Anúncios do *Daesh* sobre operacionais da propaganda mortos, 2015-2018

Fonte: (Milton, 2018, pág. 6)

Por outro lado, a falta de material propagandístico relativamente às ações no campo de batalha, tem resultado em uma espécie de *re-mediatization*, traduzida numa multiplicação de órgãos de comunicação pro-*Daesh*, e das produções criadas pelos seus seguidores, visando com este efeito multiplicador a projeção da imagem do grupo como uma franquia (EUROPOL, 2019, pág. 35).

Importa dizer que o *Daesh* foi capaz de retomar as operações de mídia a nível global de forma coordenada em julho de 2018, o que indica que tinha reconstruído capacidades chave nessa altura. Com efeito, a sua campanha de insurgência “*Soldier Harvest*”⁷, foi coberta de forma alargada na sua publicação *Al-Naba*, até com vídeos semanais desde agosto 2018 a janeiro 2019. Os relatórios do *Soldier Harvest* (semelhantes aos de 2011-2014 da AQI), refletem a tentativa de testar a capacidade do grupo para voltar a monitorar as suas operações militares (figura 12), ao mesmo tempo que indicam uma melhoria no que respeita às suas capacidades multimédia, quando comparada com relatórios prévios. Por outro lado, a inclusão das outras províncias do *Daesh*, indica a vontade do grupo de integrar todas as suas campanhas, tanto as de fora como as de dentro da Síria e do Iraque (Cafarella *et al*, 2019, pág. 36).

⁷ Referência à campanha de AQI em 2013, sendo que, permitiu criar as condições para a conquista de Mossul (Cafarella *et al*, 2019, pág. 36).



Figura 12-Resumo das operações do *Soldier Harvest II* em *Al-Naba* 15-21 maio 2019

Fonte: Cafarella *et al* (2019, pág. 36)



2.3. O uso da *internet* e das novas tecnologias: um fator chave

A importância do alcance da *internet* (figura 13), juntamente com o uso que os terroristas fazem da mesma (figura 14) (Jawhar, 2016, pág. 24), permite ter uma ideia não só das audiências globais que são capazes de alcançar, como também das possibilidades/potencialidades que este tipo de ferramentas de comunicação apresentam para, organizar, recrutar e divulgar propaganda, arrecadar fundos, recolher informações, assim como inspirar e coordenar ataques terroristas (Fine *et al*, 2017, pág. 27).

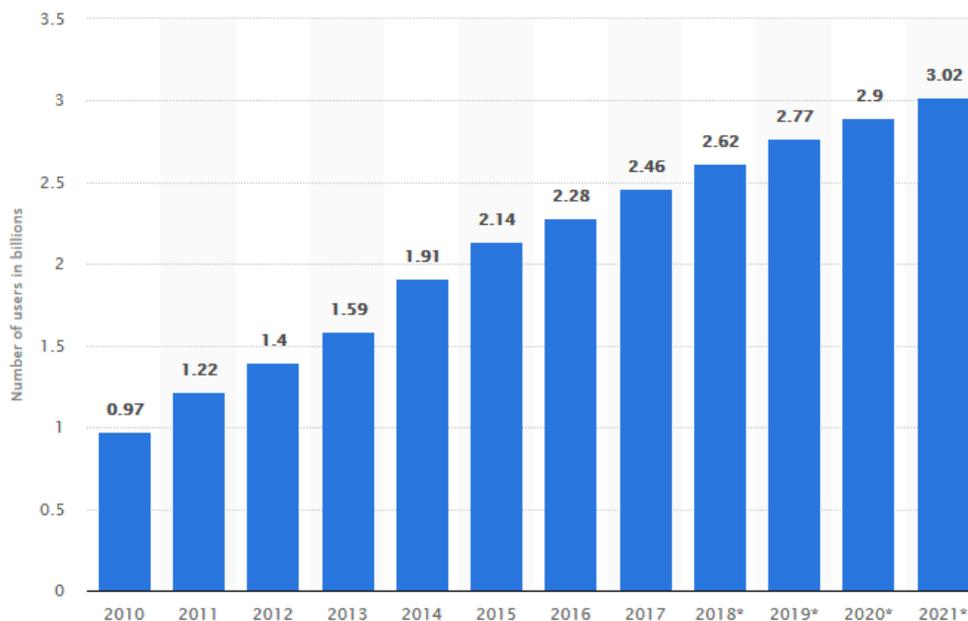


Figura 13- Número de utilizadores mundiais de RS, de 2010 a 2021 (em milhares de milhões)

Fonte: Statista (2019)



Figura 14-Uso da *internet* pelos terroristas

Fonte: Adaptado de Jawhar (2016, pág. 24)



A *internet* tem potenciado o efeito de técnicas como as chamadas 3R (*reach, relevance, resonance*) (figura 15), que têm impacto na credibilidade. Assim, a análise do emprego das RS pelo *Daesh* (anexo B), particularmente o *Twitter*, tem provado empiricamente que constituem muito mais do que ferramentas para maximizar o alcance, pois também potenciam a relevância e ressonância da mensagem nas AA (Ingram, 2016b, pág. 25).



Figura 15-As 3R como ferramentas para potenciar a credibilidade

Fonte: Adaptado de Ingram (2016b, pág. 25)

Destarte, através da sua campanha de *Cyber jihad*, o *Daesh* tem usado a *internet* e as RS alvejando jovens e pessoas impressionáveis para, mediante itens de propaganda, tais como o seu vídeo “*there is no life without jihad*” (disponibilizado na *Youtube*), incentivar as pessoas para virem a lutar pelo *Daesh*. As táticas de emprego das RS, e os *sound bites* das suas mensagens, possibilitam ao grupo ter acesso a uma audiência que, de outra maneira, não poderia ser alcançada através de encontros presenciais (Awan, 2017, págs. 138-139).

De interesse para o grupo tem sido o apelo aos “lobos solitários”, provando o acontecido a ambos lados do Atlântico que um grande número de ataques tem sido executado por indivíduos sem laços operacionais com o grupo, meramente inspirados pela sua narrativa e realizações (Vidino *et al*, 2017, pág. 35).

Neste sentido, revelam-se da maior importância nestes ataques independentes (que não irão precisar de autorização, comunicação ou fundos), as instruções disponibilizadas por revistas *jihadistas* como a *Rumiyah* ou a *Inspire* (Crimando, 2017, págs. 26-30).



Concomitantemente à perda do território pela pressão militar, o *Daesh* virou-se para aplicações encriptadas como o telegrama, em consequência dos esforços antiterroristas das forças de segurança, ensinando a arte do anonimato aos seus seguidores, mostrando assim uma mudança de tática. Em termos militares, tomaram o seu C2 (Comando e Controlo) e C4i (Comando, Controlo, Comunicações, Computadores e Informações) e o levaram-nos para fora da rede, a fim de passarem despercebidos (Matejic, 2016).

Portanto, enquanto o seu aparelho mediático e os seus produtos se deterioram, - incluindo a sua importante publicação, a revista *Rumiyah*⁸, que deixou de ser publicada - os seguidores do grupo continuam habilidosamente a usar as RS, a encriptação e a *dark web* para comunicar, motivar e facilitar ataques (CSNU, 2018a, págs. 5-6).

Por último, não só há propaganda via *internet*, como também existe o seu importante jornal *Al-Naba*, nomeadamente produzido *offline*. Segundo Mahloully e Winter (2018, pág. 5), cada publicação tem sido feita à medida para adequar-se às AA. Assim, enquanto a *Rumiyah* foi concebida para a disseminação aos seguidores a nível global, o *Al-Naba* era, e continua a ser, dirigido ao pessoal da área em conflito.

2.4. Síntese conclusiva

Neste capítulo, analisou-se a propaganda do grupo terrorista *Daesh*, uma campanha de comunicação planeada e centralizada, com uma segmentação de temáticas e mensagens feitas à medida para influenciar as suas AA e a opinião pública internacional, levando em consideração ferramentas da psicologia e do *marketing*; credibilidade, narrativa, lógica, justificação, ressonância identitária, pós-verdade e espetáculo: a marca *Daesh*, fiável, assustadora e credível.

Importa dizer que, a quantidade e qualidade da sua propaganda foi variando conforme o grupo foi sendo derrotado no terreno. Concomitantemente, houve uma evolução nas suas mensagens, pois as derrotas condicionavam a sua estratégia de vitória e contrariavam a narrativa de uma vida idílica no Califado. Tal situação, obrigou o grupo a virar-se para um outro relato de vitimização e vingança, o que propiciaria a subsequente chamada a cometer atentados no Ocidente decorrente da necessidade de manter o seu protagonismo.

Da mesma forma, os seus C2 e C4i viraram-se para a *dark web* e para a encriptação para passarem despercebidos, em consequência da ação militar e policial.

⁸ Em setembro de 2017 seria publicado o último exemplar da revista *Rumiyah*, sendo o grupo por primeira vez incapaz de cumprir o seu compromisso de uma publicação mensal (Torres, 2018, pág. 11).



Por último, importa realçar a importância da *internet* quer para aumentar o alcance, relevância e ressonância da sua mensagem, quer para arrecadar fundos, inspirar ou coordenar ataques entre outras possibilidades.



3. Os efeitos da propaganda do *Daesh*: da *Jihad* Individual aos Combatentes estrangeiros

Neste capítulo irá analisar-se a *jihad* individual, o fenómeno dos CE e retornados, o nexó entre imigração e terrorismo, bem como a xenofobia e a polarização da sociedade, graves ameaças para a segurança da UE e do Ocidente em geral.

3.1. A *jihad* individual: faça-você-mesmo

Segundo Styszyński (2016, págs. 1-2), as organizações como Al-Qaeda e o *Daesh* consideram a ideia da “*jihad* individual” essencial para lutar em países ocidentais, explorando-a através dos lobos solitários mediante a propaganda *jihadista* para cometer atentados.

Em setembro de 2014, o porta-voz do *Daesh*, Abu Muhammad al-Adnani, apelava áqueles seguidores que não tinham possibilidade de unir-se ao Califado, para ataquem o inimigo onde pudessem e com qualquer meio disponível, sem necessidade de esperarem instruções. De facto, entre a declaração do Califado, em junho de 2014, e fevereiro de 2017, o *Daesh* dirigiu ou inspirou cerca de 143 atentados em 29 países, provocando a morte de aproximadamente 2 mil pessoas e ferindo muitas mais (SG, 2017, p. 14).

Com efeito, ao longo 2017, quer a Al-Qaeda quer o *Daesh* disseminaram manuais com instruções sobre como perpetrar um ataque, sendo a diferença entre ambas, a mensagem e a justificação dos atentados. Enquanto a Al-Qaeda baseia a sua propaganda em dissensões políticas, o *Daesh* apela à ideia de um confronto final entre o bem e o mal. O grupo tem produzido vídeos incentivando ataques aos países membros da CID (anexo C), mediante o emprego de armas brancas, viaturas, explosivos⁹ ou qualquer outro meio disponível (EUROPOL, 2018, pág. 29).

Segundo Igualada *et al* (2018, pág. 31), a análise das ações terroristas da tabela 3 permite concluir que ainda em 2018, os autores resolveram atacar de forma independente, com ferramentas rudimentares e de fácil acesso na maioria dos casos. Duarte (2017, p. 19), destaca a natureza imprevisível destes ataques, com um certo isolamento operacional das estruturas do grupo (das quais apenas retiram orientação e inspiração), tornando-os muito difíceis de monitorizar.

⁹ No caso do ataque de Manchester, o seu autor fez detonar um artefacto explosivo (TATP) enquanto uma multidão abandonava o concerto de Ariana Grande, provocando assim uma carnificina (Pantucci, 2017, pág. 2).

Tabela 3-Ataques de inspiração *jihadista* na Europa em 2017-2019

Nº	DATA	Localização	Nº Autores	Falecidos	Tipo de Alvo	Grupo Terrorista	Modus Operandi
1	22/03/2017	Londres (Reino Unido)	1	5	Ponte e redondezas do Parlamento Britânico	Daesh	Atropelamento e arma branca
2	07/04/2017	Estocolmo (Suécia)	1	5	Zona comercial	Daesh	Atropelamento
3	20/04/2017	Paris (França)	1	1	Polícia	Daesh	Arma de fogo
4	22/05/2017	Manchester (França)	1	22	Grande Evento musical	Daesh	Artefacto explosivo
5	03/06/2017	Londres (Reino Unido)	3	8	Ponte e mercado	Daesh	Atropelamento e arma branca
6	28/07/2017	Hamburgo (Alemanha)	1	1	Supermercado	Vinculos Islâmistas	Arma branca
7	17/08/2017	Barcelona (Espanha)	1	15	Zona de pedestres	Daesh	Atropelamento
8	18/08/2017	Cambriis (Espanha)	5	1	Passagem marítima	Daesh	Atropelamento e arma branca
1	11/01/2018	Pas-de-Calais	1	0	Prisão	Al-Qaeda	Arma branca
2	23/03/2018	Carcasona e Trébes (França)	1	4	Supermercado	Daesh	Arma de fogo, tentativa de atropelo, sequestro com reféns em um supermercado
3	12/05/2018	Paris (França)	1	1	Centro da cidade	Daesh	Arma Branca
4	29/05/2018	Lieja (Bélgica)	1	3	Polícia	Daesh	Arma Branca e arma de fogo
5	31/08/2018	Amsterdã (Países Baixos)	1	0	Estação de comboio	Motivação jihadista	Arma Branca
6	11/12/2018	Estrasburgo (França)	1	5	Mercado de Natal	Daesh	Arma Branca e arma de fogo
7	31/12/2018	Manchester (Reino Unido)	1	0	Estação de comboio	Motivação jihadista	Arma Branca
1	17/01/2019	Oslo (Noruega)	1	0	Supermercado	Motivação jihadista	Arma Branca
2	05/03/2019	Condé sur Sarthe (França)	1	0	Prisão	Motivação jihadista	Arma Branca
3	24/05/2019	Lyon (França)	1	0	Zona de pedestres	Motivação jihadista	Explosivos

Fonte: Igualada *et al* (2018), Jiménez *et al* (2017, pág. 81), OIET (2019a; 2019b) e EUROPOL (2019, págs. 31,32)

A conspiração frustrada em Colónia (Alemanha), em junho de 2018, poderá ter sido o primeiro caso em que um *jihadista* produziu ricino de forma bem-sucedida. Por outro lado, provou que um indivíduo radicalizado pode produzir uma arma biológica usando tutoriais disponíveis na *internet* através dos canais privados de telegrama que os seguidores do grupo usam para comunicar (Flade, 2018, pág. 3). De facto, os seguidores do grupo nesta rede colocam qualquer material que possa ajudar os potenciais autores situados em países de língua inglesa, pouco preocupados pela origem ideológica das fontes. As características desta aplicação permitem disseminar este conteúdo numa espécie de santuário virtual contra as políticas de remoção de conteúdo (Clifford, 2018, pág. 28).

Para além da conspiração anteriormente descrita, em 2018, na EU, foram frustradas mais duas envolvendo materiais CBRN¹⁰. Curiosamente, no mesmo período foi observado um aumento na propaganda e tutoriais relativamente às matérias CBRN (EUROPOL, 2019, pág. 6).

O emprego de tutoriais pelos terroristas não é novo. Já em 2010, a revista *Inspire* da Al-Qaeda havia publicado um número com instruções para empregar uma viatura como arma de terror (Bergen, 2017). O *Daesh* seguiu também este caminho com a sua série específica da revista *Rumiyah* chamada de *Just Terror Tactics*, onde cada número se focava em explicar o emprego de um certo método de ataque (figura 16) (POOLRE, 2017, p. 26).

¹⁰ Chemical, Biological, Radiological, Nuclear.



'Just Terror Tactics' in *Rumiyah*, 2016–2017

Edition of <i>Rumiyah</i>	Date released	Just Terror Tactics number	Attack methodology highlighted
2	October 2016	None	Knife attacks
3	November 2016	Just Terror Tactics 1	Vehicle attacks and additional weapons
4	December 2016	Just Terror Tactics 2	Knife attacks
5	January 2017	Just Terror Tactics 3	Arson attacks
9	May 2017	Just Terror Tactics 4	Hostage-taking

Figura 16-Números de *Just Terror Tactics* e metodologia sugerida

Fonte: Adaptado de POOLRE (2017, pág. 26)

Embora durante o ano 2018 houvesse uma diminuição dos atentados, isto não deve ser traduzido como uma redução da ameaça, mas como um período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa (Igalada *et al*, 2018, pág. 15). Para além dos lobos solitários inspirados pela propaganda do *Daesh*, na Europa parece haver uma rede operacional bem organizada, treinada e “endoutrinada”. Paralelamente à simplicidade dos ataques *low-cost*, os ataques de Bruxelas e Paris provam que pode haver logística e coordenação (Duarte, 2017, pág. 19), como vieram demonstrar os recentes ataques no Sri Lanka¹¹ e na Tunísia¹².

A publicidade extra obtida na sequência dos ataques, atua quer como fonte de inspiração, quer como ferramenta de recrutamento para o *Daesh*. O lobo solitário precisa do grupo para dar significado às suas ações e maximizar o seu impacto para além dos efeitos em si. Sem a organização, o terrorista é só um assassino com um carro e uma arma branca. De forma semelhante, o *Daesh* precisa dos lobos solitários para mostrar ao mundo qual o seu alcance e esfera de influência. O lobo precisa da alcateia tanto quanto a alcateia precisa do lobo (Greene, 2017). Contudo, não pode ser esquecido o modelo clássico de célula terrorista e o perigo que supõe (SIGC, 2019), bem como as redes terroristas que possibilitam os ataques para atentar contra as mesmas sociedades em que estes indivíduos vivem (EUROPOL, 2019).

¹¹ Os vários atentados em igrejas do Sri Lanka no domingo de Páscoa provocaram mais de 250 mortos (Amarasingam, 2019, pág. 1).

¹² Em 27 junho 2019, dois atentados simultâneos na Tunísia provocaram pelo menos um morto e oito feridos (González, 2019).



Quando um lobo solitário conhecido pelas autoridades, é capaz de perpetrar um ataque, não é necessariamente porque as mesmas não lhe estão a prestar atenção, mas porque provavelmente a sua atenção esteve focada noutros pontos. A atribuição de recursos para a segurança não é sempre a resposta, sendo que os esforços devem centrar-se em reduzir a ameaça a níveis “geríveis” em vez de se incrementar a capacidade de vigiar os cidadãos, pois isso pode ter o efeito de aumentar o terrorismo em vez de o diminuir (SG, 2017, p. 26).

Os 511 detidos por terrorismo *jihadista* na Europa, em 2018, (figura 17) continuam a ser um número elevado (mais alto do que a cifra anual no período 2014), o que prova que a intenção de perpetrar atentados ainda existe.

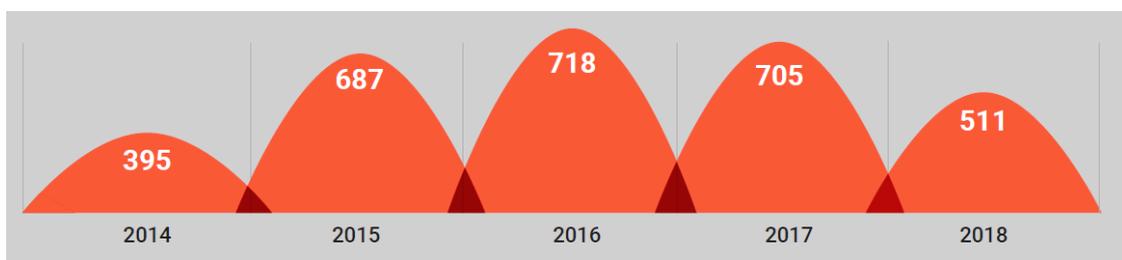


Figura 17-Número de suspeitos detidos por terrorismo *jihadista* na Europa 2014-2018

Fonte: EUROPOL (2019, pág. 29)

No final de contas, a potente narrativa do *Daesh* -fonte de inspiração para os seus seguidores-, o isolamento operacional, e a simplicidade de execução de ataques, juntamente com um hábil uso da *internet*, fazem dos lobos solitários uma ameaça imprevisível.

3.2. Combatentes estrangeiros e retornados

O fenómeno dos CE é já conhecido. Muitas zonas de conflito atraíram no passado estrangeiros: *Bósnia, Chechénia, Afeganistão e Paquistão*, etc. Atualmente, o que faz único o fenómeno dos CE é o número, sem precedentes, mobilizado para os conflitos na Síria e no Iraque. Importa realçar que muitos destes CE (cidadãos europeus que viajaram para onde o terrorismo governava) estão a voltar (RAN, 2017, pág. 15). São os chamados de retornados (anexo D).

Entre 2011-2016, cerca de 42 mil CE, provenientes de mais de 120 países, viajaram para se juntarem às fileiras do *Daesh*. Destes, aproximadamente 5 mil saíram de vários países de Europa: Bélgica, França, Alemanha, Reino Unido, Áustria, Dinamarca, Finlândia, Itália, Países Baixos, Espanha e Suécia. A média de CE que tem retornado (anexo D) ronda 30%, sendo este número maior (aproximadamente metade) nos que têm como destino a Dinamarca, a Suécia e o Reino Unido (WC, 2017). Na UE, o número de CE que tem tentado viajar ou o conseguiu em 2018, foi muito baixo. De facto, o foco das redes *jihadistas* europeias está agora no âmbito interno de UE, quer *offline*, quer *online* (EUROPOL, 2019,



págs. 7,9). Mas, o que é que leva estas pessoas a deixar a sua vida e o seu país de origem para lutar numa guerra noutra terra? Que motivações e fatores influenciam este fenómeno?

Borum e Fein (2017, pág. 250) explicam como a motivação é um dos mais importantes desafios na hora de mobilizar pessoal para desenvolver e manter uma campanha militar. Aplicando esse racional aos CE, a questão levantada não tem uma resposta simples, pois a motivação compreende quer fatores *push* (como a falta de integração) quer fatores *pull*, (como a defesa de uma identidade de grupo).

Com efeito, os mecanismos de radicalização são um produto da interação destes fatores (tabelas 4 e 5), existindo diferentes graus de velocidade de radicalização. Não há uma causa única que conduza à radicalização e ao extremismo violento, mas um caleidoscópio de fatores e numerosas combinações individuais (RAN, 2016, págs. 1,3,4). Em suma, não há um perfil psicológico para os CE. Os motivos para estes se unirem a um grupo terrorista, poderão ser múltiplos, o que inclui várias nacionalidades, etnias, idades e géneros, etc., sendo importante para compreender as motivações que inspiram os CE, os temas da propaganda e a lógica estratégica da propaganda do *Daesh* (anexo A) (RAN, 2017, p. 16).

Tabela 4-Fatores *push* que conduzem à radicalização

FATORES PUSH	Reação às experiências traumáticas de violência
	Frustração e desejo de vingança, baseados em humilhações, experiências discriminatórias e injustiças
	Afastamento da sociedade de imigrantes desenraizados em campos de refugiados e diásporas, agravados por marginalização socio-económica, e exclusão política
	Crise de identidade, procura de sentido e propósito na vida, aspirações frustradas, falta de perspectivas em casa e desejo de escapar, procura de redenção
	Conflictos não resolvidos e percepção de falta de soluções por parte dos atores estatais

Fonte: Schmid e Tinnes (2015, p. 38)



Tabela 5-Fatores *pull* que conduzem à radicalização

FATORES <i>PULL</i>	Ideologia extremista que proporciona justificação para os ataques contra pessoas externas ao grupo (por exemplo: não crentes)
	Presença de líderes carismáticos que traduzem os agravos em incentivos para se envolver na jihad
	Existência de militantes com mentalidade similar que reforça a inclinação de virar um Combatente Estrangeiro
	Aliciante para a aventura, alimentada por imagens de heroísmo dos Combatentes da jihad nas redes sociais
	Imitação (efeito contágio) da publicitada e aparentemente sucedida forma de operar dos terroristas
	Reconhecimento pessoal: perspectiva de reconhecimento como um lutador valente por uma boa causa, e a oportunidade de aumentar a imagem própria de zero (no próprio país) a herói (na terra da jihad)
Promesa de recompensas na vida após a morte (paraíso)	

Fonte: Schmid e Tinnes (2015, p. 38)

Observando ao sucesso inicial do *Daesh*, percebe-se como muitos seguidores que desejavam unir-se ao grupo faziam-no com a perspectiva de pertencerem a um novo Estado que lhes iria fornecer o que não encontravam em casa (SG, 2015, pág. 20). À medida que a sua capacidade de controlar o território diminuía, a sua habilidade para recrutar via-se reduzida a indivíduos principalmente motivados a lutar ou perpetrar atentados terroristas. Isto, juntamente com as medidas dos Estados para o controlo de CE, conseguiu quase interromper¹³ o fluxo de CE (CSNU, 2018a, pág. 5).

Qual é, então, a ameaça que estes trazem para a segurança da UE?

Os CE retornados têm tido, até certo ponto, muito a ver com a execução dos atentados de Bruxelas, em maio 2014 (museu judeu) e março 2016 (aeroporto e estação de metro), bem como os ataques de Paris, em novembro 2015. Nos ataques de Paris, pelo menos seis dos autores eram CE que tinham voltado da Síria, enquanto no ataque de Bruxelas, três dos cinco

¹³ Segundo o General Dunford (CJCS), em outubro 2018, os CE ainda viajavam para o *Daesh* a uma razão de 100 por mês, o que é uma importante queda face ao pico de 1.500 três anos antes (TDP, 2018).



eram CE retornados. Entre 2014 e 2016, houve 42 ataques terroristas no Ocidente, sendo que em 38 destes existiam conexões entre o *Daesh* e os autores que cometeram os ataques (WC, 2017).

Cragin, na sua análise de janeiro 2014 a julho 2016, estuda 27 ataques e 19 conspirações vinculadas ao *Daesh* na Europa ocidental, sendo que 18 dos ataques envolviam apoio logístico bem como apoio operacional. Quando são removidas as 10 conspirações onde não há certeza do envolvimento de CE, os retornados assumem-se como os responsáveis de 50% de todos os ataques e conspirações. Embora existam variações na percepção de ameaça dos retornados, há um consenso no sentido de que em termos de realização de funções de apoio ou secundárias, os retornados constituem uma ameaça séria à sociedade (See, 2018, p. 10).

Segundo o estudo de Vidino *et al* (2017, págs. 15-16), só 18% dos autores dos 51 atentados perpetrados entre junho 2014 e junho 2017, eram retornados. Porém, estes ataques foram os de maior letalidade. Da mesma forma, tiveram lugar em 8 países: França (17); EUA (16); Alemanha (6); Reino Unido (4); Bélgica (3); Canadá (3); Dinamarca (1); e Suécia (1) – ou seja, 32 ataques na Europa (63%) e os 19 restantes nos EUA (37%). Por último, importa dizer que 73% dos autores eram cidadãos do país no qual perpetraram o ataque.

A dificuldade de monitorizar quando um CE retornado ou vários estarão a planear um ataque ou a fornecer os meios para o executar e a vontade de atentar dos indivíduos frustrados, que não têm conseguido viajar para se unir ao *Daesh*, como resultado das medidas legais e policiais, conjuntamente com o facto de muitos serem cidadãos europeus, constituem, de certa forma, uma grave ameaça para a segurança de UE.

O que irá acontecer com os CE ainda vivos que foram unir-se às fileiras do *Daesh*?

Importa realçar que as contas no respeitante aos CE não batem certo. No final de 2017, a Coligação Internacional estimava que havia menos de mil terroristas na área de operações da Síria oriental e do Iraque ocidental (UNODC, 2018, pág. 6). Segundo um relatório de outubro de 2017 do SG (2017, pág. 5), o fluxo de CE tinha diminuído drasticamente, à medida que o *Daesh* perdia território e os Estados implementavam medidas para evitar as viagens ao Califado. Surpreendentemente, segundo uma Agência de Defesa Americana, o grupo controlava: (1) até 30 mil combatentes em agosto de 2018 (Cafarella *et al*, 2019, p. 8); e (2) segundo o relatório de fevereiro de 2019 do CSNU (2019a, pág. 4), na ordem de 14 mil a 18 mil militantes na Síria e no Iraque, o que incluía até 3 mil CE.



Portanto, e como indica a reflexão de Hassan Hassan (co-autor do livro: *ISIS: Inside the Army of Terror*), o número de CE no tocante ao *Daesh* pode ter sido inflacionado, no sentido de que há uma intenção de aumentar as cifras, a fim de se justificar a presença de tropas na Síria (Gutiérrez, 2017). Fará sentido, sobretudo, tendo em mente que a retirada das forças militares norte-americanas do Iraque em 2011, supôs que o Estado Islâmico do Iraque¹⁴ (AQI, antecessor do *Daesh*) pudesse recuperar da importante derrota militar infligida pelos EUA e pelas tribos sunitas (Fuente, 2018, pág. 11).

As forças democráticas Sírio-Curdas (FDS), revelaram que há 800 CE de cerca de 50 países nas suas prisões, e pelo menos 700 mulheres e 1.500 crianças em campos de refugiados. Quanto ao Iraque, segundo a ONU, pensa-se que haja outros mil CE de várias nacionalidades presos naquele país. Sobre o exposto, vários países manifestaram a preocupação sobre trazer de volta CE experientes do *Daesh*, e a dificuldade de recolher provas para apoiar investigações e procedimentos penais. Importa ainda sublinhar que a ONU tem manifestado preocupação face à saída dos retornados da prisão (BBC, 2019a).

Importa ainda referir, que nos campos de refugiados anteriormente descritos, há centenas de cidadãos Europeus –incluindo mulheres e menores-, e, apesar do caráter de vítima de muitos deles, a possibilidade de que tenham recebido treino, suscita preocupação no sentido da potencial ameaça que podem constituir no futuro (EUROPOL, 2019, pág. 7).

Os CE são um fenómeno difícil de gerir, sobretudo, porque as motivações das pessoas não mudam de um dia para o outro. O futuro das mulheres e crianças presas na Síria e no Iraque, bem como os CE à espera de ser libertados, com experiência para perpetrar atentados, são e continuarão a ser uma das maiores ameaças com que lidaremos nos próximos anos.

3.3. **Imigração, terrorismo e xenofobia**

A Europa tem sido testemunha de atentados terroristas nos últimos anos, existindo a perceção de uma possível relação entre terrorismo e refugiados, sendo que há argumentos contra e a favor desta suposta relação.

Dentro da primeira abordagem, Azevedo (2018, págs. 5-6) , expõe como há estudos científicos que revelam que nem o número de refugiados num determinado país, nem o acréscimo no influxo de imigrantes, têm nexos de causalidade com o número de atentados terroristas perpetrados naquele dado país. Porquanto não há dados estatísticos suficientes

¹⁴ A organização terrorista liderada por Musab al-Zarqawi, que após a invasão dos EUA ao Iraque, em 2003, passou a atacar aos “invasores estrangeiros”, bem como as populações xiita e curda, que começavam ter predomínio no país na era pós-Saddam (Tomé, 2015, pág. 10).



para confirmar a referida ligação entre terrorismo e refugiados, em conformidade com pesquisas de Randall, Sarcinski, Mazzucelli *et al*, Lendaro, Nail e Schmid em 2016.

No que diz respeito à segunda abordagem - a existência de relação entre terrorismo e refugiados -, Beck *et al* (2017, págs. 83,98), através de um estudo científico que analisa seis países¹⁵, afirmam que o incremento do terrorismo está ligado ao incremento da imigração desde regiões e países propensos ao terrorismo. A imigração é um só dos muitos fatores que podem conduzir a um incremento de terrorismo, resultando numa espécie de ligação física, uma “ponte” que possibilita a viagem de uma ideologia, uma cultura, e sobretudo, dos indivíduos necessários para transferir o extremismo das nações com problemas de terrorismo para regiões que previamente não estavam afetadas por este mal.

Nesta mesma linha, Bove e Böhmelt (2016, pág. 25), indicam na sua pesquisa que os fluxos de imigrantes são um instrumento importante para a disseminação do terrorismo de um país para outro. Porém, assinalam que um incremento da imigração, quando não está vinculada a países propensos ao terrorismo, está ligado a um menor nível de ataques terroristas.

Simcox (2018, pág. 1), argumenta como 44 refugiados ou requerentes de asilo estiveram envolvidos em 32 conspirações que resultaram em 814 feridos e 182 mortos no período 2014-2017. Cerca de 16% das conspirações *jihadistas* na Europa contaram com a participação de refugiados ou requerentes de asilo. O *Daesh* teve ligação com a maioria das conspirações, sendo a Alemanha o país mais afetado. No que respeita às nacionalidades, os Sírios, foram os mais frequentemente envolvidos. Quase $\frac{3}{4}$ dos conspiradores que levaram a cabo seus planos ou os viram frustrados, fizeram-no até dois anos após a sua chegada à Europa.

Com efeito, a EUROPOL (2019, pág. 42; 2018, pág. 28; 2017, pág. 14) expõe nos seus relatórios TESAT 2016-2019, como os terroristas utilizam os fluxos de migrantes¹⁶ para introduzir operacionais, embora considere que não de forma sistemática. Contudo, no futuro, o uso clandestino deste *modus operandi* pelos CE não pode ser descartado.

Mais preocupante ainda que a ameaça que supõem os requerentes de asilo e os refugiados, é a ameaça que representam os próprios cidadãos europeus. Muitos dos autores dos atentados terroristas ocorridos na Europa nos últimos anos eram nacionais europeus, descendentes de cidadãos originários de países do Médio Oriente, quer em segunda quer em

¹⁵ Alemanha, Turquia, Grécia, EUA, Canadá e Austrália.

¹⁶ Vários dos autores do ataque de Paris em 2015, entraram via Grecia junto com requerentes de asilo (EUROPOL, 2016a, pág. 29).



terceira geração, e que foram educados num sistema ocidental, que supostamente tinha que os integrar (Sarcinski, 2016; Nail, 2016). É neste quadro, que os terroristas usam comunidades de primeira ou segunda geração como polo de expansão do seu alcance para outras nações mediante a radicalização e recrutamento de migrantes recentes (Beck *et al*, 2017, pág. 83), passando a Europa a ser uma plataforma de replicação de efeitos para conseguir os objetivos do grupo.

O objetivo dos ataques terroristas na Europa torna-se evidente à luz dos antecedentes: provocar um forte sentimento antimuçulmano em forma de crimes de ódio, alienação e afastamento social, e o triunfo da direita e extrema direita com fortes sentimentos anti-islâmicos e anti-planos de imigração (Bin Sudiman, 2017, pág. 10). Em 15 março de 2019, na Nova Zelândia, obteve-se o melhor exemplo do triunfo desta estratégia dos terroristas, de que resultou o assassinato de 51 pessoas em duas mesquitas. Desta forma, Brendon Tarrant, o autor, terá publicado um manifesto, onde referiu que um dos seus objetivos estratégicos era: “incitar à violência, à retaliação e à divisão entre a gente da Europa (Ocidente) e os invasores que atualmente ocupam solo europeu” (Macklin, 2019, págs. 18-21). De facto, o CSNU (2019c, pág. 3) indica como os ataques em locais de culto como o referido, oferecem uma narrativa de conflito interconfessional progressiva.

Esta polarização, apresentada no parágrafo anterior, permite aos terroristas alimentarem-se dela e de a explorarem (Byman, 2019). Neste contexto, o *Daesh* tem sido muito hábil na sua estratégia, aproveitando a dinâmica de recrutamento-ataque-xenofobia, a qual irá criar um ciclo de ódio nos países-alvo inimigos do grupo. Adicionalmente, alimentará potenciais recrutas e seguidores, ao mesmo tempo que contribuirá para exacerbar a rejeição contra a comunidade muçulmana (Guo, 2015).

3.4. Síntese conclusiva

A disponibilidade de instruções *jihadistas* - que possibilitam a construção de artefactos explosivos ou até armas biológicas -, uma potente narrativa, a simplicidade no planeamento e execução, junto com o fácil acesso a ferramentas *low-cost*, fazem desta *jihad* individual, uma séria ameaça difícil de prever e neutralizar. A diminuição de atentados, quando avaliada juntamente com a vontade de atacar –e o número de detidos-, revelam um período de incertezas para Europa.

Importa dizer que o *Daesh* explora, de forma muito hábil, as pessoas vulneráveis das gerações descendentes de imigrantes presentes na Europa, passando assim a ter uma plataforma de replicação de efeitos ao seu dispor. O futuro dos CE presentes nas prisões,



bem como as crianças e mulheres presas na Síria e no Iraque, e os próprios retornados, são e continuarão a ser uma ameaça presente para a UE, com a qual terá de se lidar apropriadamente.

A imigração tanto pode constituir uma ponte para o terrorismo, como pode ser geradora de xenofobia -chegando a relacionar o Islão com os atentados-, questão que precisamente o *Daesh* procura e explora mediante o ciclo de ódio recrutamento-ataque-xenofobia, no intuito de polarizar a população para tirar vantagem, legitimar a sua causa e conseguir recrutas.



4. Combate aos efeitos da propaganda do *Daesh*: o papel dos instrumentos militar e policial

Neste capítulo, irá analisar-se o combate contra o *Daesh*, quer na sua perspetiva militar, quer na sua perspetiva policial, tendo em consideração que ambas as abordagens fazem parte de uma mais abrangente, que inclui todos os atores necessários para combater de forma efetiva os sérios efeitos do terrorismo na sociedade.

Assim, estudaremos as linhas de ação desenhadas pela CID, principalmente aquelas em que o instrumento militar tem tido maior impacto. Segue-se uma análise do combate ao terrorismo na UE numa perspetiva policial colocando o foco nos resultados de sua aplicação, bem como nas incertezas associadas ao caminho ainda a percorrer.

4.1. Resposta Militar

Quando as potências mundiais¹⁷ – a CID por um lado, e o governo Sírio e os seus aliados por outro- analisavam¹⁸ qual a estratégia a seguir para combater o *Daesh* no terreno, tiveram o cuidado de considerar as experiências passadas no próprio Iraque e no Afeganistão¹⁹, pelo que resolveram que o emprego da “asfixia²⁰” -no sentido de privar o grupo dos seus recursos-, forçando-o a lutar em várias frentes até por fim às suas reservas (Calvo, 2016, págs. 83, 90, 91), era a escolha certa. O modelo “treinar, aconselhar e possibilitar” (TAP) foi concebido, através de um contingente de forças ocidentais que iria treinar as forças locais, aconselhando-as e fornecendo-lhes as capacidades de combate necessárias para assegurar a derrota do *Daesh* (Garamone, 2019).

De facto, e como será explicado ao longo deste capítulo, os resultados no terreno assim o confirmam. Embora não haja dúvida que esta estratégia através do modelo TAP tem funcionado, -acabando fisicamente com o Califado em março do 2019-, a luta contra a ideologia ainda continua (Garamone, 2019). Não pode ser esquecido que é precisamente esta ideologia a parte mais importante do COG do *Daesh*, possibilitando a sobrevivência deste tipo de organizações terroristas (Habeck *et al*, 2015, págs. 10-11), em linha com o racional do General Dunford, ao referir que “é o fluxo de CE, bem como a habilidade para mobilizar recursos e a ideologia, que permitem que estes grupos funcionem” (TDP, 2018).

Nesta sequência, muitos países da Comunidade Internacional uniram-se para lutar contra esta ameaça, formando a CID em setembro de 2014, que agora é constituída por 81

¹⁷ Anexos C e F.

¹⁸ Anexo G.

¹⁹ Anexo C.

²⁰ *Idem*.



membros e instituições (Global Coalition, 2019). Assim, foram articuladas cinco linhas de esforço (GAO, 2017, p. 11): (1) providenciar apoio militar aos parceiros militares; (2) impedir o fluxo de CE; (3) neutralizar o financiamento do *Daesh*; (4) responder às crises humanitárias na região; e (5) expor a verdadeira natureza do *Daesh*.

Embora o instrumento militar possa ter efeito de uma forma direta ou indireta em todas as linhas desta abordagem holística, é na 1ª e na 3ª que se podem obter resultados mais claramente. Pires (2016a, págs. 95-96), considera essenciais as ações de combate contra grupos terroristas, como o *Daesh*, devendo estas ser executadas em estreita colaboração com as autoridades regionais e locais. Caberá a estas dirigir/liderar esta luta e, às forças internacionais, apoiá-las. Não pode faltar o compromisso e vontade das nações na alocação de recursos no terreno, quer económicos, quer financeiros, quer humanos.

É necessária uma intervenção que prima pela ação terrestre através das forças locais, e, se necessário, com o apoio das operações especiais, bem como através do recurso a uma ampla panóplia de meios, aéreos, navais, terrestres e tecnológicos, incluído a ação psicológica, e até a guerra eletrónica. Neste quadro, não podem ser esquecidos os diversos interesses das nações, por vezes conflitantes e opostos, pois irão condicionar a solução duradoura e coerente dos resultados conseguidos no terreno (Pires, 2016a, págs. 96-97). De facto, a aparente negligência em termos de diplomacia pode resultar num problema, pois esta revela-se crucial para lidar com as rivalidades e encontrar soluções face às guerras das quais o terrorismo se alimenta (ICG, 2017, pág. 17). No caso da Síria isso é particularmente importante, pois há múltiplos atores com diferentes interesses e agendas (anexo F), algum deles seguindo o princípio de soma zero (apêndice A).

Com efeito, e segundo Calvo (2016, pág. 87), foi a intervenção da Rússia em 2015, que dinamizou as ações dos EUA e dos seus aliados, perante a possibilidade de serem empurrados para segundo plano, começando a incluir no seu processo de *targeting*, camiões-cisterna, bancos e depósitos de dinheiro do grupo.

Passando à análise dos acontecimentos no terreno, as forças locais apoiadas pelas potências mundiais, através de ações militares conseguiram (incluindo ataques aéreos seletivos, figura 18) a conquista de Mossul (julho 2017) e de Raqqa (outubro 2017), a que se seguiu a declaração de um “Iraqe livre do *Daesh*”, em dezembro de 2017. Depois de cinco anos de combates, o *Daesh* viu cair praticamente 100% do Califado (figura 19) na Síria e no Iraque, após a conquista do seu último bastião, a cidade de Baghuz na Síria Oriental (BBC, 2019c).

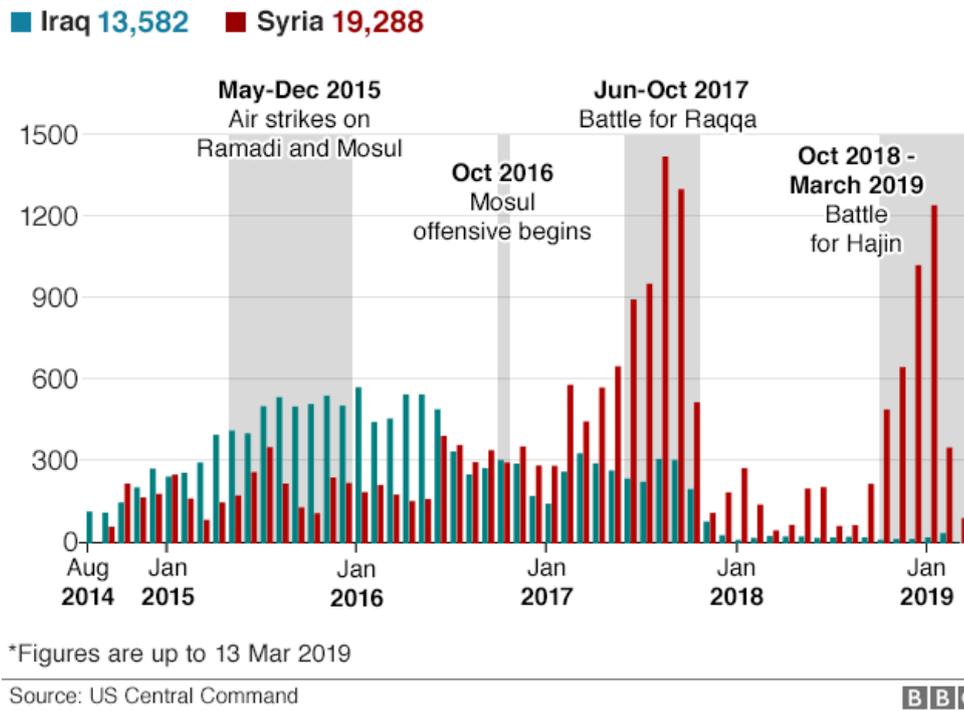


Figura 18-Ataques Aéreos da Coligação Internacional

Fonte: BBC (2019b)

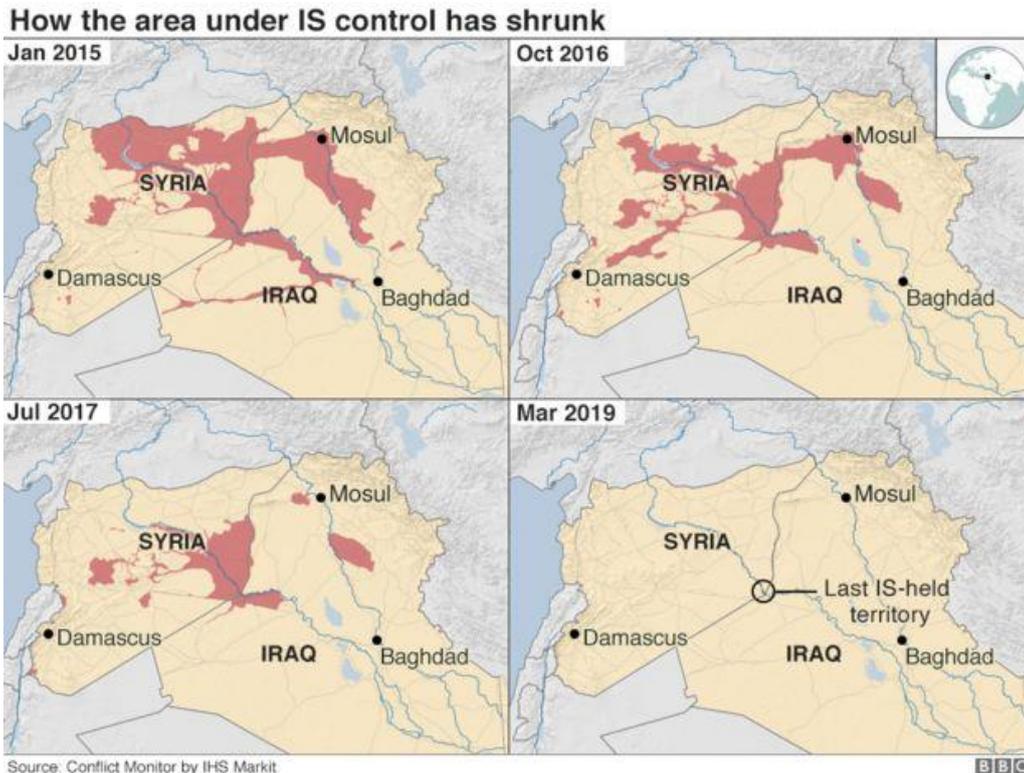


Figura 19-Evolução do território sob controlo do *Daesh*, 2015-2019

Fonte: BBC (2019a)

Relacionado com o exposto, o CSNU (2018b, p. 6) argumenta como pode existir uma relação causal entre a derrota militar do Califado do *Daesh* e a diminuição dos ataques na



Europa em 2017 e 2018. A capacidade de comando e controlo foi afetada, bem como foram eliminados, mediante ataques seletivos, muitos dos ativos operacionais e os responsáveis pelo planeamento de atentados, incluído o próprio al-Baghdadi (Mackintosh *et al*, 2019). Embora o líder de *Daesh* tenha sido singularmente apropriado para reviver a glória do passado e expandir o alcance do grupo (Barton, 2019), segundo Seligman (2019), a sua morte não se traduz num “toque de finados” para a organização, tal como a morte do Bin-Laden não se traduziu no final de Al-Qaeda.

No respeitante à linha (3) Neutralizar o financiamento do *Daesh*, em primeiro lugar importa sublinhar que, ao contrário de muitos grupos terroristas, o *Daesh* tinha uma população à qual podia cobrar impostos, e um território a explorar, quer extraindo recursos naturais, quer confiscando propriedades, ou assaltando bancos e lojas. Portanto, a sua estratégia era menos dependente de doadores ou de “negócios” próprios. Em contrapartida, esta dependência da população e território explica os problemas e a descida das suas finanças conforme descreve a figura 20. Em novembro 2016, o grupo tinha perdido 62% do território máximo, que havia controlado em 2014 no Iraque, e 30% na Síria. Do ponto de vista dos rendimentos, isto traduz-se em menos gente e empresas às quais tributar, e um menor controlo de recursos naturais, especialmente campos de petróleo (Heißner *et al*, 2017, pág. 12).

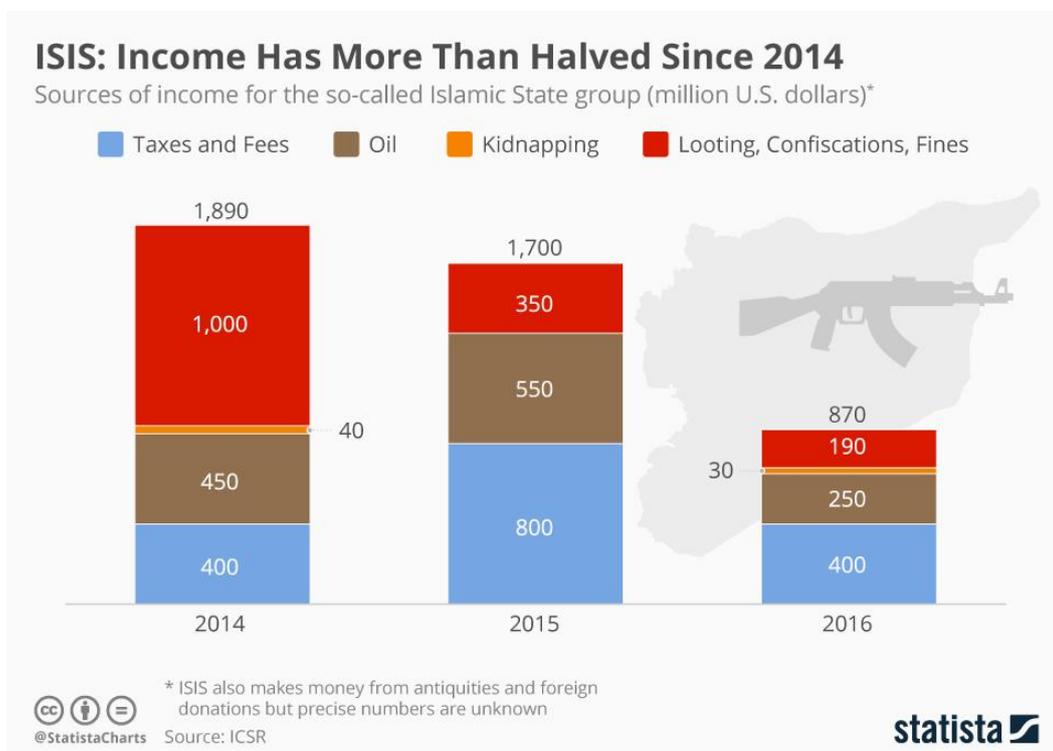


Figura 20-Queda de rendimentos do *Daesh*, 2014-2016

Fonte: McCarthy (2017)



Durante 2016-2017, conforme se mostra na figura 21, as perdas territoriais continuavam a ser o principal fator para a queda de rendimentos do grupo. A perda da densamente povoada Mossul, e das áreas ricas em petróleo de Raqqa e Homs, tiveram um impacto significativo na capacidade do *Daesh* para gerar riqueza (IHS Markit, 2017). As ações específicas dirigidas pela CI têm tido um grande impacto nas finanças do grupo. Assim, entre as mais importantes, destacam-se: (1) a decisão do governo iraquiano, em agosto de 2015, de deixar de pagar salários aos servidores públicos que estavam em territórios controlados pelo grupo; (2) o lançamento da Operação *Tidal Wave II*, em outubro 2015, cujo objetivo era alvejar infraestruturas do petróleo, sistemas de transporte, e depósitos de dinheiro; e (3) os esforços contínuos para diminuir o contrabando com a Turquia e as áreas sob controlo dos Curdos no Iraque. Em suma, as finanças do *Daesh* diminuíram significativamente, não pelas medidas específicas que seguiam uma abordagem clássica contra o financiamento do terrorismo, mas principalmente pela campanha militar e política destinada a isolar o grupo e a reconquistar o seu território (Heißner *et al*, 2017, pág. 12).

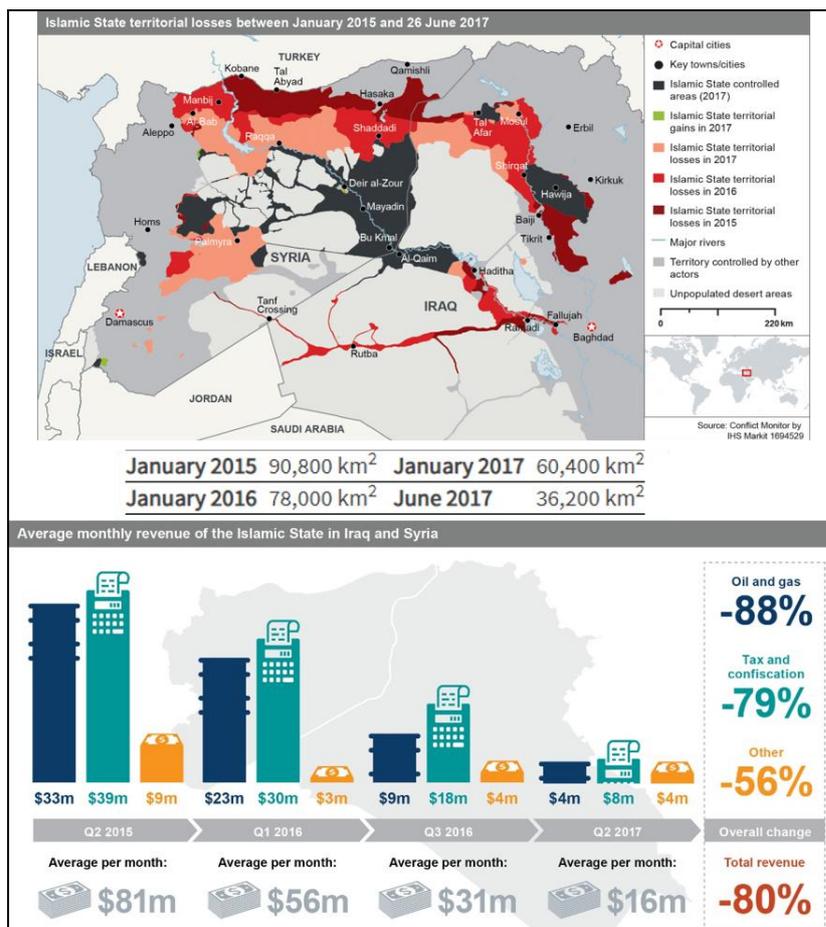


Figura 21-Relação entre o controlo de território e descida dos rendimentos do *Daesh*, 2015-2017

Fonte: Adaptado de IHS Markit (2017)



Apesar desta derrota militar, há Estados membros da ONU que estimam que as causas subjacentes do terrorismo estão presentes e talvez de forma mais grave do que anteriormente. Portanto, qualquer redução dos atentados é provável que seja temporária, até que o *Daesh* consiga recuperar e reorganizar-se. Destarte, os Estados membros fazem uma distinção entre a diminuição do número de ataques bem-sucedidos e o nível constante de atividade de inspiração terrorista, o que sugere que o que levou a esta calma relativa não foi uma perda de motivação dos terroristas, mas a perturbação da capacidade do *Daesh* de planejar e executar ataques (CSNU, 2018b, pág. 6).

A transição do *Daesh* de um grupo com controlo de território para uma rede terrorista clandestina leva a que as suas finanças sejam mais difíceis de detetar (CSNU, 2018b, pág. 7), sendo que, embora as reservas financeiras do grupo tenham diminuído, estima-se que ainda sejam na ordem dos 300 milhões de dólares americanos (anexo I). Crê-se que o grupo é capaz de apoiar economicamente ataques terroristas quer dentro da Síria e do Iraque, quer fora, e ainda que tem capacidade para gerar rendimentos que garantam o seu autofinanciamento (CSNU, 2019b, pág. 3).

Resumidamente, o pragmatismo no emprego do instrumento militar –levando em consideração as experiências em anteriores guerras dos exércitos profissionais ocidentais– através das ações cinéticas, os ataques seletivos a operacionais qualificados, a supressão dos recursos do grupo mediante a “asfixia” conjunta de todos os atores, junto com o modelo TAP e outras medidas (apêndice C), parecem ter dado os seus frutos, pois o controlo de território do *Daesh* terminou. Porém, a ideologia e as causas que propiciaram o advento do *Daesh*, ainda continuam.

4.2. Resposta Policial

Dos mais de 5 mil CE que viajaram da Europa para a Síria e Iraque entre 2011-2016, cerca de 1.200 terão voltado (PE, 2018a, pág. 31). O simples número de CE, representa já de si, a ameaça de atentados terroristas. A letalidade das ações depende do nível de treino e da capacidade para obter armas e explosivos, tendo por um lado, resultado em ataques complexos e bem preparados, como os de Paris e Bruxelas, e ainda no recurso aos “lobos solitários”. Para a sua execução, observam-se dois fatores: (1) o emprego de redes criminais para obter meios; e (b) o uso da *internet* e das RS para o recrutamento, treino e radicalização, incluindo a obtenção de meios, informação e até contactos para ir/voltar às zonas de conflito, ou para deslocamento até ao local onde o atentado será cometido (Navarrete, 2016, pág. 106).



Segundo o Parlamento Europeu (PE) (2018b, pág. 4), e de acordo com a análise de EUROPOL, os ataques em 2018 foram perpetrados por terroristas criados e radicalizados (anexos D e H) nos seus países de origem, e não pelos CE. A radicalização de terroristas nacionais tem-se incrementado, em linha com a radicalização dos lobos solitários, tendo em conta que os seus ataques são inspirados mais do que dirigidos.

O número de mortes, detenções e atentados entre os anos 2014-2017 (figura 22), dão ideia da ameaça que o terrorismo *jihadista*, em particular o proveniente do *Daesh*, pressupõe para a segurança da UE.

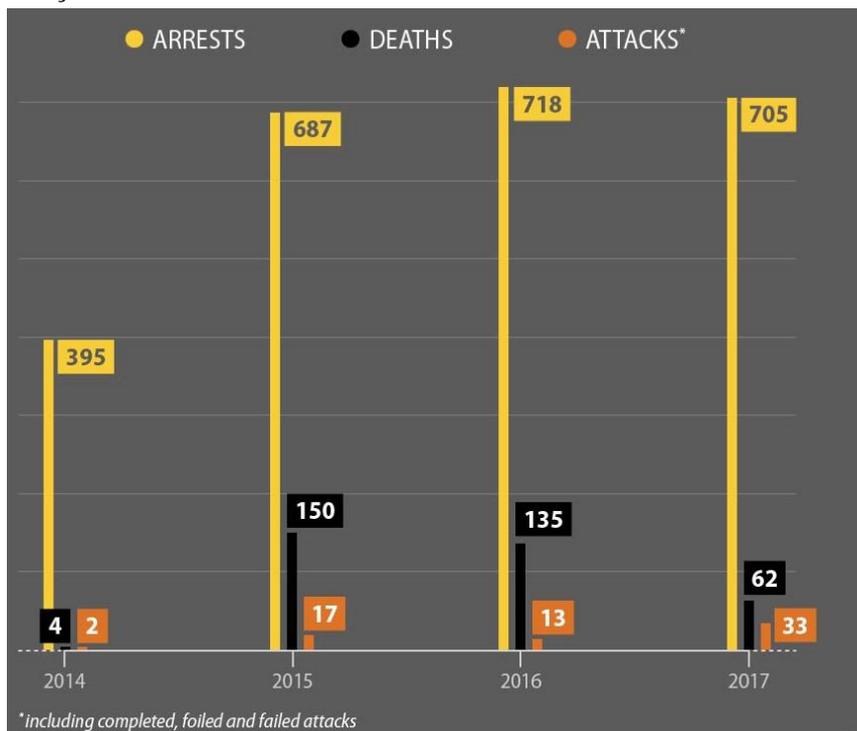


Figura 22-Terrorismo inspirado no *jihadismo* na União Europeia, 2014-2017

Fonte: PE (2018b, pág. 3)

Em 2005, o Conselho da UE adotou a estratégia global contra o Terrorismo (anexo E) no intuito de contribuir a uma Europa mais segura. Esta estratégia assentou em quatro pilares básicos: (1) prevenir; (2) proteger; (3) perseguir; e (4) responder (Consilium, 2018a). Segundo o SIGC (2019), as mudanças legislativas feitas²¹ na UE a partir da resolução 2178 das Nações Unidas, e a criação de ferramentas como a IRU²² da EUROPOL, têm possibilitado que o combate contra o *Daesh* tenha sido mais eficaz.

Contudo, quando ocorre um atentado cujo autor é conhecido pelas autoridades, a sociedade questiona como é possível que, sendo conhecido, estivesse livre, ou não sujeito a vigilância permanente. Isto representa o problema essencial do terrorismo moderno, e ao

²¹ Anexo E.

²² *Internet Referral Unit*, anexo E.



mesmo tempo seu maior êxito. Ou seja, os governos estão sob pressão para respeitar as liberdades em relação com a suspeita de um possível crime, e não o estão quando é consequência de uma atividade criminal já provada (SG, 2017, pág. 26).

Neste sentido, a presidente da Comissão especial sobre o Terrorismo da UE, Nathalie Griesbeck, afirma que, na perspectiva dos recursos humanos, é impossível controlar continuamente todas as pessoas com antecedentes criminais. Como exemplo, na França, cerca de 20 mil indivíduos estão no registo de radicalizados, quer por um vínculo com alguém, quer por uma intenção. Podemos deduzir que os mais perigosos deviam ser vigiados e presos se necessário, sendo que não é possível colocar um policial a vigiar cada pessoa com um registo criminal (Gutiérrez, 2018). Contudo, potenciar a figura do coordenador da luta contra o terrorismo na UE (Consilium, 2020), contribuiria para a melhoria do sistema. Dado os elevados números envolvidos na questão, o problema para as autoridades reside na priorização de alvos, e em estabelecer uma abordagem caso a caso (SG, 2017, pág. 26).

A parte mais importante do trabalho policial contra o terrorismo, é impedir que um ataque aconteça, o que acarreta uma componente de *intelligence* muito marcada, e a procura de sinergia e coordenação necessárias para tal (SIGC, 2019). Destarte, para as autoridades, a vigilância via *internet* nesta era digital, torna-se essencial. Tomando como exemplo a conspiração²³ frustrada em Colónia (Alemanha), foram as compras efetuadas pelo autor na *internet*, que fizeram soar os alarmes. Em maio de 2018, Sief Allah, comprou pelo menos mil mamonas (*Ricinus communis*) e um moedor de café pela *Amazon*, levando a que uma Agência de Informações britânica que monitorizava a rede, informasse o *Bundesnachrichtendienst* (BND) acerca de compras suspeitas realizadas por um tunisino que morava na Alemanha (Flade, 2018, pág. 2).

Neste quadro da cooperação, a operação *Tajmil* da Guardia Civil contra a propaganda do *Daesh*, permitiu conseguir informação sensível e identificar utilizadores em 133 países, possibilitando o desenvolvimento de uma operação internacional²⁴ coordenada pela EUROPOL em abril de 2018, que conseguiu afetar parte do aparelho de propaganda do *Daesh* (GC, 2018). Houve um bloqueio simultâneo e ataque às plataformas de propaganda do grupo tais como AMAQ, al-Bayan *radio*, *Halumu* e *Nashir news*. Embora a atividade destas fosse reativada pouco após o objetivo real da operação era a informação contida nos

²³ Tentativa de perpetrar um atentado usando rícino.

²⁴ Os Serviços antiterroristas de França, Roménia, Bulgária, Países Baixos e Estados Unidos coordenados pela IRU da EUROPOL, apreenderam servidores informáticos localizados nos respetivos países, pois eram empregues pelo *Daesh* para a disseminação de conteúdo (GC, 2018).



servidores, que iria permitir analisar de forma aprofundada quem é que estava por detrás da propaganda, quem a recebia, e, portanto, quem era uma potencial ameaça terrorista. Os vetores usados para disseminar o conteúdo terrorista conjuntamente com o conhecimento das TTP²⁵ dos *jihadistas*, terão permitido desenhar um mapa de quem faz o quê na guerra *online*, em linha com o que o grupo tem travado para radicalizar potenciais recrutas (Bussoletti, 2018).

Sobre a importância nos dias de hoje da coordenação policial, os ataques no domingo de Páscoa, com nove bombas, que explodiram em hotéis e igrejas em Colombo (Sri Lanka), levantam a importante questão de porquê nada foi feito, tendo existido numerosos avisos de Agências de Informações estrangeiras (Amarasingam, 2019, pág. 8). Sendo que a coordenação nem sempre é como nos casos da EUROPOL e da Colónia, anteriormente descritos.

Contudo, a eficácia das operações policiais e do combate ao terrorismo na UE é manifesta, como o demonstram os números da figura seguinte.

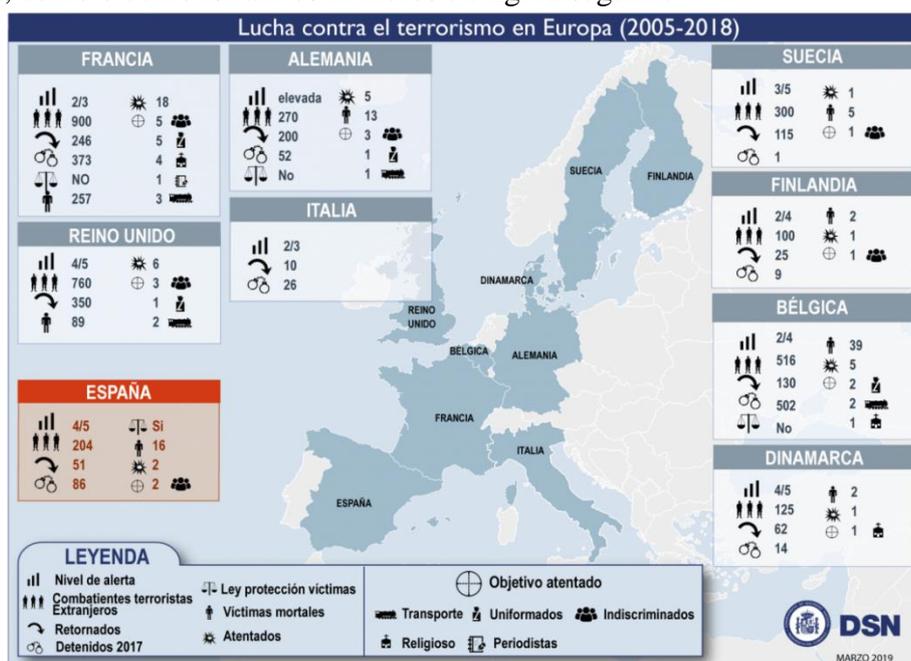


Figura 23-Luta contra o terrorismo na Europa (2005-2018)

Fonte: DSN (2019)

Olhando para a figura 23, importa sublinhar que a Itália não tem sofrido ataques terroristas graves até hoje, o que deve ser analisado, pois é um ponto de acesso de migrantes, como também é exponente das nações da “cruz” (católicas).

²⁵ *Tactics, Techniques and Procedures.*



Segundo vários especialistas em terrorismo (onde se incluem Lorenzo Vidino²⁶ e Edward Luttwak), o emprego alargado das deportações administrativas, junto com leis restritivas, no que diz respeito à nacionalidade, representam fatores importantes que ajudam a elucidar o porquê desta incidência terrorista quase nula em Itália. De facto, até hoje, a Itália tem evitado atentados no seu território. É, aliás, curioso que o emprego destas medidas não tem suscitado muito debate no país (Marone, 2017). Para além das medidas de deportação imediata dos estrangeiros suspeitos de serem uma ameaça, bem como das leis restritivas sobre a nacionalidade, Vidino sublinha que os autores de ataques no Ocidente têm sido quase exclusivamente cidadãos de segunda geração (anexo H), sendo que a Itália mal possui uma segunda geração (Montgomery, 2016).

Em síntese, perante ameaças complexas como o *Daesh*, há que confrontar a impossibilidade de controlar todos a todas as horas, sendo a monitorização da atividade suspeita via *internet*, bem como a cooperação entre Estados, os elementos chave do combate contra o terrorismo.

4.3. Futuro de incertezas

Naquela que foi a segunda aparição de al-Baghdadi em vídeo, em abril de 2019, o líder do *Daesh* marcou o início de uma nova fase para as operações da organização. Para além de fazer referências ao ataque no Sri Lanka, Baghdadi dá calorosas bem-vindas às suas filiais, como as do Mali e Burkina Faso, fazendo uma referência à sua filial na Turquia, frisando como todas fazem parte de uma entidade única. No fundo, o líder do *Daesh* pretende projetar uma imagem de força e coesão, ao mesmo tempo que reivindica a sua liderança, tudo mediante a intensificação da presença global do grupo (anexo J e K) e dos seus atentados (al-Lami, 2019). Com efeito, e segundo o CSNU (2019c, pág. 3), o grupo irá reinvestir na sua capacidade para desenvolver operações no estrangeiro assim que puder, para possibilitar ataques internacionais, para além dos que já inspira globalmente.

De facto, e segundo Cafarella *et al* (2019, pág. 8), o *Daesh* está longe de ser derrotado, apesar da perda total de território do chamado Califado na Síria e no Iraque. Apesar disso, é mais forte do que era a AQI em 2011, quando os EUA se retiraram do Iraque. Naquela altura, a AQI tinha 700-1000 combatentes, sendo que o grupo foi reconstruído a partir daquele pequeno grupo de guerreiros, até se fazer grande o suficiente para conquistar Fallujah, Mossul, e outras cidades no Iraque, e ainda conseguir controlar uma grande parte do Leste da Síria em apenas 3 anos. Quando comparada a situação em 2011 com a actual, infere-se

²⁶ Diretor do Programa sobre Extremismo da Universidade de *Washington*.



que o grupo pode recuperar muito mais rápido, e a um nível muito mais perigoso, a partir da força e das capacidades (anexos I e L), que hoje pode ter -cerca de 30 mil CE em ambos os países-. De facto, as autoridades iraquianas têm expressado a sua preocupação face à incapacidade do governo para fornecer os serviços básicos. A exploração, quer das debilidades e falhas do governo iraquiano, quer das tensões sectárias, reproduzem as condições que o *Daesh* explorou para surgir e conquistar território no Iraque (Fine *et al*, 2019a, p. 8).

Por outro lado, Nesser (2018) sublinha como é um erro comum avaliar a ameaça em termos dos ataques executados, pois deve-se, entre outros aspetos, olhar também às conspirações frustradas pelas forças policiais. Até maio de 2018 (figura 24), a Europa foi testemunha de, pelo menos, 12 conspirações *jihadistas*, seis das quais resultaram em ataques. A descida é significativa, sobretudo seguindo o pico que houve em 2017. Contudo, em comparação com valores anteriores a 2015, o número de conspirações é ainda alto, apesar dos elevados gastos para diminuir a atividade terrorista.

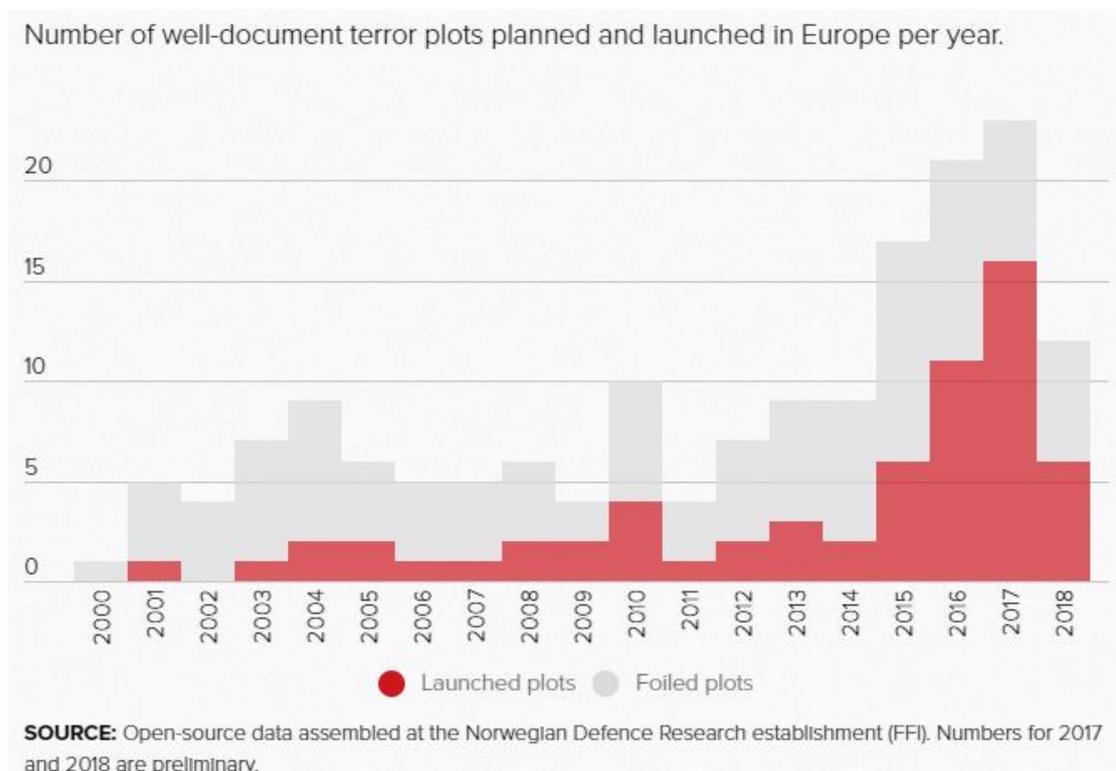


Figura 24-Conspirações terroristas e atentados executados na Europa, 2000-2018

Fonte: Nesser (2018)

Para além dos sete ataques perpetrados em 2018, os Estados membros da UE informaram que houve 16 conspirações frustradas (figura 25), o que é prova da efetividade dos esforços contra o terrorismo. Contudo, importa dizer que este elevado número de



conspirações frustradas, juntamente com os esforços do *Daesh* para cometer ataques fora das zonas de conflito, indicam como o nível de ameaça se mantém elevado na UE (EUROPOL, 2019, pág. 6).

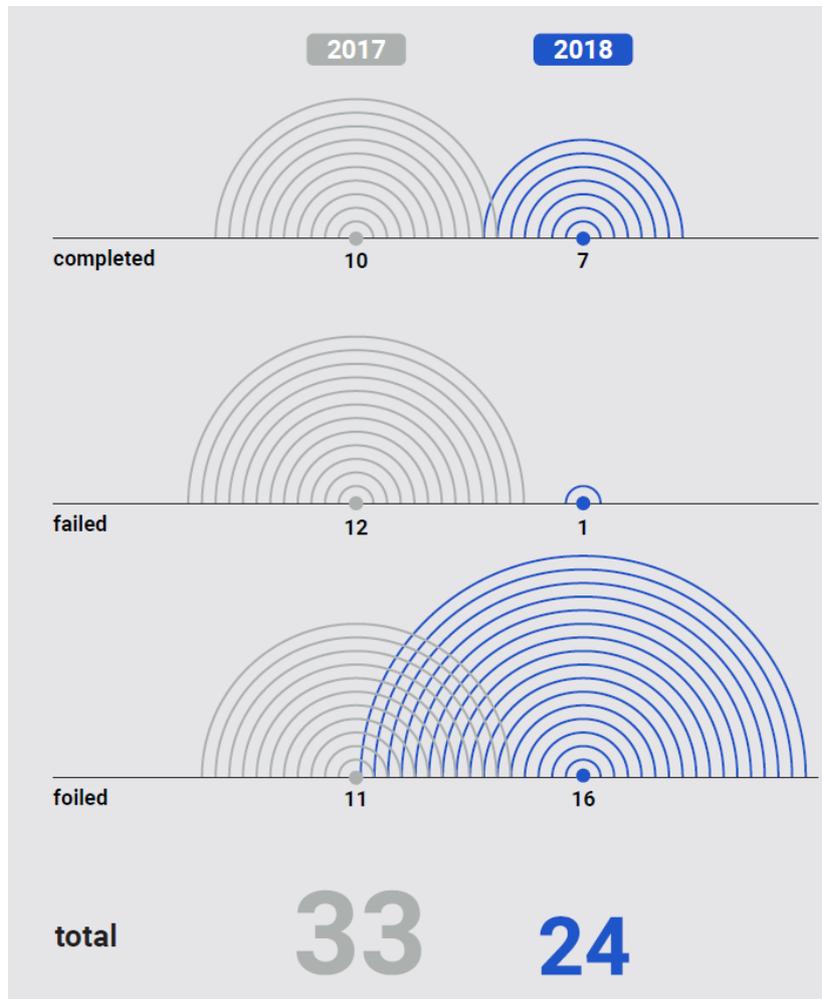


Figura 25-Ataques e conspirações *jihadistas* em 2017 e 2018

Fonte: EUROPOL (2019, pág. 14)

No respeitante ao emprego dos instrumentos militar e policial contra o terrorismo, o professor Joseph Nye (2007), expõe a necessidade do chamado de *soft power*. Para o cientista político, a luta contra o extremismo islâmico violento não é um choque de civilizações, mas uma guerra interna do Islão. Logo, não poderá ser vencida, a menos que a corrente muçulmana dominante ganhe.

Destarte, Nye compara o terrorismo com o *Jiu-jitsu*, onde o lutador pequeno vence o grande fazendo com que este último aplique força contra si próprio. Assim, deve ser combinado o emprego do *hard power* e do *soft power*, de onde resultam respostas moderadas. Os instrumentos militar e policial devem ser empregues contra o núcleo duro do



terrorismo, pois este não irá mudar de ideias, mas também devem ser implementados programas para atrair aos indivíduos que os rodeiam (PS, 2017), importando frisar que, o êxito depende da capacidade de fazer progressos em áreas não-militares (McInnis, 2016, pág. 2).

Por último, como sublinha Pires (2016b, pág. 123), contra grupos como o *Daesh*, há respostas multifacetadas, mediante o emprego de vários instrumentos, onde, o aparelho militar é mais um, complementar, coordenado e alinhado com os restantes ao dispor dos países e das Coligações Internacionais.

4.3. Síntese conclusiva

O emprego do aparelho militar tem tido resultados decisivos na derrota do *Daesh* no terreno, quer na sua capacidade de comando e controlo, quer na sua habilidade de recrutamento e propaganda, quer ainda no seu financiamento.

A “asfixia” empregue contra o grupo -a fim de acabar com os seus recursos-, conjuntamente com o amplo leque de meios militares disponíveis, têm resultado na derrota territorial do *Daesh*. Porém, importa frisar a relevância nesta vitória do alinhamento temporário dos países, apesar dos interesses conflitantes das grandes potências.

No campo das sociedades Europeias, o combate policial contra o terrorismo tem conseguido frustrar muitas conspirações, devido a uma utilização eficaz das informações e à monitorização da atividade do grupo *online*. A necessária cooperação torna essencial contar com ferramentas e instrumentos que possibilitem a partilha de conhecimento e *intelligence*, pois, sem esta partilha e sem esta cooperação, os ataques continuarão a ocorrer.

As ferramentas legais e operacionais implementadas, têm possibilitado eficácia neste combate. Porém, e apesar do trabalho militar e policial que têm conduzido a uma descida do número de ataques bem-sucedidos, o nível constante de atividade de inspiração terrorista e o número de conspirações frustradas, provam que existe determinação. Portanto, existe ameaça, embora tenha sido temporariamente afetada a capacidade de planear e executar atentados.

A gestão das novas gerações de cidadãos descendentes de migrantes, importante AA do grupo, bem como da audiência de que fazem parte muitos dos terroristas, será fulcral no desenvolvimento de uma Europa mais segura.

O futuro do *Daesh* é incerto, pois tem maior capacidade na atualidade da que tinha o seu predecessor, a AQI, quando foi capaz de se reorganizar e conquistar o território que propiciou o advento do *Daesh*, e ainda se expande a nível global mediante filiais, potenciais



sedes e plataformas de efeitos do grupo. Portanto, existindo, como existe, a vontade de atacar, há que continuar com a estratégia que, até agora, tem funcionado, sem esquecer que é o êxito nas outras áreas não-militares o que irá garantir que a vontade e a ideologia que mobiliza os seguidores do *Daesh*, possa eventualmente acabar e, com estas, o grupo.



Conclusões

Nesta investigação foi proposto analisar quais as políticas e ferramentas, nos domínios militar e policial, que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh*, o que foi possível mediante um modelo de análise (apêndice B) que permitiu estruturar a recolha de dados. Da pesquisa surgiram duas grandes conclusões: (1) os esforços antiterroristas nos âmbitos militar e policial têm conseguido acabar com o controlo de território do grupo e, ainda, têm resultado numa diminuição do número de atentados na União Europeia (UE), em consequência do alinhamento temporário das potências mundiais e fruto da coordenação policial no âmbito da UE; (2) contudo, isto não se traduz numa redução da ameaça, mas apenas um período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa, já que esta fase não resulta de uma perda de motivação dos terroristas, mas da perturbação da sua capacidade para planear e executar ataques.

Na atualidade, com o grupo em modalidade de insurgência clandestina na Síria e no Iraque, e sendo que o Califado físico acabou, levantam-se questões sobre se a organização continua a ser um perigo para o Ocidente. Os recentes atentados na Tunísia e na Sri Lanka, a expansão global através de filiais, e especialmente a situação na Síria e no Iraque, alertam-nos que as causas que propiciaram o advento do *Daesh* ainda continuam. O exposto, quando tomado em conjugação com o número de conspirações frustradas, o número de detidos, e os CE prestes a ser libertados ou repatriados, permite-nos considerar que o grupo continuará a representar uma ameaça no futuro.

Neste enquadramento, analisaram-se as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh* e o seu combate nos domínios militar e policial, em linha com o OG e a procura de resposta à QC: *Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh?*

Para o efeito, a estratégia de investigação foi de tipo qualitativo, com um reforço quantitativo, assente num estudo de caso como desenho de pesquisa, e raciocínio dedutivo apoiado nos conceitos de: terrorismo, propaganda, ameaça e segurança, segundo a estrutura de quatro capítulos do nosso modelo de análise. Relativamente à metodologia, a pesquisa assentou numa análise documental de artigos, relatórios tanto da Coligação Internacional contra o *Daesh* como do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), e outras fontes documentais, para além da entrevista semi-estruturada realizada a componentes do *Servicio de Información de la Guardia Civil* (SIGC), sobre a importância da operação *Tajmil* e da



operação internacional coordenada pela EUROPOL no combate contra a propaganda do grupo.

Quanto aos resultados obtidos, no segundo capítulo, foi analisada a propaganda do *Daesh*, o seu conteúdo e evolução, e os fatores que a definem. Desde o início, o *Daesh* era consciente da importância da comunicação na sua estratégia, pelo que, aproveitou o ímpeto de vitórias na conquista de território para consagrar legitimidade e brilho à sua causa, criando sua própria marca, a fim de executar o plano de cinco fases para a implementação de Califado do seu antigo líder, Abu Musab al-Zarqawi. De facto, é precisamente a ideia de um verdadeiro Estado funcional que toma conta dos seus cidadãos, o que caracteriza a utopia proposta pelo *Daesh*, e, o que tem conseguido atrair tantos seguidores e combatentes. Mediante uma estrutura de governo assente na experiência e conhecimento dos oficiais de Saddam presentes nas suas fileiras, o grupo conseguiu alinhar os seus aparelhos mediático, militar e religioso.

O grupo dissemina mensagens adaptadas às suas audiências-alvo (AA), no intuito de conseguir apoio e união nas suas fileiras, ao tempo que procura aterrorizar os seus adversários. Para tal, mediante a sua propaganda, recrutou especialistas em média e tecnologia que, possibilitaram, através da *internet*, amplificar o alcance, relevância e ressonância destas mensagens, bem como arrecadar fundos, coordenar ou inspirar ataques entre outras opções.

Os combatentes estrangeiros (CE) promoveram a *hijrah* em vídeos e revistas, orientando a narrativa para uma ênfase nos serviços fornecidos pelo grupo como um Estado autêntico, mas, ao mesmo tempo, o grupo procurou expor a corrupção de Ocidente e o seu apoio à manutenção de ditadores no poder, de que resulta a opressão dos muçulmanos.

Conforme o *Daesh* começou a perder território, consequência dos esforços militares das potências mundiais, e as forças de segurança faziam esforços para evitar as viagens dos CE e neutralizar a propaganda do grupo na *internet*, o grupo iniciou uma chamada às armas para perpetrar ataques no Ocidente. Assistiu-se, por isso, a uma evolução da narrativa da utopia, e, passou-se à retaliação contra os “inimigos do Islão”. Para sobreviver, o grupo virou-se para aplicações encriptadas como o telegrama, mostrando aos seus seguidores a arte do anonimato e da segurança por forma a passarem despercebidos, à custa de um menor alcance nas suas AA.

Na atualidade, a falta de produtos do campo de batalha, tem resultado uma re-mediaticização, um efeito multiplicador por órgãos de comunicação pro-*Daesh*, visando a



projeção da imagem do grupo como uma franquia. No mesmo sentido, naquela que foi a segunda aparição do Abu Bakr al-Baghdadi, em abril 2019, o líder transmitiu a ideia de que as suas filiais fazem parte de uma entidade única, o *Daesh*, e que estão a travar uma guerra de atrito contra os seus adversários.

Em suma, o *Daesh* tem empregue uma campanha de comunicação planeada e centralizada, uma segmentação de temáticas e mensagens à medida, para influenciar as suas AA e a opinião pública internacional, mediante ferramentas de psicologia, de novas tecnologias e *internet*, criando um novo *terrorismo de marketing* assente em: narrativa, lógica, justificação, espetáculo, ressonância identitária, alcance, adaptabilidade, imagem de unidade, expansão global e pós-verdade. Desta forma, considera-se respondida a QD1: *Como se caracteriza a propaganda do Daesh?*

No terceiro capítulo, analisou-se os efeitos da propaganda do *Daesh* nas suas AA. O primeiro destes efeitos são os lobos solitários. A *jihad* individual traduz-se na ferramenta perfeita dos grupos terroristas para operar no Ocidente, e o *Daesh* não é exceção. Com efeito, concomitantemente à perda de território e às derrotas militares, o grupo apelava à condução de ataques no Ocidente e na Europa, com a combinação ideal de fatores: (1) isolamento operacional, o que dificulta a deteção dos ataques e os torna imprevisíveis; (2) ferramentas de baixo custo, como viaturas e armas brancas, de fácil acesso; (3) instruções para cometer e reivindicar os ataques, o que iria associar um ataque inspirado pelo *Daesh* como próprio, estendendo o seu alcance e influência, disseminando assim a ideia de que estão em todo o lado.

Mas não é tudo! Em 2018 um seguidor do grupo foi capaz de sintetizar rícino. Outras duas conspirações CBRN foram frustradas, coincidindo com um aumento da propaganda *jihadista* nesta matéria. Os explosivos também fazem parte do arsenal dos terroristas, tomando como exemplo o ataque em Manchester no concerto de Ariana Grande. Por outro lado, as células terroristas clássicas -como a do Sri Lanka-, e as redes terroristas capazes de executar ataques coordenados e/ou dirigidos em grande escala (como os de Paris e Bruxelas), continuam a ser uma ameaça importante.

No respeitante aos CE, retornados, e requerentes de asilo ou refugiados, há que observar os números. Quando analisados os autores dos ataques e conspirações entre janeiro 2014 e julho 2016, uma vez removidos aqueles onde não há certeza do envolvimento dos CE, os retornados assumem-se como os responsáveis de 50% de todos os ataques e conspirações.



Por outro lado, 44 refugiados ou requerentes de asilo estiveram envolvidos em 32 conspirações que resultaram em 814 feridos e 182 mortos no período 2014-2017, com participação em quase 16% das conspirações *jihadistas* na Europa, sendo a Alemanha o país mais afetado, e a nacionalidade síria a mais frequentemente envolvida. Tanto os ataques em maio de 2014 (museu judeu) e março de 2016 (aeroporto e estação de metro), em Bruxelas, como em novembro de 2015, em Paris, contaram com a participação de CE retornados, sendo que, ademais, a EUROPOL tem advertido que o *Daesh* usa o fluxo de migrantes para introduzir operacionais, embora não de forma sistemática.

Cerca de 42 mil indivíduos foram mobilizados para a guerra. Destes, 5 mil eram procedentes da Europa, 1.200 dos quais terão voltado. À luz dos antecedentes e levando em consideração que estes ataques foram os de maior letalidade -devido à experiência dos seus autores-, há que usar os dados objetivos sobre ataques e rotas, para estabelecer políticas e controlos que possibilitem ajudar aqueles que fogem da guerra, e detetar e prender os restantes que pretendem atacar Europa, aproveitando-se do sofrimento alheio.

A estratégia do *Daesh* bate certo. Tenta confrontar os europeus, criando um clima de receio e provocando um sentimento antimuçulmano em forma de crimes de ódio, afastamento social e alienação, polarizando a sociedade, o que lhes possibilita manipular pessoas vulneráveis das gerações descendentes de migrantes como plataforma de efeitos para atacar Europa. A imigração tanto pode constituir uma ponte para o terrorismo, como pode ser geradora de xenofobia –chegando a relacionar o Islão com os atentados-, questão que o *Daesh* procura e explora, o que lhes permite ter acesso a uma fonte de recrutados entre os que percebem os agravos que a própria organização fomenta, fruto dos fatores *pull* e *push* presentes na sociedade.

Em consequência deste ciclo de ódio -xenofobia-recrutamento-ataque-, houve um grande número de nacionais europeus envolvidos em atentados, pois entre junho 2014 e junho 2017, 73% dos autores eram cidadãos do país onde foi perpetrado o ataque. E isso não é tudo, pois na Síria, há na ordem de 800 CE, e pelo menos 700 mulheres e 1.500 crianças em campos de refugiados –muitos dos quais podem ter recebido formação-, e, no Iraque, crê-se que haja outros mil CE, muitos deles europeus.

Neste quadro, a solução passa por não contribuir para o afastamento social dos muçulmanos em geral –que é o que o *Daesh* procura para sua dinâmica de recrutamento-, mas sim de encontrar os trilhos que possibilitem a segurança da cidadania no seu conjunto,



e a integração real daqueles que fazem parte das AA do *Daesh*, ajudando-lhes a não serem vítimas da manipulação da organização.

Os lobos solitários, CE – e retornados- e células clássicas, juntamente com a polarização da sociedade mediante o ciclo de ódio recrutamento-ataque-xenofobia, constituem os efeitos da propaganda do *Daesh*. Desta maneira, considera-se respondida a QD2: *Quais os efeitos da propaganda nas audiências alvo?*

No capítulo quarto, analisou-se o uso dos instrumentos militar e policial no combate contra as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh*. As potências mundiais –a CID e o eixo russo-sírio-iraniano- levaram em consideração as experiências das guerras no Afeganistão e no Iraque, resolvendo que o emprego da “asfixia” era a melhor solução, alinhando-se temporariamente a bem de um interesse maior, apesar das dinâmicas da soma zero presentes nos seus cálculos (anexo F). Assim sendo, mediante ataques cinéticos, ataques aéreos, eliminação de operacionais qualificados e líderes, e o modelo TAP, conseguiram afetar os recursos do grupo acabando com a posse do território que este detinha. No processo foram afetadas as estruturas de comando e controlo, o que diminuiu a capacidade de conduzir ataques contra o Ocidente. Importa dizer que, a eliminação do líder do *Daesh* (al-Baghdadi), embora seja um marco importante, não se traduz no final da organização, tal como a morte de Bin-Laden não conduziu ao final de Al-Qaeda. Respondeu-se assim a QD3: *Qual a resposta militar contra os efeitos da propaganda do Daesh?*

No que diz respeito ao combate policial, a diminuição de ataques e o grande número de conspirações frustradas pelas forças de segurança, mostram como a cooperação tem sido fulcral. As medidas legislativas têm evitado as viagens a zonas de conflito, têm melhorado o controlo das fronteiras e das armas, bem como dos explosivos e seus precursores. Também a monitorização da *internet* -a criação da *Internet Referral Unit* (IRU)-, e a partilha de *informações* têm desempenhado um papel importante. Com efeito, a operação internacional coordenada pela EUROPOL afetou a capacidade de propaganda do *Daesh* e possibilitou o desenho de um ecossistema de terroristas -quem faz o quê- na *internet* e das suas ramificações, bem como a partilha de informações com os países em causa. Assim sendo, é respondida a QD4: *Qual a resposta policial contra os efeitos da propaganda do Daesh?*

Estamos assim capazes de responder a QC: o alinhamento temporário das potências mundiais para asfixiar o grupo, a cooperação policial e as medidas legislativas, conseguiram acabar com o controlo do território e diminuir os ataques na UE. Contudo, esta diminuição de ataques em 2018 não se traduz numa redução da ameaça, mas sim num período de



incertezas para a Europa. A vontade de atacar continua, como provam o grande número de detidos e as conspirações frustradas.

Em termos de contributos para o conhecimento, esta investigação foi desenhada com o objetivo de conferir se as políticas e estratégias a serem empregues contra o *Daesh* através do emprego dos instrumentos militar e policial têm funcionado e porquê (apêndice C). A partir de uma análise da evolução dos factos no terreno, foi comprovado que efetivamente o instrumento militar tem feito a sua parte, com uma mudança quanto às abordagens anteriores -como o Afeganistão ou o próprio Iraque-, conforme o exposto na resposta à QD3. É fulcral ter em conta a importância das relações internacionais entre Estados e do princípio da soma zero na vitória sobre o grupo, pois, caso contrário, podem ser repetidos os erros cometidos com a AQI, que permitiram a sua reconstrução, e, como resultado, levaram ao advento do *Daesh*. Quanto ao instrumento policial, a resposta à QD4, permite confirmar que a cooperação, a partilha de informações, a sensibilização das sociedades e das nações, as medidas legislativas e outras ferramentas, têm resultado numa diminuição dos ataques terroristas, sendo que, a abordagem global e cooperativa dos Estados na hora de confrontar esta ameaça, é essencial.

Metade da batalha está nos média, segundo al-Zawahiri (líder de Al-Qaeda), mas, se o que acontece no terreno permite apoiar a narrativa do *Daesh*, continuará o apelo a uma parte da população descontente. É, por isso, fulcral avançar noutras áreas que irão possibilitar que acabe a ideologia, e seja fomentada resiliência nas sociedades para se protegerem desta propaganda terrorista e respetiva narrativa.

Relativamente às considerações de ordem prática, neste combate contra o terrorismo é importante ter respostas moderadas. O *Daesh* é o primeiro interessado em que sejam vinculados o terrorismo e a imigração para provocar excessos. A imigração, quando não está ligada ao terrorismo e é ordenada, é boa para ambos, os migrantes e as sociedades que os acolhem. Mas isto não se deve traduzir em políticas que não sejam assentes em factos. Os dados objetivos e quantificáveis sobre os autores e *modus operandi* dos atentados nos anos recentes, devem servir de guia para garantir a segurança dos cidadãos e, ao mesmo tempo, devem ser respeitadoras do Islão como conjunto de pessoas. O *Daesh* sabe da dificuldade de encontrar o equilíbrio certo, e espera o excesso dos Estados para continuar com o seu ciclo de ódio nas sociedades europeias. . Dessarte, seria oportuno potenciar a figura e poderes do coordenador da luta contra o terrorismo da UE, melhorando a prosequção e investigação de crimes.



Quanto às limitações da investigação, a divergência dos dados a respeito de um mesmo assunto, foi a maior delas. O melhor exemplo está no número de CE presentes na Síria e no Iraque, que oscila na ordem de vários milhares. Contudo, a tendência mostrada pelos dados divergentes, permitiu ultrapassar esta dificuldade.

O emprego e avaliação dos resultados do resto de instrumentos –à exceção do militar e policial- dos Estados e das Coligações Internacionais, é uma excelente opção para desenvolver futuros estudos, sobretudo, aqueles que se relacionam com os programas de integração dos CE, e as medidas e particularidades dos países que não têm sofrido ataques – como a Itália- e ainda sobre as circunstâncias dos descendentes de imigrantes que acabaram por perpetrar atentados. Pois, é o êxito em áreas não-militares a parte mais importante da resposta multifacetada e holística contra o terrorismo, através de um emprego adequado do *soft* e do *hard power*, para que, eventualmente, se possa acabar não só com o poder militar, mas também com a narrativa e ideologia que permitem estes grupos, como o *Daesh*, sobreviverem.



Bibliografía

- 4cmiNews. (16 de Fevereiro de 2015). *21 Egyptian Christians Killed by ISIS in Libya*.
Obtido em 19 de Fevereiro de 2019, de <https://4cmiNews.com/?p=11615>
- Aguilar, A. (27 de marzo de 2018). *Las menciones a los países occidentales en 'Dabiq' y 'Rumiyah'.*-Alba Aguilar Franco. Obtido em 14 de janeiro de 2019, de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2018/DIEEEE034-2018_Menciones_Paises_Occidentales_Dabiq_y_Rumiyah_AlbaAguilar.pdf
- AlHayat Media Center. (2015). From Hijrah to Khilafah. *Dabiq*, 1, 34-41.
- al-Lami, M. (30 de abril de 2019). *Analysis: What al-Baghdadi's appearance tells us about Islamic State plans*. Obtido de BBC Monitoring: <https://monitoring.bbc.co.uk/product/c200s8zz>
- Almukhtar, S. W., & Watkins, D. (13 de Outubro de 2016). ISIS Has Lost Many of the Key Places It Once Controlled. *New York Times*. Obtido em 29 de Janeiro de 2019, de <https://www.nytimes.com/interactive/2016/06/18/world/middleeast/isis-control-places-cities.html>
- Alterman, J. (21 de julho de 2017). Russia, the United States, and the Middle East. *Center for Strategic and International Studies*. Obtido em 14 de dezembro de 2017, de <https://www.csis.org/analysis/russia-united-states-and-middle-east>
- Amarasingam, A. (2019). Terrorism on the Teardrop Island: Understanding the Easter 2019 Attacks in Sri Lanka. *CTC Sentinel*. Maio-Junho, 1-10.
- Andhika, W. (2017). On social media, ISIS uses fantastical propaganda to recruit members . *The Conversation*. Obtido em 2 de Janeiro de 2019, de <https://theconversation.com/on-social-media-isis-uses-fantastical-propaganda-to-recruit-members-86626>
- Awan, I. (2017). Cyber-Extremism: Isis and the Power of Social Media. *SOCIAL SCIENCE AND PUBLIC POLICY*, 138–149.
- Azevedo, C. (2018). Correlações entre migração forçada e terrorismo: reflexões sobre a crise dos refugiados na Europa. *Meridiano 47. Journal of Global Studies*, 1-10.
- Barton, G. (outubro de 28 de 2019). Baghdadi's death is a huge blow to Islamic State, but history suggests it won't guarantee a safer world. *The Conversation*. Obtido em 30 de outubro de 2019, de <http://theconversation.com/baghdadis-death-is-a-huge-blow-to-islamic-state-but-history-suggests-it-wont-guarantee-a-safer-world-125930>



- Bassets, M. (22 de diciembre de 2018). El terrorista de Estrasburgo juró lealtad al ISIS en un vídeo grabado antes del atentado. *El País*. Obtido em 21 de abril de 2019, de https://elpais.com/internacional/2018/12/22/actualidad/1545493899_079875.html
- BBC. (21 de dezembro de 2018). Islamic State and the crisis in Iraq and Syria in maps. *BBC*. Obtido em 30 de dezembro de 2017, de <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>
- BBC. (20 de fevereiro de 2019a). How many IS foreign fighters are left in Iraq and Syria? *BBC*. Obtido em 13 de junho de 2019, de <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-47286935>
- BBC. (23 de março de 2019b). IS 'caliphate' defeated but jihadist group remains a threat. *BBC*. Obtido em 1 de julho de 2019, de <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-45547595>
- BBC. (23 de março de 2019c). Islamic State group defeated as final territory lost, US-backed forces say. *BBC*. Obtido em 17 de junho de 2019, de <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-47678157>
- Beck, E., Diza, U., & Searl, A. (2017). Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism. *Channels*, 81-110.
- Bergen, P. (9 de janeiro de 2017). Truck attacks -- a frightening tool of terror, with a history. *CNN*. Obtido em 15 de novembro de 2017, de edition.cnn.com/2016/07/14/opinions/truck-attacks-tactic-analysis-bergen/
- Berger, J., & Morgan, J. (Março de 2015). *The ISIS Twitter Census*. The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World.
- Bin Sudiman, M. (2017). Attacks in Europe: A New Strategy to Influence Hijra to Is Distant Wilayats? *Counter Terrorist Trends & Analysis*, 9(2), 10-13. Obtido em 21 de dezembro de 2017, de <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=125451573&lang=pt-br&site=eds-live>
- Booyesen, H. (2019). Why New Zealand needs to translate its response to Christchurch attacks into foreign policy. *The Conversation*. Obtido em 11 de junho de 2019, de <http://theconversation.com/why-new-zealand-needs-to-translate-its-response-to-christchurch-attacks-into-foreign-policy-115556>



- Borum, R., & Fein, R. (2017). The Psychology of Foreign Fighters. *Studies in Conflict & Terrorism*, 40(3), 248–266.
- Bove, V., & Böhmelt, T. (2016). Does Immigration Induce Terrorism? *Forthcoming, Journal of Politics*, 78(2), 572 - 588.
- Brauch, H. G. (2003). Security and Environment Linkages in the Mediterranean: Three Phases of Research on Human and Environmental Security and Peace. Em S. Heidelberg (Ed.), *Brauch, Hans Günter; Liotta, P.H.; Marquina, Antonio/Rogers, Paul; Selim, Mohammed El-Sayed (Eds.): Security and Environment in the Mediterranean. Conceptualizing Security and Environmental Conflicts* (pp. 35–143.). Berlin .
- Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquire*, 18, 1-21. Obtido em 1 de julho de 2019, de <http://www.semiootika.ee/sygiskool/tekstid/bruner.pdf>
- Bunzel, C. (maio de 2017). *Jihadism on Its Own Terms. Understanding a movement. A hoover Institution Essay*. Obtido em 2 de abril de 2018, de https://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/jihadism_on_its_own_term_s_pdf.pdf
- Bussoletti, F. (30 de abril de 2018). *Daesh reacts to EUROPOL's maxi cyber offensive, but at what cost?* Obtido de Difesa & Sicurezza: <https://www.difesaesicurezza.com/en/defence-and-security/daesh-reacts-to-europols-maxi-cyber-offensive-but-at-what-cost/>
- Byman, D. (2019). *Five initial thoughts on the New Zealand terrorist attack. Brookings*. Obtido em 2019 de junho de 2019, de Brookings: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/03/15/five-initial-thoughts-on-the-new-zealand-terrorist-attack/>
- Cafarella, J., Wallace, B., & Zhou, J. (junho de 2019). *ISIS'S second comeback: assessing the next isis insurgency*. Obtido em 23 de julho de 2019, de Institute of War: <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISW%20Report%20-%20ISIS%E2%80%99s%20Second%20Comeback%20-%20June%202019.pdf>
- Calchi, G. (2017). The Biopolitics of ISIS' Iconoclastic Propaganda. Em V. Emeljanow, *War and Theatrical Innovation* (pp. 101-118). Palgrave Macmillan UK.
- Calvo, J. L. (2016). Respuesta Militar. Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional. Cuaderno de Estrategia 180. *Instituto Español de Estudios Estratégicos*,



180. Obtido em 20 de dezembro de 2017, de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf
- Caretti, G. (5 de Agosto de 2016). La propaganda del Daesh, el arma más eficaz del 'califato' terrorista. *Rtve*. Obtido em 7 de Janeiro de 2019, de <http://www.rtve.es/noticias/20160805/propaganda-del-daesh-arma-mas-eficaz-del-califato-terrorista/1381785.shtml>
- Carrión, F. (17 de Outubro de 2016). Los medios detrás del IS. *El Mundo*. Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de <https://www.elmundo.es/television/2016/10/17/5802766d46163f2b6c8b4652.html>
- Ciência Política. (2011). *Resumão Ciências Humanas 4 - Ciência Política: Guia de Política Internacional*. São Paulo: Barros, Fischer & Associados.
- CJCS. (25 de abril de 2018). *Joint Publication 3-24. Counterinsurgency*. Obtido em 14 de setembro de 2019, de https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_24.pdf
- Clifford, B. (2018). Trucks, Knives, Bombs, Whatever:” Exploring Pro-Islamic State Instructional Material on Telegram. *CTCSentinel*, 11(5), 23-28. Obtido em 20 de maio de 2019, de https://ctc.usma.edu/app/uploads/2018/05/CTC-Sentinel_Vol11Iss5.pdf
- Consilium. (25 de outubro de 2018a). *Estrategia de la UE de Lucha contra el Terrorismo*. Obtido de Consilium. Conselho Europeu: <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/eu-strategy/>
- Consilium. (2018b). *Respuesta a la amenaza terrorista y a los recientes atentados terroristas en Europa*. Obtido em 20 de agosto de 2019, de <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/foreign-fighters/>
- Consilium. (2018c). *Infografía - ¿De qué modo reforzarán la seguridad de Europa las bases de datos interoperables?* . Obtido em 20 de agosto de 2019, de <https://www.consilium.europa.eu/es/infographics/interoperability/>
- Consilium. (2018d). *Infografía - Una Europa más segura: intercambio de información* . Obtido em 20 de agosto de 2019, de <https://www.consilium.europa.eu/es/infographics/making-europe-more-secure-sharing-information/>



- Consilium. (9 de março de 2020). *Coordinador de la lucha contra el terrorismo*. Obtido de <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/counter-terrorism-coordinator/>
- Convey et al, M. (2017). *Disrupting Daesh. Measuring takedown of online terrorist material and its impact*. VOX-Pol Network of Excellence. Obtido em 1 de junho de 2019, de http://www.voxpol.eu/download/vox-pol_publication/DCUJ5528-Disrupting-DAESH-1706-WEB-v2.pdf
- Cottee, S. (2 de Março de 2015). *Why It's So Hard to Stop ISIS Propaganda*. Obtido em 27 de Janeiro de 2019, de The Atlantic: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/03/why-its-so-hard-to-stop-isis-propaganda/386216/>
- Coughlan, S. (12 de Janeiro de 2017). What does post-truth mean for a philosopher? *BBC*. Obtido em 23 de Dezembro de 2018, de <https://www.bbc.com/news/education-38557838>
- Couto, A. C. (1980). *Elementos de Estratégia- Apontamentos para um curso*. Lisboa: IAEM.
- Cragin, K. (2017). The Challenge of Foreign Fighters Returnee. *Journal of Contemporary Criminal Justice*. 33(3), 292-312.
- Crimando, S. (2017). Hell on Wheels: Vehicular Ramming Attacks As The Tactic Of Choice. *Journal of Counterterrorism & Homeland Security International*, 23, 24-32.
- Crocker, R. (2017). *Report of the Task Force on the Future of Iraq Achieving Long-Term Stability to Ensure the Defeat of ISIS*. Obtido em 22 de Novembro de 2017, de Report of the Task Force on the Future of Iraq Achieving Long-Term Stability to Ensure the Defeat of ISIS
- CSNU. (27 de Fevereiro de 2018a). *Twenty-first report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. Obtido em 15 de Fevereiro de 2019, de http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/14/Rev.1&referer=/english/&Lang=E
- CSNU. (27 de Julho de 2018b). *S/2018/705 Twenty-second report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. Obtido em 15 de Fevereiro de 2019, de



- http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/705&referer=/english/&Lang=E
- CSNU. (2019a). *Eighth report of the Secretary-General on the threat posed by ISIL (Da'esh) to international peace and security and the range of United Nations efforts in support of Member States in countering the threat*. Obtido em 1 de junho de 2019, de https://www.un.org/sc/ctc/wp-content/uploads/2019/02/N1901940_ES.pdf
- CSNU. (31 de Julho de 2019b). *Ninth report of the Secretary-General on the threat posed by ISIL (Da'esh) to international peace and security and the range of United Nations efforts in support of Member States in countering the threat*. Obtido em 1 de Agosto de 2019, de <https://undocs.org/S/2019/612>
- CSNU. (15 de julho de 2019c). *Twenty fourth report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution concerning ISIL (Daesh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. Obtido em agosto de 1 de 2019, de <https://undocs.org/S/2019/570>
- CTED. (março de 2018). *Foreign terrorist fighters: research perspectives*. Obtido em 1 de julho de 2019, de <https://www.un.org/sc/ctc/wp-content/uploads/2018/04/CTED-Trends-Report-March-2018.pdf>
- David, C.-P. (2001). *A Guerra e a paz: abordagens contemporâneas da segurança e da estratégia*. Lisboa: Instituto Piaget. Tradução de Armando Pereira da Silva. ISBN 972-771-410-2.
- de Jomini, A. H. (1862/2008). *The Art of War*. Kingston: Legacy Books Press.
- DSN. (4 de abril de 2019). *Lucha contra el Terrorismo en Europa 2005-2018*. Obtido em 23 de julho de 2019, de Departamento de Seguridad Nacional. DSN Infografías: <https://www.dsn.gob.es/es/actualidad/infografias>
- Duarte, F. (2017). Os Objectivos Estratégicos do DAESH na Europa. *Janus*, 18-19. Obtido em 20 de maio de 2019, de http://janusonline.pt/images/anuario2017/1.5_FelipePDuarte_DAESH.pdf
- Ejupi, V., Siljanovska, L., & Iseni, A. (2014). The Mass Media and Persuasion. *European Scientific Journal*, 10(12), 636-646.
- El Mundo. (30 de maio de 2019). El sospechoso del atentado de Lyon juró lealtad al Estado Islámico. *El Mundo*. Obtido em 1 de junho de 2019, de <https://www.elmundo.es/internacional/2019/05/30/5cefe580fdddff92738b46c9.html>



- Engel, P. (21 de Novembro de 2015). Inside the app that's become ISIS' biggest propaganda machine. *Bussiner Insider*. Obtido em 21 de Dezembro de 2018, de <https://www.businessinsider.com/telegram-isis-app-encrypted-propagandar-2015-11?IR=T>
- Escorrega, L. C. (2009). A segurança e os "novos" riscos e ameaças: perspectivas várias. *Revista Militar, Agosto/Setembro*(2491-2192). Obtido em 7 de Janeiro de 2019, de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/499>
- EUROPOL. (2016a). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2016*.
- EUROPOL. (2016b). *EU Internet Referral Unit. Year One Report Highlights*.
- EUROPOL. (2017). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2017*.
- EUROPOL. (2018). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2018*.
- EUROPOL. (2019). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2019*.
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2017). *Operation Inherent Resolve. Report to the United States Congress*. Obtido em 14 de dezembro de 2018, de https://oig.state.gov/system/files/lig_oco_oir3_jun2017.pdf
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2019a). *Lead Inspector General for Operation Inherent Resolve | Quarterly Report to the United States Congress | January 1, 2019 – March 31, 2019*.
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2019b). *Lead Inspector General for Operation Inherent Resolve | Quarterly Report to the United States Congress | April 1, 2019 – June 30, 2019*.
- Flade, F. (2018). The June 2018 Cologne Ricin Plot: A new Threshold in Jihadi Bioterror. *CTCSentinel*, 11(7), 1-3. Obtido em 20 de maio de 2019, de <https://ctc.usma.edu/app/uploads/2019/01/CTC-SENTINEL-082018-final.pdf>
- Fuente, I. (2018). Al Qaeda frente al Dáesh: dos estrategias antagonistas y un mismo objetivo. *Instituto Español de Estudios Estratégicos*. Obtido em 29 de maio de 2019, de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2018/DIEEEA21-2018_Al_Qaeda-Daesh_IFC.pdf
- Gambhir, H. (2015). *ISIS global strategy: a wargame*. Obtido de <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISIS%20Global%20Strategy%20--%20A%20Wargame%20FINAL.pdf>
- GAO. (2018). *Countering ISIS and Its Effects. Key Issues for Oversight*. Obtido em 3 de dezembro de 2018, de <http://www.gao.gov/assets/690/685908.pdf>



- Garamone, J. (26 de julho de 2019). *ISIS Caliphate Is Gone, But Threat Remains, Dunford Says*. *U.S. Department of Defense*. Obtido em 1 de agosto de 2019, de <https://www.defense.gov/explore/story/Article/1918561/isis-caliphate-is-gone-but-threat-remains-dunford-says/>
- GC. (27 de abril de 2018). *Una operación de la Guardia Civil desarticula parte del aparato de difusión de propaganda de DAESH y permite identificar a miles de usuarios en 133 países*. Obtido de Guardia Civil: <http://www.guardiacivil.es/ca/prensa/noticias/6582.html>
- Ghosh, T., & Basnett, P. (2017). Analysis of Rumiya Magazine. *IOSR Journal Of Humanities And Social Science*, 22(7), 16-22.
- Global Coalition. (2019). Obtido em 27 de outubro de 2019, de <http://theglobalcoalition.org/en/partners/>
- González, R. (28 de junho de 2019). Dos atentados consecutivos dejan al menos un muerto y ocho heridos en el centro de Túnez. *El País*. Obtido em 1 de junho de 2019, de https://elpais.com/internacional/2019/06/27/actualidad/1561632515_308128.html
- Greene, A. (6 de julho de 2017). Linking lone wolf killers to Islamic State magnifies the threat – and could inspire future attacks. *The Conversation*. Obtido em 20 de maio de 2019, de <http://theconversation.com/linking-lone-wolf-killers-to-islamic-state-magnifies-the-threat-and-could-inspire-future-attacks-78878>
- Greene, A. (11 de abril de 2018). The free-for-all in Syria will make your head spin. *CNN*. Obtido em 1 de agosto de 2019, de <https://edition.cnn.com/2016/08/25/middleeast/syria-isis-whos-fighting-who-trnd/index.html>
- Gunaratna, R. (2017). Global Threat Forecast. *UNISCI*(43). Obtido em 1 de julho de 2019, de <https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-91857/UNISCIDP43-6GUNARATNA.pdf>
- Guo, J. (2015). Hating Muslims plays right into the Islamic State's hands. *Washington Post*. Obtido em 11 de Dezembro de 2018, de https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/17/isis-wants-you-to-hate-muslims/?noredirect=on&utm_term=.3cbbb0d8c155
- Gutiérrez, Ó. (13 de outubro de 2017). Con el ISIS no salen las cuentas. *El País*. Obtido em 24 de maio de 2019, de https://elpais.com/internacional/2018/10/10/actualidad/1539166181_705500.html



- Gutiérrez, Ó. (20 de maio de 2018). No podemos poner un policía detrás de cada radical fichado. *El país*. Obtido em 7 de julho de 2019, de https://elpais.com/internacional/2018/05/19/actualidad/1526757662_839686.html
- Habeck et al, M. (2015). A Global Strategy for Combating al Qaeda and the Islamic State. *American Enterprise Institute*. Obtido em 3 de dezembro de 2018, de <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2015/12/A-Global-Strategy-for-Combating-al-Qaeda-and-the-Islamic-State-online.pdf>
- Halasz, S. (15 de Outubro de 2018). *Not Finished Yet: A Report on ISIS-Related Incidents*. Obtido em 1 de dezembro de 2018, de Homeland Security Digital Library: <https://www.hsdl.org/c/not-finished-yet/>
- Heger, L. (2013). Book Review: The Globalization of Conflict: Explaining Foreign Fighters. *Global Governance*(19), 631-633.
- Heißner et al, S. (2017). *Caliphate in Decline: An Estimate of Islamic State's Financial Fortunes*. Obtido em 24 de junho de 2019, de The International Center for the Study of Radicalization and Political Violence: <https://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/ICSR-Report-Caliphate-in-Degradation-An-Estimate-of-Islamic-States-Financial-Fortunes.pdf>
- Hoffman, B. (2006). *Inside Terrorism, Revised and Expanded Edition*. New York: Columbia University Press.
- ICG. (março de 22 de 2017). *Counter-terrorism Pitfalls: What the U.S. Fight against ISIS and al-Qaeda Should Avoid*. Obtido em 14 de janeiro de 2018, de <https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/003-counter-terrorism-pitfalls.pdf>
- Igualada et al, C. (2018). *Anuario del terrorismo yihadista 2018*. Obtido em 20 de abril de 2019, de <https://observatorioterrorismo.com/wp-content/uploads/2019/03/anuarioterrorismoyihadista2018.pdf>
- IHS Markit. (29 de junho de 2017). *Islamic State Territory Down 60 Percent and Revenue Down 80 Percent on Caliphate's Third Anniversary, IHS Markit Says*. Obtido em 1 de junho de 2019, de IHS Markit: <https://news.ihsmarkit.com/press-release/aerospace-defense-security/islamic-state-territory-down-60-percent-and-revenue-down-80>
- Ingram, H. (2015). The strategic logic of Islamic State information operations. *Australian Journal of International Affairs*, 729–752.



- Ingram, H. (2016a). An analysis of Islamic State's Dabiq magazine. *Australian Journal of Political Science*, 51(3), 458–477.
- Ingram, H. (2016b). *Deciphering the Siren Call of Militant Islamist Propaganda: Meaning, Credibility & Behavioural Change*. Obtido de International Centre for Counter Terrorism, The Hague.
- Ingram, H. (2017). An analysis of Inspire and Dabiq: Lessons from AQAP and Islamic State's propaganda war. *Studies in Conflict & Terrorism*, 40(5), 357–375.
- Ingram, H. (2018). Islamic State's English-language magazines, 2014-2017: Trends & implications for CT-CVE strategic communications. *The International Centre for Counter-Terrorism – The Hague*, 1-46.
- IUM. (2018). *Arte Operacional e Desenho Operacional*. Curso de Estado-Maior Conjunto 2017-2018. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Jawhar, J. (2016). Terrorist's use of the internet: the case of Daesh. *The Southeast Asia Regional Centre for Counter-Terrorism (SEARCCT)*. Obtido em 13 de fevereiro de 2018, de https://www.searcct.gov.my/images/Articles_2016/Articles_2017/Terrorists_Use_Internet_Mac_17.pdf
- Jiménez et al, M. (2017). *Anuario del Terrorismo Yihadista 2017*. Obtido em 30 de maio de 2019, de <https://observatorioterrorismo.com/wp-content/uploads/2018/02/anuarioterrorismoyihadista2017.pdf>
- Jones, S. (13 de janeiro de 2019). *Understanding Soft Power in U.S. Foreign Policy*. Obtido em 1 de agosto de 2019, de <https://www.thoughtco.com/soft-power-in-u-s-foreign-policy-3310359>
- Jover, A., & Puigdemont, O. (17 de março de 2019). Al menos 49 muertos en un atentado supremacista contra dos mezquitas en Nueva Zelanda. *El País*. Obtido em 12 de junho de 2019, de https://elpais.com/internacional/2019/03/15/actualidad/1552616642_719105.html
- Kalin, S., & Tolba, A. (31 de Julho de 2016). As 'caliphate' shrinks, Islamic State looks to global attacks. *Reuters*. Obtido em 29 de Janeiro de 2019, de <https://www.reuters.com/article/us-europe-attacks-is-propaganda/as-caliphate-shrinks-islamic-state-looks-to-global-attacks-idUSKCN10B0IP>
- Keatinge e Keen, T. e. (2017). Lone-Actor and Small Cell Terrorist Attacks. *Royal United Services Institute for Defence and Security Studies*. London.



- Labott, E. (22 de dezembro de 2018). Renuncia Brett McGurk, enviado de Estados Unidos en la lucha contra ISIS, por la retirada de Estados Unidos de Siria. *CNN*. Obtido em 20 de agosto de 2019, de <https://cnnespanol.cnn.com/2018/12/22/siria-isis-estados-unidos-renuncia-brett-mcgurk-lucha/>
- Lendaro, A. (2016). A "European migrant crisis"? Some thoughts on Mediterranean Borders. *Studies in Ethnicity and Nacionalism*, 16(1), 148-157.
- Lesaca, J. (2015). El efecto viral de la propaganda terrorista islámica. *Nuestro tiempo*, 106-11.
- Lewis, J. (2014). The Islamic State: a Counter-Strategy for a Counter State. *Understanding War*. Obtido em 1 de dezembro de 2018, de <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/Lewis-Center%20of%20gravity.pdf>
- Mackintosh, E., Griffiths, J., & Ruiz, J. (27 de outubro de 2019). Trump: ISIS leader Abu Bakr al-Baghdadi is dead. *CNN*. Obtido em 27 de outubro de 2019, de <https://edition.cnn.com/politics/live-news/abu-bakr-al-baghdadi-isis-intl-hnk/index.html>
- Macklin, G. (2019). The Christchurch Attacks: Livestream Terror in the Viral Video Age. *CTC Sentinel*, 12(6), 18-29. Obtido em 18 de agosto de 2019, de <https://ctc.usma.edu/app/uploads/2019/07/CTC-SENTINEL-062019.pdf>
- Mahlouly, D., & Winter, C. (2018). *A Tale of two Caliphates*. VOX-Pol Network of Excellence.
- MAITIC. (25 de Janeiro de 2018). *ISIS's Media Network in the Era after the Fall of the Islamic State*. Obtido em 27 de Janeiro de 2019, de https://www.terrorism-info.org.il/app/uploads/2018/01/E_264_17fv.pdf
- Manjoo, F. (2008). *True Enough: Learning to live in a post-fat society*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Manzaria, J., & Bruck, J. (s.d.). *Media's Use of Propaganda to Persuade People's Attitude, Beliefs and Behaviors*. Obtido em 20 de janeiro de 2019, de https://web.stanford.edu/class/e297c/war_peace/media/hpropaganda.html
- Marcellino et al, W. (2016). Measuring the Popular Resonance of Daesh's Propoganda. *Journal of Strategic Security*, 32-52.
- Marone, F. (13 de março de 2017). *The Use of Deportation in Counter-Terrorism: Insights from the Italian Case*. Obtido em julho de 23 de 2019, de International Centre for



- Counter-terrorism – The Hague: <https://icct.nl/publication/the-use-of-deportation-in-counter-terrorism-insights-from-the-italian-case/>
- Martins e Prestes, A. e. (2017). Mobilidade e Xenofobia: Considerações da Geografia à Psicanálise. *Revista Percurso - NEMO-Maringá*, 25-39.
- Matejic, N. (2016). Content Wars: Daesh's sophisticated use of communications. *NATO Review*. Obtido em 8 de janeiro de 2019, de <https://www.nato.int/docu/review/2016/Also-in-2016/wars-media-daesh-communications-solis/EN/index.htm>
- Mazzucelli, C., Visvizi, A., & Bee, R. (2016). Secular States in a Security community: the migration-terrorism nexus? *Journal of Strategic Security*, 9(3), 16-27.
- McCarthy, N. (16 de março de 2015). *ISIS Is Expanding Its Reach On Twitter* . Obtido em 1 de junho de 2019, de <https://www.statista.com/chart/3308/isis-is-expanding-its-reach-on-twitter/>
- McCarthy, N. (22 de fevereiro de 2017). *ISIS: Income Has More Than Halved Since 2014*. Obtido em 1 de julho de 2019, de Statista: https://www.statista.com/chart/8209/isis_-income-has-more-than-halved-since-2014/
- McDiarmid, C. (10 de Dezembro de 2018). A year after ISIS defeat, Iraq continues battling insurgency. *The National*. Obtido em 6 de Janeiro de 2019, de <https://www.thenational.ae/world/mena/a-year-after-isis-defeat-iraq-continues-battling-insurgency-1.801011>
- McDowell e Maplecroft, D. e. (2016). Review: EUROJIHAD: Patterns of Islamist Radicalisation & Terrorism in Europe (Book). *International Affairs*, 92(3), 739-740. Obtido em 20 de dezembro de 2018, de <http://eds.a.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=4&sid=18bdaf3a-c917-4245-8840-b0ec8c692e71%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc210ZT11ZHMtbGl2ZQ%3d%3d#AN=115160293&db=a9h>
- McInnis, K. J. (2016). Coalition Contributions to Countering the Islamic State. *Congressional Research Service*. Obtido em 14 de dezembro de 2018, de <https://fas.org/sgp/crs/natsec/R44135.pdf>
- Meiser, J. W. (2017). *Are our Strategic Model Flawed? End + Ways + Means= (Bad) Strategy*. Obtido em 23 de abril de 2019, de https://ssi.armywarcollege.edu/pubs/parameters/issues/Winter_2016-17/10_Meiser.pdf



- Merrill, J. (15 de março de 2018). Seven years of death from the air: Who's bombing whom in Syria. *Middle East Eye*. Obtido em 1 de junho de 2019, de <https://www.middleeasteye.net/news/seven-years-death-air-whos-bombing-whom-syria>
- Milosevich-Juaristi, M. (5 de abril de 2017). *Reajustando expectativas: Rusia como socio estratégico en la lucha contra el terrorismo islámico*. Real Instituto El Cano. Obtido em 1 de agosto de 2019, de <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a/ARI30-2017-MilosevichJuaristi-Rusia-socio-estrategico-lucha-terrorismo-islamico.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a>
- Milton, D. (2016). *Communication Breakdown: Unravelling the Islamic*. CTC Sentinel. *Combating Terrorism Center at West Point*.
- Milton, D. (2018). Down but not out: An Updated Examination of the Islamic State's Visual Propaganda. *Combating Terrorism Center at West Point*. Obtido em 20 de Dezembro de 2018, de Combating Terrorism Center at West Point: <https://ctc.usma.edu/down-but-not-out-an-updated-examination-of-the-islamic-states-visual-propaganda/>
- Miranda, R. (2017). A comunicação externa "extreme branding": a construção da marca Estado Islâmico. Em C. d. Desenvolvimento, *O Daesh. Dimensão, Globalização, Diplomacia e Segurança*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Miton, D. (2016). *Communication Breakdown: Unraveling the Islamic State's Media Efforts*. Obtido em 27 de Janeiro de 2019, de Combating Terrorism Center at West Point: https://ctc.usma.edu/app/uploads/2016/10/ISMedia_Online.pdf
- Montgomery, N. (14 de outubro de 2016). *Italy deters terrorism with tough citizenship, deportation policies*. Obtido em 23 de julho de 2019, de Stars and Stripes: <https://www.stripes.com/news/italy-deters-terrorism-with-tough-citizenship-deportation-policies-1.434055>
- Nail, T. (2016). A tale of two crisis: migration and terrorism after the Paris attacks. *Studies of Ethnicity and Nationalism*, 16(1), 158-167.
- NATO . (2015). *Daesh Information Campaign and its Influence*. Riga: Nato Strategic Communications Centre of Excellence.



- NATO. (2011). *The Nato lessons learned handbook*. Obtido em 20 de março de 2018, de https://nllp.jallc.nato.int/IKS/Sharing%20Public/NATO_LL_Handbook_2nd_Ed_Final_web.pdf
- NATO. (2014). NATO STANDARD AJP 3.10.1. Allied Joint Doctrine for Psychological Operations.
- Nesser, P. (2018). Europe hasn't won the war on terror. *Politico*. Obtido em 13 de julho de 2019, de <https://www.politico.eu/article/europe-hasnt-won-the-war-on-terror/>
- Nicholl, K. (7 de fevereiro de 2018). *Islamic State foreign fighters*. Obtido em 1 de agosto de 2019, de <https://ihsmarkit.com/research-analysis/Islamic-State-foreign-fighters.html>
- Nye, J. (Novembro de 2007). Soft Power. *The Atlantic*. Obtido em 12 de julho de 2019, de <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2007/11/soft-power/306313/>
- Nye, J. (2008). Public Diplomacy and Soft Power. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 616.
- OIET. (2019a). *Observatorio Internacional de Estudios sobre el Terrorismo*. Obtido em 24 de junho de 2019, de <https://observatorioterrorismo.com/bases-de-datos/atentados-yihadistas/>
- OIET. (7 de agosto de 2019b). *Informe Semestral de la Actividad Jihadista en 2019*. Obtido de <https://observatorioterrorismo.com/wp-content/uploads/2019/08/Versio%CC%81n-Final-Actividad-Yihadista-enero-junio-2019-.pdf>
- Pais dos Santos, R. (2016). Estratégia Operacional. Em I. U. Militar (Ed.), *O Daesh. Dimensão, Globalização, Diplomacia e Segurança* (pp. 57-69). Lisboa.
- Pantucci. (2017). Britain on Alert: The Attacks in London and Manchester and the Evolving Threat. *CTESentinel*, 1-8. Obtido em 1 de junho de 2019, de https://ctc.usma.edu/app/uploads/2017/08/CTC-Sentinel_Vol10Iss7-6.pdf
- Pavlik, M. (26 de setembro de 2018). *GOING GLOBAL: THE ISLAMIC STATE'S WORLDWIDE REACH*. Obtido em 23 de julho de 2019, de ACLED Bringing clarity to chaos: <https://www.acleddata.com/2018/09/26/going-global-the-islamic-states-worldwide-reach/>
- Pavlik, M. (3 de junho de 2019). *BRANCHING OUT: THE ISLAMIC STATE'S CONTINUED EXPANSION*. Obtido em 23 de julho de 2019, de ACLED Bringing



- Clarity to Chaos: <https://www.acleddata.com/2019/06/03/branching-out-the-islamic-states-continued-expansion/>
- PE. (2018a). *The return of foreign fighters to EU soil*. Obtido em 7 de julho de 2019, de Parlamento Europeu: [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU\(2018\)621811_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU(2018)621811_EN.pdf)
- PE. (6 de junho de 2018b). *Terrorism in the EU since 2015*. Obtido em 1 de janeiro de 2019, de Notícias do Parlamento Europeu: http://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2018/8/story/20180703STO07127/20180703STO07127_en.pdf
- Pires, N. (2016a). *Resposta ao Jihadismo Radical: Políticas e estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o Daesh*. Alcochete: Nexo Literário.
- Pires, N. (2016b). A Intervenção do Instrumento Militar. Em C. d. Desenvolvimento, *O Daesh. Dimensão, Globalização, Diplomacia e Segurança*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Poole, P. (13 de Dezembro de 2018). Strasbourg Terrorist Killed by Police; ISIS Immediately Claims Credit. *PJMedia*. Obtido em 15 de Dezembro de 2018, de <https://pjmedia.com/homeland-security/strasbourg-terrorist-killed-by-police-isis-immediately-claims-credit/>
- POOLRE. (Janeiro-Julho de 2017). *Terrorism Threat & Mitigation Report*. Obtido em 8 de janeiro de 2019, de https://www.poolre.co.uk/wp-content/uploads/2017/09/TRAC_TMR-2-17-web-3.pdf
- Pratkanis, A., & Aronson, E. (2001). *Age of Propaganda: The Every Day Use and Abuse of Persuasion. Revised Edition*. New York: W. H. Freeman and Company.
- PS (Realizador). (2017). *Trump and the Liberal World Order, with Joseph Nye* [Filme]. Obtido em 23 de julho de 2019, de <https://www.youtube.com/watch?v=1UpBIG4rq00>
- Puértolas, M. (6 de março de 2018). *¿De qué sirve tanta información?* Obtido em 12 de setembro de 2019, de Milenio: <https://www.milenio.com/opinion/miguel-angel-puertolas/en-frecuencia/de-que-sirve-tanta-informacion>
- Raimzhanova, A. (dezembro de 2015). *Power in IR: Hard, Soft and Smart*. *Institute for Cultural Diplomacy and the University of Bucharest*. Obtido em 15 de agosto de



- 2019, de http://www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2015-12_annual/Power-In-Ir-By-Raimzhanova,-A.pdf
- RAN. (2016). *The Root Causes of Violent Extremism*. Obtido em 26 de maio de 2019, de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation_awareness_network/ran-papers/docs/issue_paper_root-causes_jan2016_en.pdf
- RAN. (2017). *RAN Manual: Responses to returnees: Foreign terrorist fighters and their families*. Radicalisation Awareness Network.
- Randall, D. (2016). Terrorism and Refugees. *Pax et Bellum Journal. Student Journal of Peace and Conflict Studies*, 3(1), 46-55.
- Reinares e García-Calvo, F. e. (2018a). Terror in Catalonia. *CTC Sentinel. Combating Terrorism Center at West Point*, 11.
- Rekawek, K., Matejka, S., Szucs, V., Benuska, T., Kazzarova, K., & Rafay, J. (2018). *Who are the european jihadist? Project Midterm Report*. . Defence and Security Programme. GLOBSEC Policy Institute.
- Ribeiro, J. M. (24 de Março de 2018). Un marroquí detenido en Portugal por reclutar a jóvenes para el Estado Islámico. *EuropaPress*. Obtido em 1 de Janeiro de 2019, de <https://www.europapress.es/internacional/noticia-marroqui-detenido-portugal-reclutar-jovenes-estado-islamico-20180324133111.html>
- Sampieri, R., Fernández, C., & Baptista, P. (2014). *Metodología de la Investigación* (6ª ed.). México: McGRAW HILL.
- Santos e Spinelli, J. e. (21 de novembro de 2017). *Pós-verdade, fake news e fact-checking: impactos e oportunidades para o jornalismo*. Obtido em 1 de janeiro de 2019, de <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/746/462>
- Santos et al, L. A. (2016). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. *Cadernos do IESM*. Lisboa: IUM.
- Sarcinschi, A. (2016). European refugee Crisis: Beyond Prejudice. *Geopolitics and Geostrategies. Trends and Perspectives. Strategic Impact*(2).
- Saunders et al, M. L. (2009). *Research Methods for Business* (5 ed.). Essex: Pearson Education Limited.
- Schäfer, P. J. (2013). The Concept of Security. Em *Human and Water Security in Israel and Jordan*. Berlin: Springer. Obtido em 15 de março de 2018, de



- http://www.springer.com/cda/content/document/cda_downloaddocument/9783642292989-c2.pdf?SGWID=0-0-45-1356740-p174313173
- Schmid e Tinnes, A. e. (Dezembro de 2015). *Foreign (Terrorist) Fighters with IS: A European Perspective*. Obtido em 6 de Janeiro de 2019, de <https://icct.nl/wp-content/uploads/2015/12/ICCT-Schmid-Foreign-Terrorist-Fighters-with-IS-A-European-Perspective-December2015.pdf>
- Schmid, A. (2016). Links Between Terrorism and Migration: An Exploration. *ICCT-International Center for Counter Terrorism- The Hague. ICCT Research Paper*.
- Seligman, L. (27 de outubro de 2019). Baghdadi Is Dead, but ISIS Remains Emboldened Since Trump's Drawdown. *Foreign Policy*. Obtido em 30 de outubro de 2019, de <https://foreignpolicy.com/2019/10/27/isis-islamic-state-leader-baghdadi-killed/>
- SG. (2 de junho de 2014). *Foreign Fighters in Syria. The Soufan Group*. Obtido de <http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/06/TSG-Foreign-Fighters-in-Syria.pdf>
- SG. (Dezembro de 2015). *Foreign Fighters: An Updated Assessment of the Flow of Foreign Fighters into Syria and Iraq*. Obtido em 20 de Dezembro de 2018, de The Soufan Group: http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2015/12/TSG_ForeignFightersUpdate3.pdf
- SG. (Outubro de 2017). *Beyond the Caliphate, Foreign Fighters and the Threats of Returnees*. Obtido em 20 de Dezembro de 2018, de The Soufan Group: <http://thesoufancenter.org/wp-content/uploads/2017/11/Beyond-the-Caliphate-Foreign-Fighters-and-the-Threat-of-Returnees-TSC-Report-October-2017-v3.pdf>
- SIGC. (1 de agosto de 2019). Combate policial contra a propaganda do Daesh.
- Simcox, R. (2018). The Asylum–Terror Nexus: How Europe Should Respond. *Backgrounders*(3314), 1-12.
- Simons, G. (2018). Brand ISIS: Interactions of the Tangible and Intangible Environments. *Journal of Political Marketing*, 1-31.
- Smith, D., Jeter, k., & Westgaard, O. (2015). *Three Approaches to Center of Gravity Analysis: The Islamic State of Iraq and the Levant*. Obtido em 20 de agosto de 2019, de <https://ndupress.ndu.edu/JFQ/Joint-Force-Quarterly-78/Article/607722/three-approaches-to-center-of-gravity-analysis-the-islamic-state-of-iraq-and-th/>
- Statista. (2019). *Number of social media users worldwide from 2010 to 2021 (in billions)*. Obtido em 6 de Fevereiro de 2019, de Statista:



<https://www.statista.com/statistics/278414/number-of-worldwide-social-network-users/>

- Strange e Iron, J. &. (2004). Center of Gravity What Clausewitz Really Meant. *Joint Force Quarterly (JFQ)*. Obtido em 9 de dezembro de 2017, de https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjyi_6p0vvXAhVDPRQKHUcoDCYQFggvMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.dtic.mil%2Fget-tr-doc%2Fpdf%3FAD%3DADA520980&usg=AOvVaw1esQB0iObLe-Rb3qZIqPOj
- Street, J. (2003). *Mass Media, Politics and Democracy*. Zagreb: Faculty of Political Science.
- Styszyński, M. (7 de agosto de 2016). *The Concept of Lone Jihad*. Obtido em 25 de fevereiro de 2018, de <http://www.rieas.gr/images/islamic/lonejihadi16.pdf>
- TDP. (16 de Outubro de 2018). *Foreign fighters continue to join ISIS in Syria, US Joint Chiefs chair says*. Obtido de The Defense Post: <https://thedefensepost.com/2018/10/16/isis-foreign-fighters-travel-syria-dunford/>
- Thatcher, M. (1985). *Speech to the American Bar Association*. Albert Hall. South Kensington, Londres.
- Tomé, L. (2015). A ascensão do “Estado Islâmico”. *Janus*. Obtido em 20 de Dezembro de 2018, de http://janusonline.pt/images/anuario2015/1.1_LuisTome_EstadoIslamico.pdf
- Torres, M. (2016). *Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional. Cuaderno de Estrategia. Instituto Español de Estudios Estratégicos*. Obtido em 17 de junho de 2019, de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf
- Torres, M. R. (2018). *El estado de la yihad online un año después de los atentados de Barcelona y Cambrils*. Instituto de Seguridad y Cultura.
- UNODC. (2018). *Investigation, Prosecution and Adjudication of Foreign Terrorist Fighter Cases for South and South-East Asia*. Obtido em 24 de maio de 2019, de https://www.unodc.org/documents/terrorism/Publications/FTF%20SSEA/Foreign_Terrorist_Fighters_Asia_Ebook.pdf
- USDOS. (25 de junho de 2019). *Joint Statement by the Political Directors of the Global Coalition to Defeat ISIS*. Obtido em 26 de agosto de 2019, de <https://www.state.gov/joint-statement-by-the-political-directors-of-the-global-coalition-to-defeat-isis/>



- Vidal, M. (24 de abril de 2019). El Estado Islámico asume la autoría de la cadena de atentados de Sri Lanka. *El País*. Obtido em 24 de abril de 2019, de https://elpais.com/internacional/2019/04/23/actualidad/1556010462_187881.html
- Vidino, Marone, & Entermann. (2017). *Fear thy neighbour. Radicalization and Jihadist attacks in the west*. Obtido em 21 de Dezembro de 2018, de <https://icct.nl/wp-content/uploads/2017/06/FearThyNeighbor-RadicalizationandJihadistAttacksintheWest.pdf>
- Vizinha, M. (2017). A participação das Forças Armadas Portuguesas no combate ao terrorismo. *Trabalho de Investigação Individual do Curso de Promoção a Oficial General*. Instituto Universitário Militar.
- VOX. (6 de julho de 2015). *ISIS videos are sickening. They're also really effective*. [Filme]. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=18lf1kpBgRk>
- VPRO. (2016). *Cyberjihad - VPRO documentál - 2016*. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=4UJ-r6xRUuo>
- WC. (2017). *Reports: Foreign Fighters and the Threat of Returnees*. Obtido em 24 de maio de 2019, de <https://www.wilsoncenter.org/article/reports-foreign-fighters-and-the-threat-returnees>
- Winston, D. (2018). DIY Terrorism: a look at the paradigm shift in Daesh's recruitment tactics through the lens of Central Asian Foreign Terrorist Fighters. *Terrorism*, 4-16.
- Winter, C. (2015). *Documenting the Virtual 'Caliphate*. Obtido em 27 de Janeiro de 2019, de The Quilliam Foundation: <http://www.quilliaminternational.com/wp-content/uploads/2015/10/FINAL-documenting-the-virtual-caliphate.pdf>
- Winter, C. (31 de Março de 2016). *ISIS' offline propaganda strategy*. Obtido em 19 de Fevereiro de 2019, de Brookings: <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2016/03/31/isis-offline-propaganda-strategy/>
- Winter, C. (2017a). Media Jihad: The Islamic State's Doctrine for Information Warfare. *International Centre for the Study of Radicalisation*. Obtido em 24 de fevereiro de 2018, de http://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/Media-jihad_web.pdf
- Winter, C. (20 de Dezembro de 2017b). *Inside the collapse of Islamic State's propaganda machine*. Obtido em 11 de Fevereiro de 2019, de Wired: <https://www.wired.co.uk/article/isis-islamic-state-propaganda-content-strategy>



- Winter, C. (2018). Apocalypse, later: a longitudinal study of the Islamic State brand'. *Critical Studies in Media Communication*, 35(1), 103–121.
- Xharra, B., & Gojani, N. (2017). *Understanding Push and Pull Factors in Kosovo: Primary Interviews with Returned Foreign Fighters and their Families*. United Nations Development Programme.
- Zelin, A. (2015). Picture or it didn't happen: A snapshot of the Islamic State's official media output. *Perspectives on Terrorism*, 85-97. Obtido em 27 de Janeiro de 2019, de https://www.jstor.org/stable/26297417?seq=1#metadata_info_tab_contents



Anexo A — Lógica estratégica da propaganda do *Daesh*

Segundo Ingram (2015, págs. 735-736), a lógica das mensagens do *Daesh* baseia-se em fatores pragmáticos (FP1) e fatores perceptuais (FP2) (figura 26), procurando, em suma, alavancar o processo da decisão usando os FP1 para ativar a chamada “lógica de consequência” -escolhas racionais baseadas na análise das alternativas em custo-benefício- e os FP2 para estimular a “lógica do adequado” -eleições feitas em consonância com a própria identidade-.

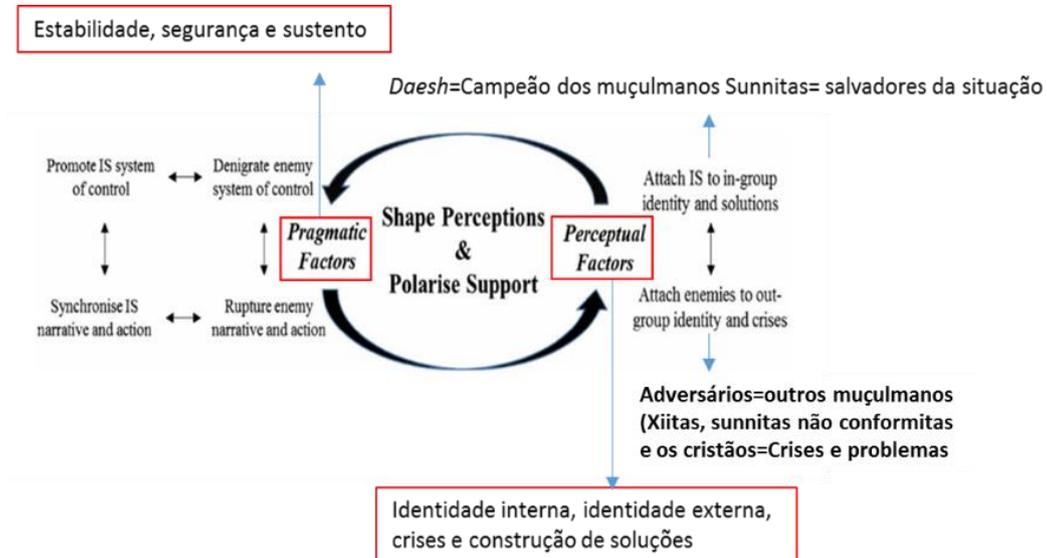


Figura 26-A lógica estratégica do *Daesh*

Fonte: Adaptado de Ingram (2015, pág. 735)

Para compreender os motivos que inspiram os CE e tornam possível o seu recrutamento, há que olhar para as temáticas da propaganda expostas no capítulo 2, e na forma que a mesma é construída (RAN, 2017, p. 16). Nesse sentido, Ingram (2016b, pp. 9-13) afirma que os alicerces da propaganda se criam a partir de três temas interdependentes: identidade, construção de crises e construção de soluções. Neste quadro, o *Daesh* usa as lógicas explicadas na figura 26, para alavancar o processo de decisão. Isto, em conjugação com as diversas temáticas projetadas através da propaganda (pertença, brutalidade, vitimização guerra e utopia) (Winter, 2015, p. 6), permite compreender as motivações dos CE para fazer a *hijra* (apêndice A), importando frisar que, conforme o grupo perdia território, a propaganda focava-se cada vez mais na guerra e na vitimização (RAN, 2017, p. 17).



Anexo B — O alcance do *Daesh* nas Redes Sociais

Um relatório do *Brookings Institute*, baseado numa amostra de 20 mil contas de seguidores do grupo em 2015, mostrou o alcance do *Daesh* no Twitter (figura 27). Apenas duas contas estavam criadas na rede social em 2008, sendo que este número aumentou até 2.380 em 2014, antes de disparar para quase 12 mil, em 2014 (McCarthy, 2015).

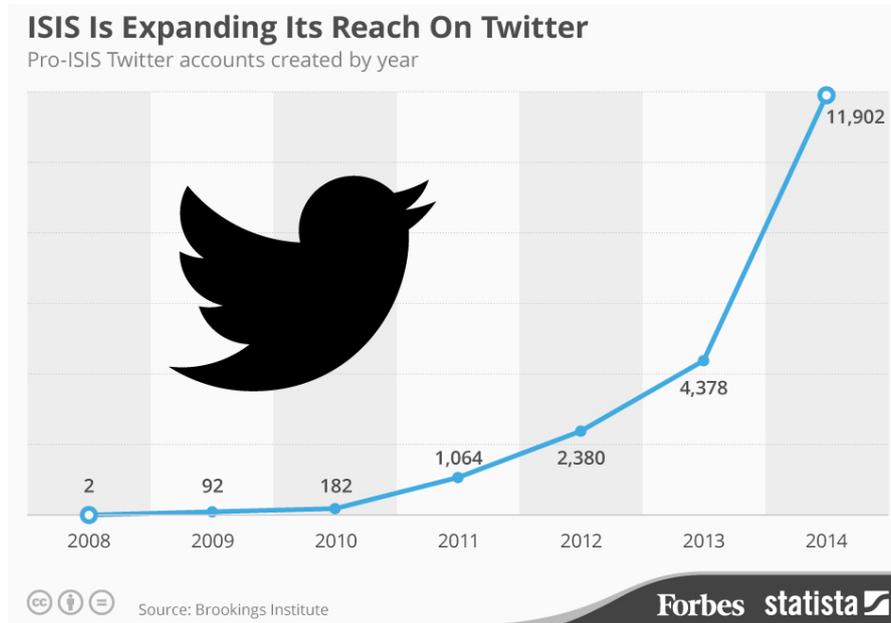
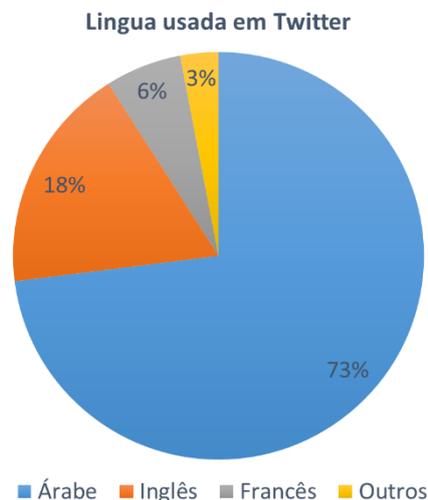


Figura 27-Alcance do *Daesh* em Twitter em 2014

Fonte: McCarthy (2015)

Assim, e segundo o relatório, haviam umas 46 mil contas pro-*Daesh* no Twitter entre setembro e dezembro de 2014, sendo um em cada cinco leitores utente da língua inglesa, enquanto três quartos preferiam o árabe (figura 28) (Berger & Morgan, 2015, págs. 2-3).

Figura 28-Lingua usada em Twitter pelos seguidores do *Daesh*, 2014



Fonte: Adaptado de Berger e Morgan (2015, pág. 14)

Dado o grande número de seguidores anteriormente exposto, e as suas organizadas táticas, o *Daesh* foi capaz de ter um impacto na forma na que o mundo o percebia, mediante a disseminação de vídeos violentos, enquanto usavam as redes sociais para atrair novos recrutas e inspirar lobos solitários (Berger & Morgan, 2015, pág. 3).



Anexo C — Entidades que fazem parte da Coligação Internacional



Figura 29-Entidades que fazem parte da Coligação Internacional contra o *Daesh*

Fonte: Global Coalition (2019)

Pode ser observado como em geral, alguns dos países mais comprometidos com a sua participação na Coligação Internacional (figura 29), têm sofrido atentados ou conspirações frustradas ao longo do período 2014-2019, estando neste Grupo: EUA, Austrália, Reino Unido, Bélgica, França, Holanda, Dinamarca e Espanha. Na próxima página, segue-se uma ideia do compromisso com o combate contra o *Daesh* mediante o emprego de ataques aéreos.

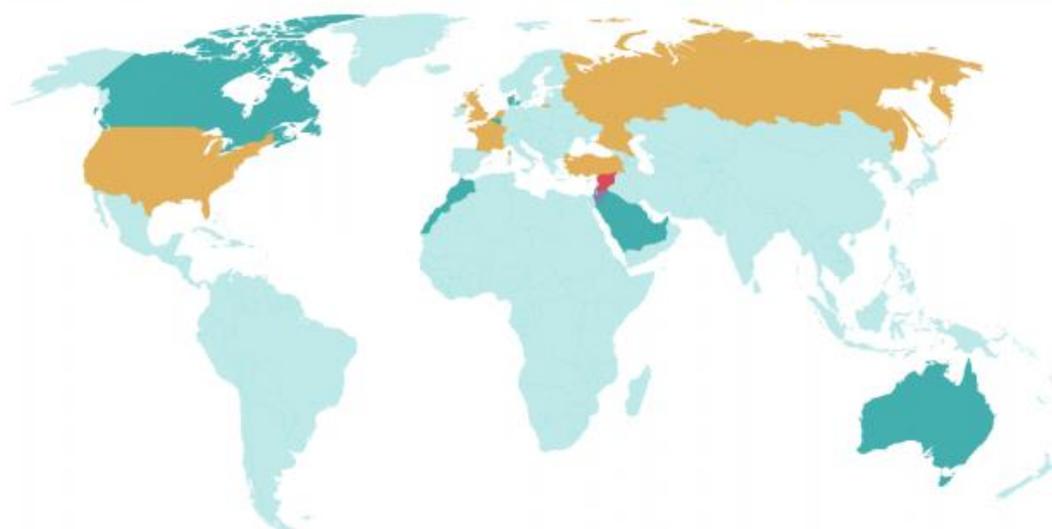
Por outro lado, as opiniões públicas ocidentais não são da ideia do que os seus soldados estejam em terceiros países para manter longas campanhas de contrainsurgência, pois os exércitos profissionais europeus e americano têm-se mostrado pouco adequados para tal (Calvo, 2016, p. 83). O modelo *Train, Advise and Enable*, está linha com este racional.



Who has launched air strikes in Syria?

STATUS: **ACTIVE**

STATUS: **UNCONFIRMED**



STATUS: **SUSPENDED** (date of suspension)



Source : Airwars, Combined Joint Task Force



middleeasteye.net

Figura 30-Estados que têm lançado ataques aéreos na Síria contra o *Daesh*

Fonte: Merrill (2018)

Olhando a figura 30, pode ser observada como a “asfixia” referenciada no capítulo 4, se reflete no número de países que têm agido contra o *Daesh*, neste caso mediante o emprego de ataques aéreos, o que não só ajudou as tropas das potências mundiais no combate contra o terrorismo a eliminar operacionais qualificados, como também foi eficaz na hora de destruir importantes elementos das finanças do grupo, tais como depósitos de dinheiro ou campos de petróleo.

Resumidamente, tirando os recursos de um exército, os seus equipamentos não irão funcionar, em linha como a afirmação Antoine-Henri de Jomini (1862/2008, pág. 47), “se a estratégia decide onde agir, a logística permite que as tropas atinjam os objetivos”.



Anexo D — Combatentes Estrangeiros e retornados: ameaça para Europa

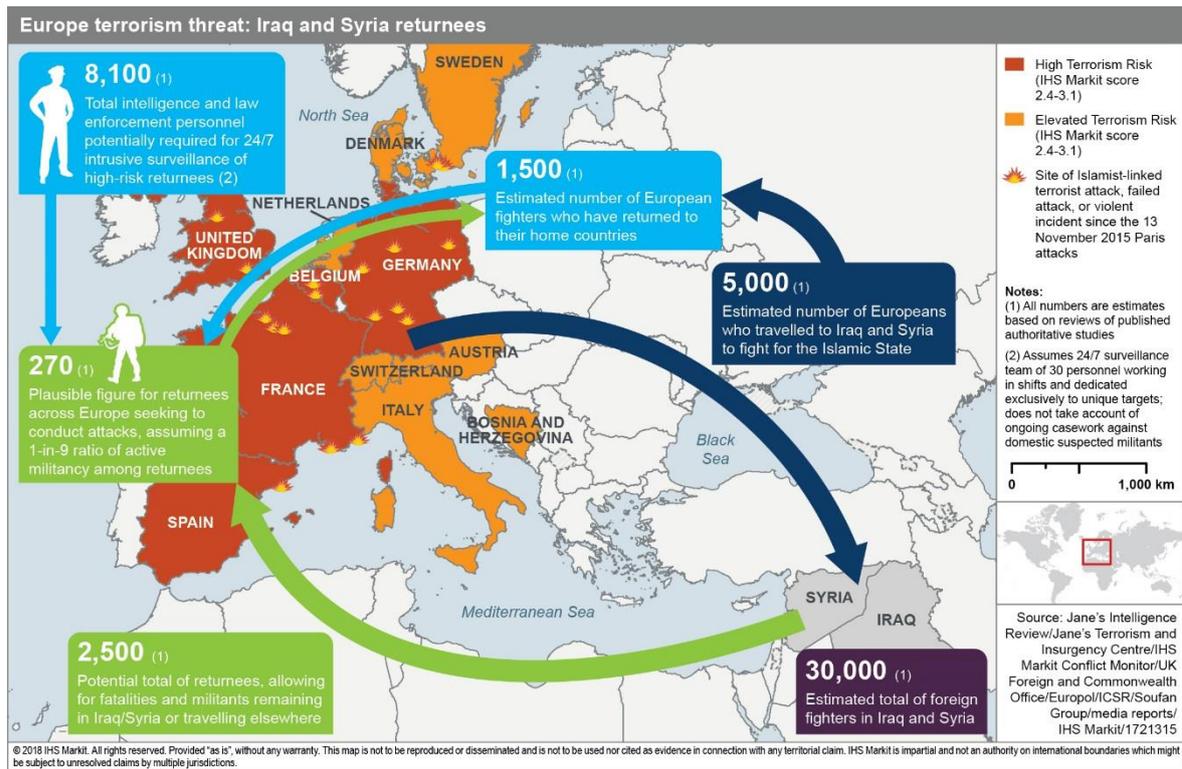


Figura 31-Ameaça terrorista para Europa: retornados da Síria e do Iraque

Fonte: Nicholl (2018)

Segundo os números da figura 31, Espanha, França, Alemanha, Reino Unido e Bélgica seriam os países com o risco maior de sofrer atentados. Assumindo o rácio de um de cada nove (entre os próprios retornados), perante os indivíduos com intenções de atacar a Europa -270-, seriam necessários cerca de 8 mil policiais somente em tarefas de vigilância e seguimento numa lógica de 24/7. Estes retornados aumentam a capacidade das células terroristas europeias, pois são detentores de *expertise* em planeamento e experiência operacional, para além de transmitirem conhecimento sobre matérias de segurança, sem esquecer o *know-how* em matéria de explosivos (Nicholl, 2018).

Assim, as capacidades destes CE retornados, incluem: (1) executar ataques terroristas; (2) planear e dirigir de ataques terroristas; (3) recolocar CE veteranos, com potencial para criar novas estruturas terroristas ou reforçar as existentes num país terceiro; (4) radicalizar e recrutar novos CE. Importa referir que estes CE retornados podem ficar em estado “adormecido”, a aguardar a melhor oportunidade para agir (CTED, 2018, pág. 7).

Em linha com o exposto, muitos investigadores têm procurado encaixar os papéis dos CE: (1) O mártir, um CE morto no campo de batalha; (2) O veterano, um experiente CE que continua a lutar em outros locais, (3) O recrutador, um CE que volta a “casa” para fazer tarefas de recrutamento; (4) O reintegrado, um CE que volta a casa e deixa a atividade terrorista; (5) O terrorista, um CE que está à procura de executar ataques terroristas no seu país de origem (CTED, 2018, pág. 6).



Anexo E — Estratégia e medidas na luta contra o terrorismo na União Europeia

Em 2005, o Conselho da UE adotou a estratégia global contra o Terrorismo no intuito de contribuir para uma Europa mais segura. Esta estratégia assentou em quatro pilares básicos: (1) prevenir, abordando as causas da radicalização e recrutamento de terroristas; (2) proteger os cidadãos e as infraestruturas, bem como reduzir a vulnerabilidade perante atentados; (3) perseguir, reduzindo a capacidade de planeamento e organização dos terroristas, a fim de os levar a responder perante a justiça; e (4) responder, que implica preparar, gerir e minimizar, o máximo possível, as consequências de um atentado (Consilium, 2018a). No intuito de dar uma resposta ao longo prazo, a estratégia se traduz nas seguintes ações (PE, 2018a, pág. 5):

(1) Apoio às medidas nacionais, mediante o intercâmbio de melhores práticas para combater a radicalização e o recrutamento, através da RAN; (2) Medidas para reforçar a luta contra o financiamento do terrorismo; (3) Medidas para o controlo e obtenção de armas e explosivos; (4) Medidas para robustecer as fronteiras exteriores da UE, o que inclui a agência FRONTEX, a introdução de um sistema de controlo de entradas e saídas para nacionais provenientes de países terceiros que viajam de e para a UE; (5) O apoio à cooperação operacional entre as forças policiais mediante: a) As agências da UE, EUROPOL, CEPOL e Eurojust; b) A partilha de bases de dados: *Schengen Information System* (SIS); *Visa information System* (VIS); Prüm (ADN, placa de veículo) e registos de passageiros; c) Instrumentos de cooperação: Equipas de investigação conjunta; mandato de captura europeu; mandato de Investigação Europeu; uniformização das disposições no domínio do direito penal e processual, que inclui a assistência às vítimas do terrorismo e respetivas famílias;

(6) A cooperação com países terceiros e entidades internacionais através dos oficiais de ligação na UE e da UE, segundo os convénios específicos para tal efeito.

Para além das medidas expostas, a UE tem implementado uma série de ações em etapas, que incluem: (a) tipificação penal de atos, tais como o treino ou viagem com fins terroristas, a organização destas viagens, e o fornecimento ou colheita de fundos relativamente a grupos ou atividades terroristas; (b) nomeação de um novo comissário para a UE de segurança; (c) a melhoria do intercâmbio de informação; (d) o Centro Europeu na Luta Contra o Terrorismo (CELCT); (e) a luta contra a radicalização *online* (Consilium, 2018b).

Por outro lado, a EU criou a IRU, em 1 julho de 2015, cuja função é a de antecipar o uso terrorista das ferramentas *online*, bem como desempenhar um papel proativo de aconselhamento e comunicação *vis-à-vis* entre os Estados membros e o setor privado. A IRU é uma capacidade do novo CELCT, servindo como um serviço central para todos os Estados membros, ajudando a reduzir propaganda terrorista na *internet*, enquanto consolida parcerias com o sector privado, no intuito de promover uma “auto regulação” por parte daquele (EUROPOL, 2016b, pág. 3). De facto, e segundo o SIGC (2019), a IRU é identificada como um interlocutor fiável pelo setor privado, o que facilita a remoção de conteúdos.

IRU responde à ameaça terrorista na *internet* mediante: (1) a coordenação e partilha sobre a identificação de conteúdo terrorista e extremista *online* com parceiros relevantes; (2) a implementação e apoio às recomendações que sejam adequadas, de forma rápida e eficaz, em cooperação com a indústria; (3) o apoio às autoridades competentes, providenciando análises estratégicos e operacionais; (4) a atuação como um Centro de Excelência Europeu. Da mesma forma, o Conselho especial Europeu de 23 de abril de 2015, apelava a EUROPOL e à IRU para monitorizar fontes abertas e a *internet*, no intuito de contribuir para a interrupção das redes de tráfico de imigrantes clandestinos e o tráfico de seres humanos (EUROPOL, 2016b, pág. 3). Em 2017, na ordem de 150 plataformas de média foram empregues pelos terroristas para disseminar a sua propaganda. Por outro lado, os sítios de partilha de arquivos são usados pelos terroristas para disseminar seu conteúdo, bem como mensagens e serviços automatizados que levam a outros sítios. Os esforços das companhias privadas e das forças de segurança têm resultado numa redução do uso das organizações terroristas de plataformas comuns tais como o *Youtube*, o *Facebook* ou *Twitter*, mas ainda resta trabalho por fazer no domínio das social média *startups* e das companhias com recursos limitados (EUROPOL, 2018, p. 15).



Anexo F — Entidades e interesses conflitantes na Síria

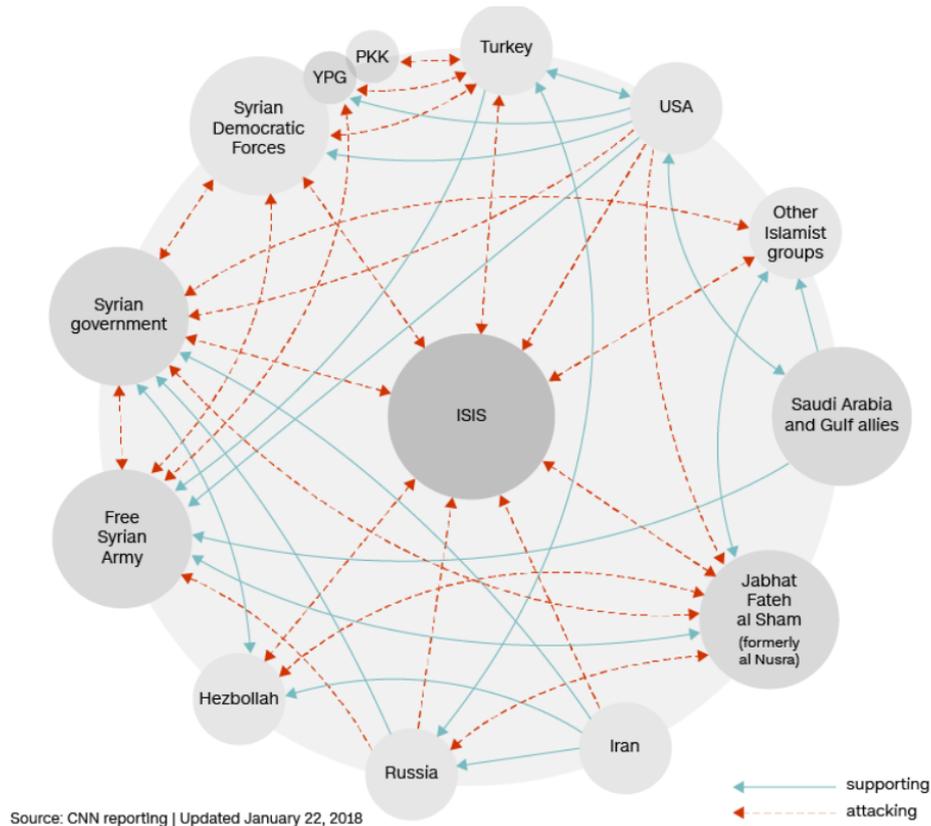


Figura 32-Relações e interesses entre entidades na Síria

Fonte: Greene (2018)

Embora a CID tenha liderado o combate contra o *Daesh*, é importante referir que o governo Sírio e os seus aliados, bem como os Curdos, têm responsabilidades na derrota do Grupo. Começou por se dizer que a guerra de Síria é complicada, como se percebe das relações contidas na figura 32. Iniciou-se como uma revolta contra o Presidente Bashar al-Assad, mas agora é um “vale tudo”. O *Daesh* perdeu o território que controlava, depois de ser atacado em todas as frentes. Mas a vitória sobre o grupo, levou a que os restantes atores passassem a lutar entre si (Greene, 2018)

A Turquia tem conflitos contra os Curdos – incluído o YPG: Unidades de Proteção Popular-. Os Curdos têm sido dos mais eficazes guerreiros contra o *Daesh*. Os grupos rebeldes, como o Exército Livre da Síria, combatem contra o regime, sem esquecer outros grupos *jihadistas* como *Jabhat Fateh al Sham*. Para além disso, a Rússia apoia o regime de Assad e combate contra o *Daesh*. Os EUA combatem o *Daesh*, mas não apoiam o Assad, e atacaram objetivos militares Sírios em resposta a um ataque químico sobre civis (Greene, 2018).

Por outro lado, os EUA apoiam o YPG, e Washington e Turquia são aliados da NATO. Mas Ancara considera o YPG um grupo terrorista igual aos grupos separatistas em solo turco. O Irão e as milícias de Hezbollah, apoiam o Assad (Greene, 2018).

Segundo Alterman (2017), Moscovo tem os seus próprios interesses no Médio Oriente, para além de confrontar os EUA. Os Russos fazem a sua análise sobre o terrorismo na zona, sabendo como fortalecer os regimes autoritários em seu benefício. De facto, há uma outra importante dinâmica em jogo, a da soma zero. Desde esta perspetiva: quanto pior para os americanos, melhor para eles.

Assim, a Rússia tem adotado os postulados do Assad, pois considera os opositores do Assad de terroristas, o que o tem ajudado a manter no poder, e a recuperar territórios. De facto, 80% dos ataques aéreos de Moscovo têm sido dirigidos contra opositores, e 20% contra o *Daesh*. Destarte, além de ajudar um velho aliado, a Rússia tem aumentado a sua presença no Médio Oriente, mostrando-se como uma potência mundial, tentando amortecer o impacto negativo do conflito com a Ucrânia, e apresentado o Presidente Putin como um líder mundial no combate ao terrorismo (Milosevich-Juaristi, 2017, págs. 6-7).



Anexo G — Centro de gravidade do *Daesh*

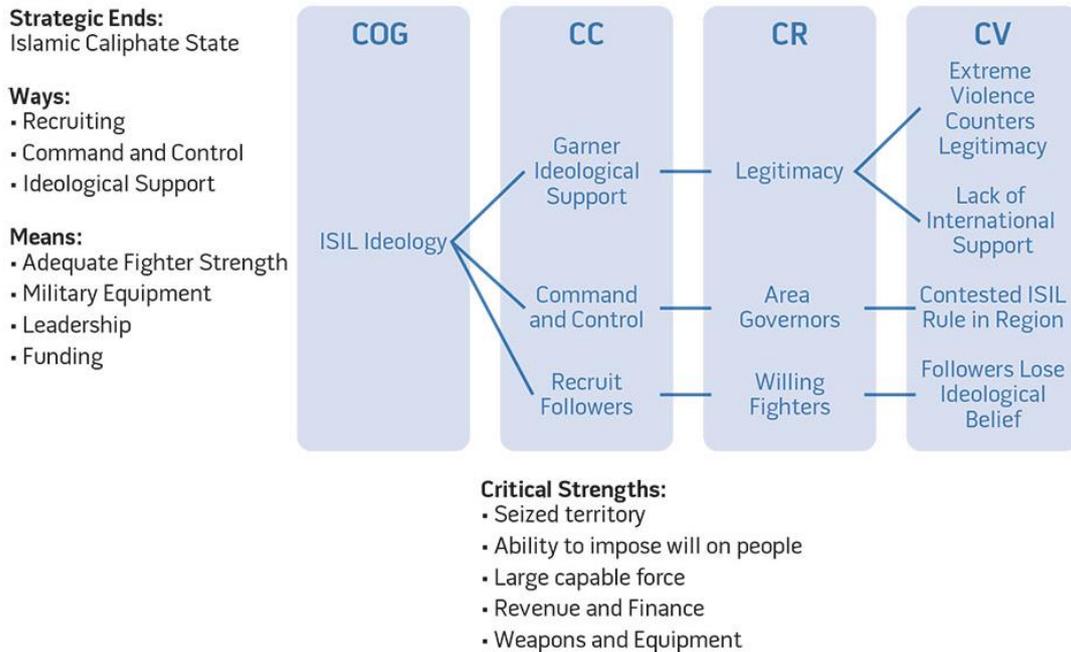


Figura 33-Centro de gravidade e capacidades críticas do *Daesh*

Fonte: Smith *et al* (2015, pág. 134)

De acordo à figura 33, o COG estratégico do *Daesh* é a sua ideologia, e o seu COG operacional é a sua força militar (Smith *et al*, 2015, pág. 134). De facto, analisando as suas capacidades críticas (CC), observa-se como conseguir apoio à ideologia, o comando e controlo e a capacidade de recrutamento são essenciais. Tirando da equação os elementos que sustentam as tais CC, a organização acaba por não funcionar (apêndice A). Quando comparam-se as cinco linhas de esforço da CID, (1) providenciar apoio militar aos parceiros militares; (2) impedir o fluxo de CE; (3) neutralizar o financiamento do *Daesh*; (4) responder às crises humanitárias na região; e (5) expor a verdadeira natureza do *Daesh*, se percebe como estão focadas em neutralizar as CC da organização. O Coronel Arthur F. Lykke Jr. criou a fórmula do modelo que leva o seu nome: estratégia corresponde a finalidade (*ends*: objetivos onde os esforços são dirigidos), processos (*ways*: formas de agir, medidas a serem tomadas) e meios (*means*: ferramentas empregues para alcançar os objetivos) (Meiser, 2017, p. 82). Em conformidade com a figura 33 e o capítulo 4, a CID tem afetado em maior ou menor grau as ferramentas do grupo: (1) tem afetado a força militar, pois não dispõem de tantos militantes como tiveram no seu zénite, tendo quase interrompido o fluxo de CE; (2) tem eliminado muitos líderes importantes para organização, incluído o líder de *Daesh*, Abu Bakr al-Baghdadi (Mackintosh *et al*, 2019); (3) tem diminuído o financiamento do grupo, tirando muitos dos seus recursos –os campos de petróleo- e equipamento, dificultando o contrabando e outras atividades ilegais.

Segundo Couto (1980), as ameaças são o produto das possibilidades pelas intenções. As possibilidades do *Daesh* têm sido neutralizadas temporariamente, pois atacaram-se os elementos nos que assentam as CC que permitem o grupo operar. Porém, as intenções existem, e por tanto, existe a ameaça. Em síntese, este COG continua em vigor, pois enquanto a ideologia seja capaz de mobilizar as pessoas para seguirem o grupo, -apesar da perturbação temporária das capacidades que sustentam as CC e que lhe permitem planear e executar ataques- o mesmo será capaz de sobreviver, e eventualmente atacar.



Anexo H — O *jihadista* europeu

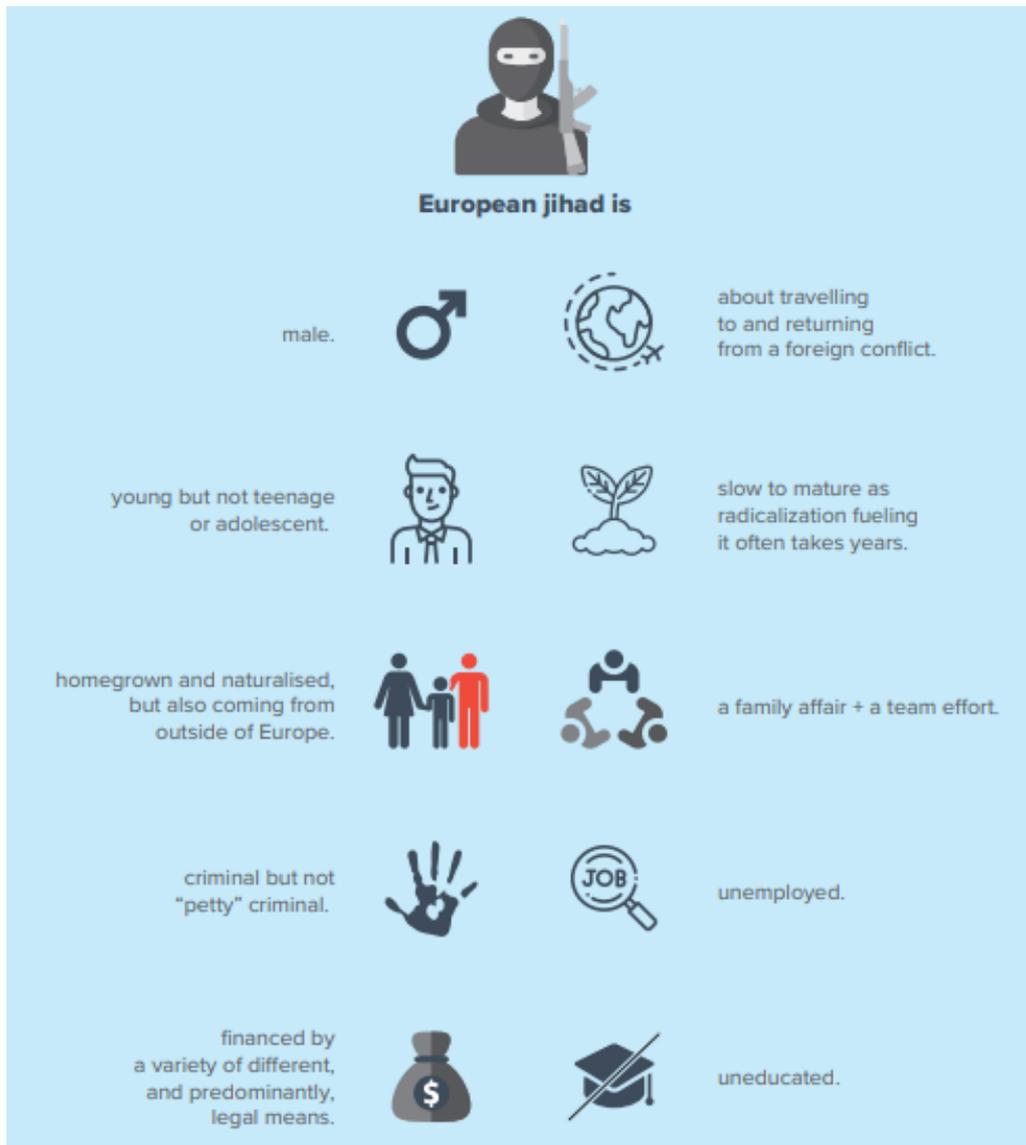


Figura 34-Quem são os *jihadistas* europeus

Fonte: Rekawek *et al* (2018)

A partir de um estudo de Rekawek *et al* (2018, págs. 8-9), com dados entre setembro 2017- junho 2018 e com uma amostra de 225 indivíduos, foram tiradas conclusões sobre as características dos *jihadistas* europeus. Assim, podem ser sublinhados os seguintes aspetos em linha com a figura 34:

1. O *jihadista* europeu é, em certa medida, de natureza criminosa, sendo que 28% dos casos analisados na pesquisa possuem um registo criminal prévio. De facto, e segundo o estudo, o nexos crime-terrorismo envolve criminosos perigosos, e não autores de pequena criminalidade.

2. O *jihadista* europeu é homem – conforme a pesquisa, 87% homens, e só 13 % mulheres.

3. As origens do *jihadista* europeu compreendem três fontes: (1) é de origem local – 51% nascidos na UE; (2) e naturalizado ou de primeira geração – 11% têm adquirido a nacionalidade; (3) de origem externa - 17% não tem passado parte da sua vida na UE. Porém, os criminosos que se tornam terroristas são mais de origem local - 71% são nascidos na UE e 89% possuem a nacionalidade europeia.

4.- O *jihadista* europeu não possui uma boa formação académica. Só 20% tem o ensino secundário e 3% possui estudos universitários. Com registo criminal, apenas 8% frequentou o ensino secundário.

5. Consequentemente, o *jihadista* europeu não é bem-sucedido no respeitante à carreira profissional. Do grupo em estudo, no momento da detenção, morte ou expulsão, 40% estavam desempregados. Dos criminosos, 52% estavam desempregados.

6. O envolvimento na *jihad* europeia é um assunto familiar ou colegial, com 26% nesta situação.



7. O processo de radicalização à *jihad* europeia é um fenómeno paciente, sendo que os seus membros passam por um longo período de radicalização. A *jihad* europeia tem muito a ver com as prisões, com 54% dos criminosos –previamente em prisão- que se tornaram terroristas. Importa dizer que, durante o tempo em prisão, estes indivíduos tendem a mostrar um perfil baixo, com 18% considerados como presos com bom comportamento, obtendo uma libertação antecipada.

8.-A *jihad* europeia está ligada ao combate em conflitos no estrangeiro, sendo 26% dos casos associados a indivíduos retornados após um período na zona de conflito (Síria/Iraque). Curiosamente, metade dos CE na amostra tem um passado criminoso.

9. Segundo o estudo, a *jihad* europeia é um esforço de equipa, no sentido que a maioria dos indivíduos foram detidos em ações antiterroristas contra redes *jihadistas*.

Por último, importa expor as ações perpetradas por estes *jihadistas* europeus. O estudo de Vidino *et al* (2017, págs. 15-16), sobre os 51 atentados perpetrados entre junho 2014 e junho 2017, revela que tiveram lugar em 8 países: França (17); Estados Unidos (16); Alemanha (6); Reino Unido (4); Bélgica (3); Canadá (3); Dinamarca (1); e Suécia (1) – ou seja, 32 ataques na Europa (63%) e os 19 restantes nos EUA (37%), sendo que, 73% dos autores eram cidadãos do país no qual perpetraram o ataque, 14% eram residentes legais ou visitantes com permissão, sendo 5% refugiados ou requerentes de asilo, e 6% em situação ilegal.



Anexo I — *Status e futuro do Daesh: a história não se repete, mas rima*²⁷

ISIS Entered Its Reconstitution Phase Better Off Than AQI ...				
	Capability	Essential for Insurgency	AQI (December 2011)	ISIS (May 2017)
Military	VBIED Networks	Yes	Degraded	Degraded
	Leadership	Yes	Degraded	Intact
	Command-and-Control	Yes	X	Degraded
	Weapons and Munitions	Yes	X	Intact
	Training Camps	Yes	X	Degraded
	Fighters	Yes	Roughly 700	Roughly 30,000
	Foreign Fighter Pipeline	No	Less than 10 per month	50 – 100 per month
	Combined Arms	No	X	Disrupted
Web	Media Apparatus	Yes	Degraded	Degraded
Financial	Cash Reserves	Yes	UNK (Likely low thousands)	At least \$400 million

KEY

X - Destroyed - Capability rendered combat ineffective until reconstituted

Degraded - Capability must be partially reconstituted

Disrupted - Adversary is unable to use the capability in the desired manner under current conditions

Intact - Organization can field the capability at desired scale and for intended purpose

Figura 35-Comparação das capacidades do AQI e *Daesh* em modo insurgência

Fonte: Cafarella *et al* (2019)

Nas figuras 35 e 36, há uma comparação entre as capacidades da AQI em 2011, quando os americanos abandonaram o Iraque, e as capacidades do *Daesh* em 2017. De facto, e como observado ao longo desta pesquisa, o *Daesh* conta com um número de militantes que varia entre os 14 mil e os 30 mil, dependendo da fonte consultada, para além das suas finanças estarem na ordem dos 300 milhões de dólares.

Os americanos abandonaram o Iraque em 2011, pois naquela altura o território parecia estável. Depois do governo sectário de Al-Maliki, as tensões entre xiitas e sunitas começaram de novo, e o *Daesh* alimentou-se delas, sendo capaz de conquistar Faluja e Mossul, dando assim início ao Califado (Fuente, 2018, págs. 9-11). Na atualidade, parece que esta história pode se repetir, pois existe o risco de serem cometidos exatamente os mesmos erros.

O presidente Trump disse, em dezembro 2018, que as forças americanas iriam retirar da Síria, apesar do conselho dos seus assessores militares e de segurança nacional para não o fazer. Para além disto, Brett McGurk, enviado especial da CID, anunciou a sua demissão, porque não estava de acordo com a decisão do presidente de retirar as tropas, pois teria dito aos parceiros da CID que a estratégia era a de ficar na Síria para lutar contra o *Daesh*, e gerir o equilíbrio com o Irão (Labott, 2018).

Porém, após a derrota do grupo no terreno, os EUA mudaram de retirada para redução de tropas. A CID informou ao Departamento da Defesa dos EUA que ainda havia na área milhares de militantes do *Daesh* na Síria e no Iraque, incluindo um número desconhecido de células adormecidas capazes de cometer ataques, ao mesmo tempo que iriam reconstruir capacidades e redes terroristas. Além disto, o Comando Central dos EUA reiterou a sua avaliação de janeiro 2019, no sentido de que sem pressão antiterrorista, o *Daesh* provavelmente ressurgiria na Síria num período de 6 a 12 meses. Desta maneira, em 23 março 2019, Trump declarou a vitória sobre o grupo depois da libertação do povo de Baghuz na Síria, e anunciou que um contingente de tropas iria ficar naquele país (Fine *et al*, 2019a, págs. 16,17).

²⁷ Máxima atribuída ao escritor americano Mark Twain



...And Retains Some High-End Capabilities AQI Never Had				
	Capability	Essential for Insurgency	AQI (December 2011)	ISIS (May 2017)
Military	Drone Program	No	N/A	Disrupted
	External Operations	No	N/A	Dismantled (& shifted abroad)
	Internal Police	No	N/A	Degraded
	Cyber Infrastructure (cyber planners, key physical nodes, etc)	No	N/A	Disrupted
	Industrial Scale Weapons Manufacturing	No	N/A	X
	Chemical Weapons Production	No	N/A	X
Web	Online Supporters	No	N/A	Intact
Financial	Global Financial Network	No	N/A	Intact
Political	Robust Governance Entities (courts, prisons, etc.)	No	N/A	Degraded

KEY

- X = Destroyed** - Capability rendered combat ineffective until reconstituted
- Degraded** - Capability must be partially reconstituted
- Disrupted** - Adversary is unable to use the capability in the desired manner under current conditions
- Intact** - Organization can field the capability at desired scale and for intended purpose

Figura 36-Capacidades do Daesh para sua ressurgência que AQI nunca teve

Fonte: Cafarella *et al* (2019)

Cafarella *et al* (2019, pp. 27,44), frisam como desde junho de 2019 a campanha do *Daesh* é mais agressiva na Síria e no Iraque, a fim de estabelecer condições para futuras operações de conquista de território, em linha com o plano de cinco fases para a implementação do Califado do Abu Musab al-Zarqawi (País dos Santos, 2016, p. 63). Porém, com a experiência falhada de controlo de território, escolherão o *timing* cuidadosamente.

Em linha com o racional exposto, a CID argumenta como as operações no Iraque estão focadas em “baixo esforço e alta rentabilidade”, no sentido de criar tensões entre a população e as forças de segurança sem ser preciso de muitos fundos para tal. O *Daesh* tem-se focado em explorar a debilidades e as falhas do governo iraquiano e explorar as tensões sectárias entre xiitas, sunitas e curdos no intuito de criar instabilidade, sendo que as autoridades iraquianas têm expressado as suas preocupações face à incapacidade do governo para assegurar os serviços básicos, o que cria condições que o *Daesh* explorou em tempos (e que pode voltar a explorar) para (re)surgir e conquistar território no Iraque (Fine *et al*, 2019a, p. 8).

De facto, em 31 maio 2019, a organização tem lançado a sua nova campanha “guerra de atrição”, reivindicando operações no Iraque, Afeganistão, África Ocidental, Líbia, Somália, África Central, Paquistão, e a Península do Sinai (Cafarella *et al*, 2019, pág. 44).



Anexo J — Filiais do Daesh em 2019

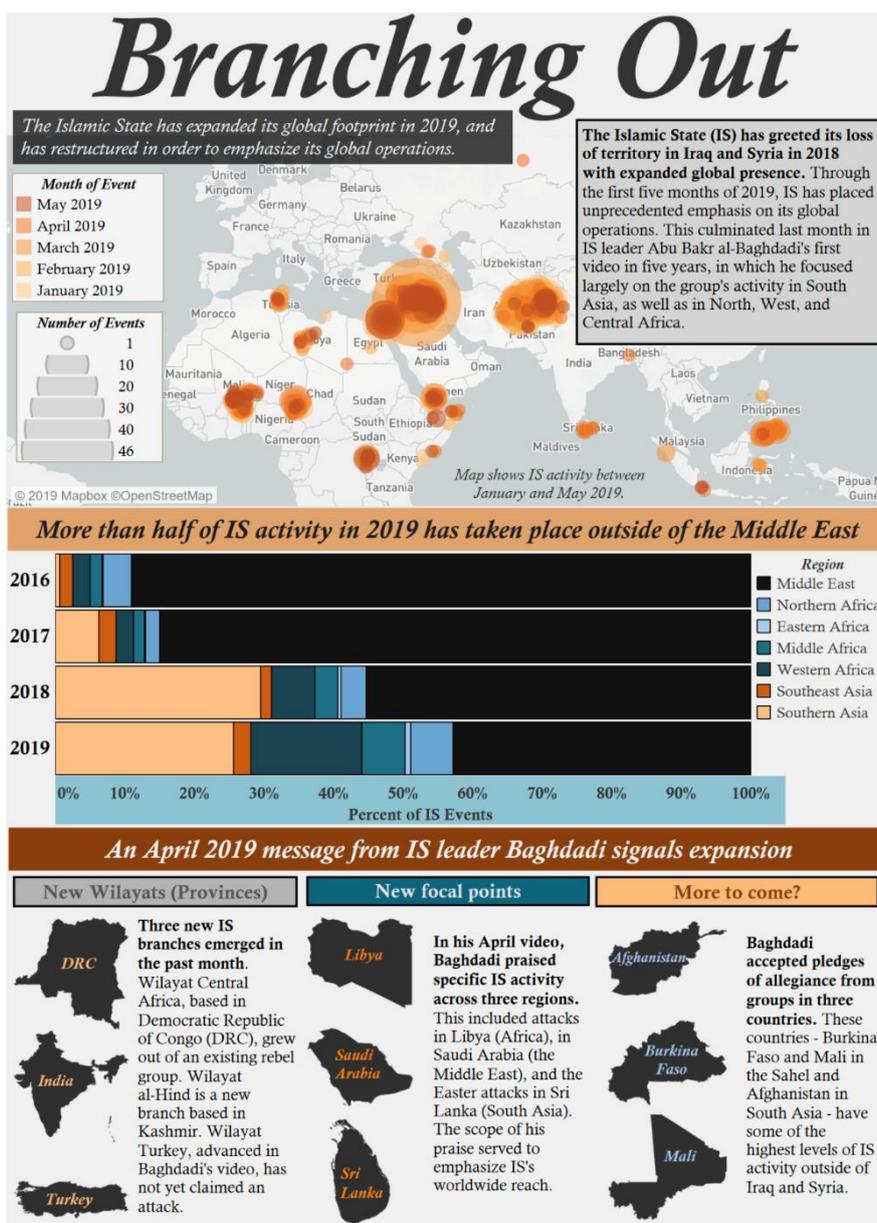


Figura 37-Filiais do Daesh em 2019

Fonte: Pavlik (2019)

O Daesh tem reduzido o impacto negativo da perda de território mediante uma expansão da sua presença global. Assim, durante os primeiros meses de 2019, o grupo têm colocado muita ênfase nas suas operações internacionais. O ponto mais alto foi em abril, quando Abu Bakr al-Baghdadi, o líder da organização, naquela que foi a sua segunda aparição em vídeo (a primeira foi em 2014, quando anunciou a criação do Califado na mesquita de Mossul), focou sua intervenção, em grande medida, na atividade do grupo no Sudeste asiático, bem como no Norte de África, África Ocidental e África Central. De facto, mais da metade da atividade da organização em 2019 tem acontecido fora do Médio Oriente, como mostra a figura 37 (Pavlik, 2019).



Anexo K — Alcance global do Daesh

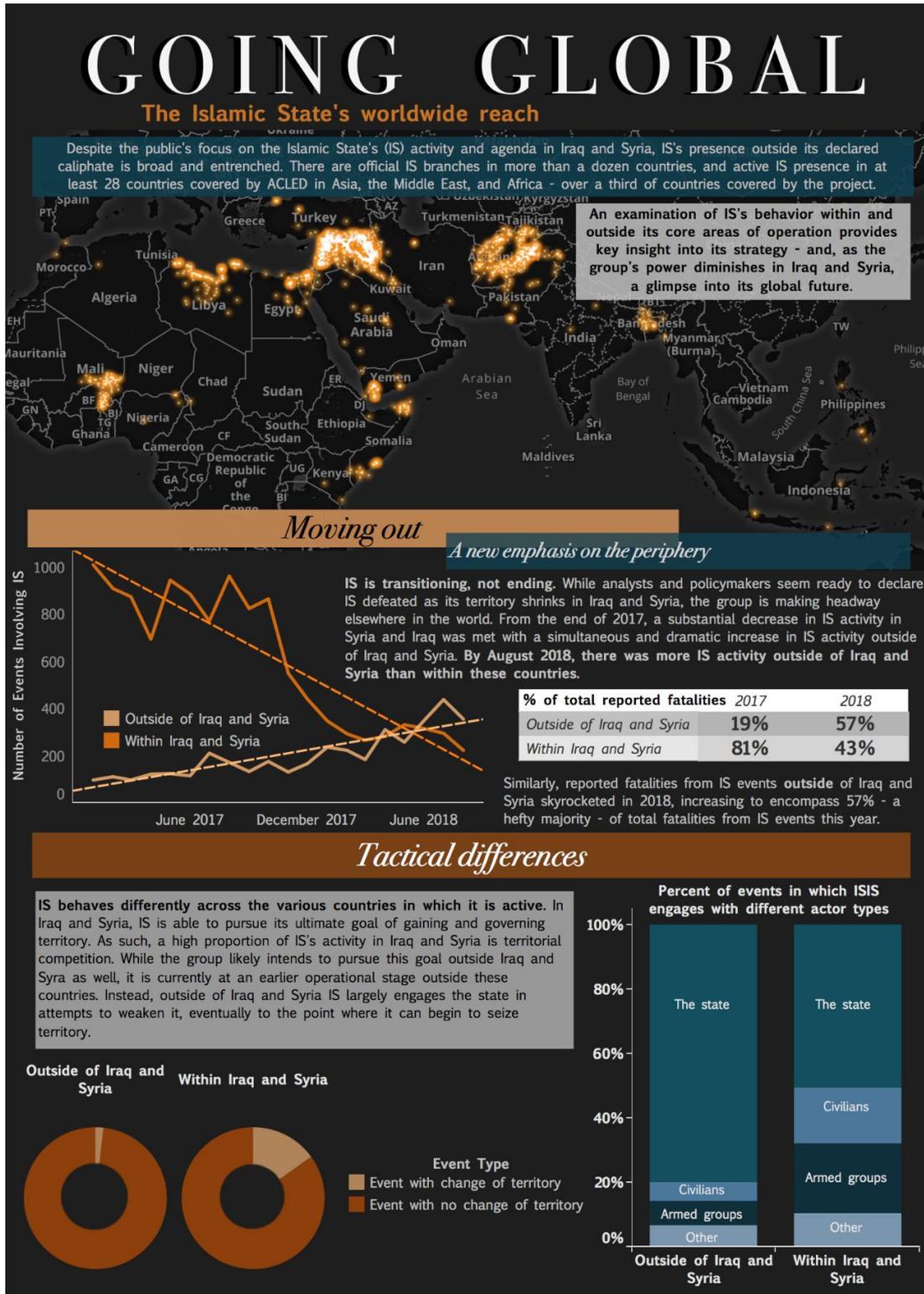


Figura 38-Alcance global do Daesh

Fonte: Pavlik (2018)

Segundo exposto na figura 38, o Daesh age de forma diferente dependendo do país em causa. No Iraque e na Síria, o grupo é capaz de, eventualmente, controlar território, mas, após a recente derrota naquela região, será cuidadoso com o seu timing neste aspeto. Fora desta área, o grupo está focado em debilitar os governos.



Anexo L — Evolução dos objetivos e estratégia do *Daesh* na Síria e no Iraque

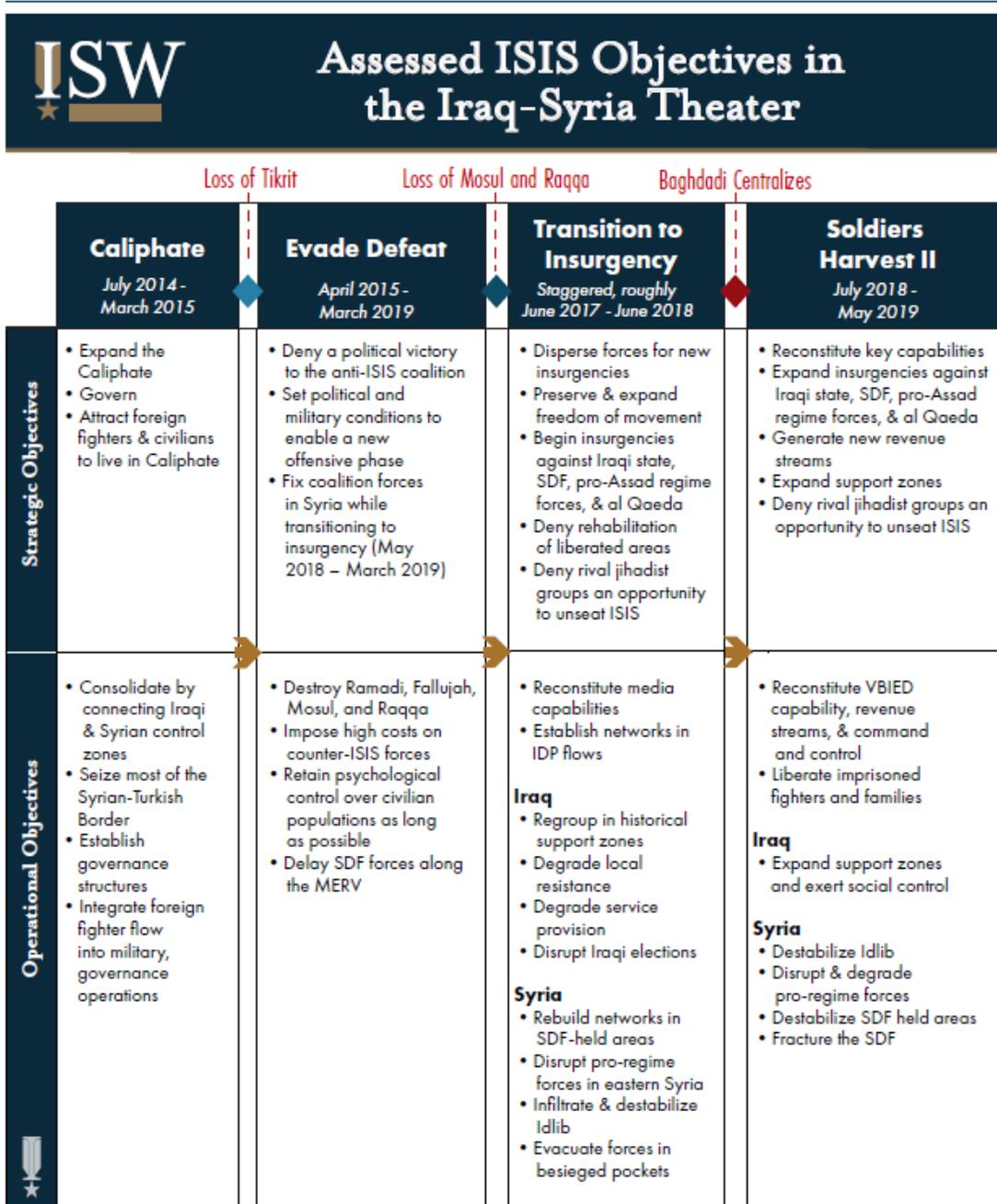


Figura 39- Objetivos avaliados do *Daesh* na Síria e no Iraque

Fonte: (Cafarella et al, 2019, págs. 13-25)

A natureza adaptativa do *Daesh*, fruto da *expertise* e experiência dos seus líderes pode ser observada na figura 40. Embora seu objetivo final seja o Califado, segundo Cafarella et al (2019), assim que a CID começou reconquistar terreno, os objetivos do *Daesh* mudaram (figura 40-*Evade Defeat*) para fazer um eventual retorno mais fácil. seguirem seguida, dispersaram os seus militantes ao longo da Síria e do Iraque. A organização necessitaria um esforço menor do que AQI em 2011 para reconstituir uma insurgência. Assim o expressou o porta-voz do *Daesh* em 2018: “De que vitória os Senhores falam, americanos, quando os *mujahidin* [...] têm umas condições melhores do que aquelas que tinham quando os Senhores abandonaram o Iraque há vários anos?”



Apêndice A — Conceitos Complementares

Audiência-Alvo	Indivíduo ou grupo de pessoas selecionadas para serem influenciadas ou atacadas por meio das Operações Psicológicas (PSYOPS) (NATO, 2014, págs. Lex-8).
Capacidades Críticas (CC: <i>Critical Capabilities</i>)	Segundo o IUM, (2018, pág. 56) as CC são “os meios primários que permitem ao COG ganhar e manter influência dominante sobre um adversário ou em determinada situação”.
Centro de Gravidade (COG)	O núcleo de poder e movimento sobre o qual tudo depende, assenta nos fatores que fundamentam esse poder, o clássico COG segundo Clausewitz (Strange e Iron, 2004). Segundo o IUM (2018), as “Características, capacidades ou locais a partir do qual deriva a liberdade de ação, a força física ou a vontade de lutar de uma nação, aliança força militar ou outro grupo. O COG tem de ser acessível a fim de poder ser afetado. Pode-se diferenciar entre COG estratégico, relacionados com os elementos dominantes do poder para alcançar os objetivos estratégicos (a vontade do povo), ou COG operacionais: ligados a uma capacidade dominante, o que permite a um ator alcançar os objetivos operacionais (forças militares).
Combatente Estrangeiro	Segundo Jahangir Arasli, analista de informações de Azerbaijão, “um combatente estrangeiro islamista é um lutador voluntário sem ligação aparente com a área objeto de conflito armado em curso, mas vinculado à mesma pelo que percebe como um dever religioso” (Schmid e Tinnes, 2015, pág. 12). Uma outra definição, mais neutra ao não incluir referências à religião, é a proposta pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU), em Resolução 2178: “...nacionais que viajam ou tentam viajar para um Estado que não seja no qual residem ou o da sua nacionalidade, e outros indivíduos que viajam ou tentam viajar desde os seus territórios para um Estado que não é o seu Estado de residência ou nacionalidade, com o objetivo de perpetrar, planejar, preparar, ou participar em atos terroristas, ou bem para fornecer ou receber treino terrorista, o que inclui conexão com conflito armado (Schmid e Tinnes, 2015, pág. 12).
Fatores <i>Pull</i>	Os fatores <i>pull</i> são aqueles que mostram os benefícios e aspetos positivos de se unir a uma organização extremista. Estes incluem a ideologia do grupo (com ênfase na mudança das condições individuais através da violência em vez mediante métodos democráticos “passivos” ou apáticos), os fortes vínculos de fraternidade, a construção de uma reputação, a perspectiva de fama ou glória, bem como outros benefícios da socialização (Xharra & Gojani, 2017, pág. 23).
Fatores <i>Push</i>	Os fatores <i>push</i> são as características e aspetos negativos nos domínios social, cultural e político do contexto de cada indivíduo, que ajudam aquelas pessoas vulneráveis tomarem o caminho do extremismo violento. São vulgarmente conhecidas como causas subjacentes, tais como pobreza, desemprego, analfabetismo, discriminação e marginalização política/económica (Xharra & Gojani, 2017, pág. 22).
<i>Frames substantivos</i>	Enfoques da realidade carregados de referências culturais populares, a fim de obter um maior envolvimento nas suas potenciais AA (Lesaca, 2015, pág. 111).
<i>Hard Power</i>	Definido como a habilidade de alcançar os objetivos próprios mediante meios coercitivos ou ameaças, os chamados de “cenouras” e “paus” da política internacional. Historicamente, o <i>hard power</i> tem sido medido mediante critérios como população, território, recursos naturais, poder militar e fortaleza económica (Raimzhanova, 2015, pág. 6).
<i>Hijrah</i> (migração)	<i>Hijrah</i> refere-se à migração. Abu Bakr al-Baghdadi no número 1 da revista Dabiq faz uma chamada para os muçulmanos irem ao Califado, aos domínios do <i>Daesh</i> (Tobajas, 2015, p. 2) a participar na <i>Jihad</i> viajando ao Iraque e à Síria.
Insurgência e Contrainsurgência	Segundo o CJCS (2018, págs. ix-x) “Insurgência é o emprego organizado da subversão e da violência para tomar, anular, ou desafiar o controlo político de uma região. Uma insurgência é uma forma de conflito interno, e a contrainsurgência (COIN) é empregue para a combater”. A COIN é a combinação das medidas tomadas por um governo, as vezes com apoio multinacional, no intuito de derrotar uma insurgência. Desta forma, uma COIN efetiva irá usar todos os instrumentos do poder nacional para integrar e sincronizar atividades nos âmbitos político, de segurança, legal, económico, de desenvolvimento e psicológico. Relativamente à insurgência, Pais dos Santos (2016, pág. 63) explica como as cinco etapas do modelo de subversão do Exército Português podem ser associadas à estratégia para a implementação do Califado (figura 9): <i>Hijrah</i> (peregrinação); <i>Jama'ah</i> (congregação); Destabilização dos regimes <i>Taghut</i> (idolatrás); <i>Tamkin</i> (consolidação); e Califado (AlHayat Media Center, 2015, pág. 38).
<i>Jihadismo</i>	Segundo Abu Mus'ab al-Suri (conhecido como Mustafá Setmarian): “Os <i>jihadistas</i> ou a corrente <i>jihadista</i> , são aqueles indivíduos que têm assumido a ideia da <i>Jihad</i> armada contra os governos do mundo árabe, ou os inimigos estrangeiros, tendo adotado uma ideologia baseada nos princípios de soberania de Deus (<i>hakimiyya</i>), os princípios de associação e dissociação ((<i>al-wala' wa'l-bara'</i>), e os fundamentos do pensamento político religioso <i>jihadista</i> contemporâneo que está detalhado nos seus escritos (Bunzel, 2017, pág. 6).



Lobo solitário	A ameaça ou o emprego de violência por um único ator (ou pequena célula), sem agir por questões puramente materiais ou pessoais, com o objetivo de influenciar uma audiência maior, e que age sem apoio direto no planejamento, preparação e execução do ataque, e cuja decisão para agir não está dirigida por algum grupo ou outros indivíduos (embora seja possível a inspiração por outros) (Keatinge e Keen, 2017, p. 7).
Marca (<i>Branding</i>)	Para atrair às pessoas e as influenciar, se usam as marcas, que segundo o Doutor Miranda (2017, pág. 71) são mais do que um símbolo visual, são personalidades construídas por uma corporação a fim de influenciar o que as pessoas pensam sobre ela e sobre o mundo.
Narrativa	Segundo Bruner (1991, págs. 4-5), a narrativa é uma versão da realidade cuja aceitabilidade depende da convenção e da necessidade dessa narrativa, mas do que da verificação empírica e da lógica que seriam necessárias.
Pós-verdade	O fenómeno da pós-verdade e sobre a “a minha opinião vale mais do que os factos”, ou por outras palavras, como alguém se sente em relação às coisas (Coughlan, 2017).
Requisitos Críticos (CR: <i>Critical Requirements</i>)	São as “Condições, recursos o meios que são essenciais para que o COG alcance as suas CC (meios específicos, recursos físicos ou relacionamentos com outros atores)” (IUM, 2018, pág. 56).
<i>Soft Power</i>	O <i>soft power</i> se apoia na habilidade de moldar as preferências dos outros, sem o emprego da força, a coerção ou a violência, mas mediante ativos intangíveis tais como personalidade, cultura, valores políticos, instituições, e políticas que sejam vistas como legítimas ou com autoridade moral (Nye, 2008, pág. 95).
Soma Zero	Segundo os neorrealistas, qualquer conduta cooperativa vai depender da avaliação dos benefícios relativos de uma entidade (Estado) em relação aos demais. Assim, os neorrealistas consideram que a natureza “soma zero” das políticas mundiais complicam, mas não impossibilitam algum tipo de colaboração entre Estados. Em regra, os neorrealistas acreditam que a possibilidade de cooperação internacional está subordinada à existência e interesse de uma potência hegemónica nesses acordos (Ciência Política, 2011, pág. 2).
Vulnerabilidades Críticas (CV: <i>Critical Vulnerabilities</i>)	“Aqueles requisitos críticos ou componentes destes, que são deficientes ou vulneráveis à neutralização ou derrota de uma forma que contribua para que o COG não atinga as suas capacidades críticas” (IUM, 2018, pág. 56).
Xenofobia	“Referência ao ódio, receio, hostilidade e rejeição em relação aos estrangeiros. A palavra também é frequentemente utilizada em sentido lato como a fobia em relação a grupos étnicos diferentes ou face a pessoas cuja caracterização social, cultural e política se desconhece. A xenofobia é uma ideologia que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria” (de la Garza, 2011, p. 86 cit. por Martins e Prestes, 2017, pág. 30).



Apêndice B — Modelo de Análise

MODELO DE ANÁLISE				
QC: Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do <i>Daesh</i> ?				
OG: Analisar quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do <i>Daesh</i>				
Capítulo	Conceito/Variável	Dimensões	Indicadores	Questões
Capítulo 2: As Operações Psicológicas do <i>Daesh</i> : entre o marketing e a propaganda	Propaganda	Aparelho mediático	Gabinetes de Comunicação	QD1/OE1: Como se caracteriza a propaganda do <i>Daesh</i> ?/ Caracterizar a propaganda do <i>Daesh</i>
		Conteúdo/temática	Militar/Não Militar - Governança-Político	
		Audiências-Alvo (Intra muros/Extra muros)	Inimigos /Combatentes do <i>Daesh</i> / Seguidores / Potenciais recrutas	
		<i>Off line/ On line</i>	Produtos (<i>Al-Naba</i> ; <i>Dabiq</i> ; <i>Rumiyah</i>) <i>Apps</i> (Telegrama, Twitter...) <i>Sites</i> de partilha de arquivos <i>Branding</i> Recrutamento	
Capítulo 3: Os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> : da <i>Jihad</i> Individual aos Combatentes estrangeiros	Ameaça	Ameaça híbrida	<i>Jihad</i> individual Tipos de ataque terrorista Combatentes estrangeiros Reivindicações/ameaça Imigração Xenofobia	QD2/OE2: Quais os efeitos da propaganda nas audiências-alvo? /Analisar os efeitos da propaganda nas audiências-alvo
Capítulo 4: Combate aos efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> : o papel dos instrumentos militar e policial	Segurança	Abordagem holística - Resposta Militar - Resposta Policial	Ações Cinéticas (<i>Air Strikes</i> -Operações) Formação/treino Retirada de conteúdo Informações sobre indivíduos/operacionais Bloqueio de servidores Ações policiais Coordenação policial	QD3/OE3: Qual a resposta militar contra os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> ? / Analisar a resposta militar contra os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> Q4/O4: Qual a resposta policial contra os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i> ? / Analisar a resposta policial contra os efeitos da propaganda do <i>Daesh</i>



Apêndice C — Emprego dos instrumentos militar e policial na luta contra o *Daesh*

A) Emprego do instrumento militar.

A CID (anexo C) definiu cinco linhas de esforço para combater o grupo: (1) providenciar apoio militar aos parceiros militares; (2) impedir o fluxo de CE; (3) neutralizar o financiamento do *Daesh*; (4) responder às crises humanitárias na região; e (5) expor a verdadeira natureza do *Daesh* (GAO, 2017, p. 11). Começou por se analisar o contributo do instrumento militar no combate contra o *Daesh*, segundo as 5 linhas anteriormente expostas:

-Linha (1)-

1.1. Asfixia: ataques conjuntos de todas as Potências mundiais (Calvo, 2016, pág. 91). Importa dizer que existem dois eixos diferenciados (Americano-Saudi Arábia VS Russo-Sírio-Iraniano) e que o princípio da soma zero²⁸ (apêndice A) está presente nos cálculos que as nações fazem para ajudar os seus aliados, e, quando se alinharam os interesses dos Estados na luta contra o terrorismo, resultou na derrota do *Daesh*. Como expõe Milosevich-Juaristi (2017), a Rússia apoiou o seu antigo aliado na luta contra os rebeldes sírios, e no caminho, atacou o *Daesh*. O Presidente Putin recuperou o *status* de líder internacional, e amorteceu o impacto negativo do assunto da Ucrânia, conforme as dinâmicas expostas no anexo F.

1.2. Ataques aéreos contra infraestruturas do grupo, bem como a infraestruturas de produção de média; lançamento da Operação *Tidal Wave II* em outubro 2015, cujo objetivo era alvejar infraestruturas do petróleo, sistemas de transporte, e depósitos de dinheiro (Heißner *et al*, 2017, pág. 12).

1.3. Eliminação de operacionais qualificados (Milton, 2018).

1.4. Eliminação de líderes (Calvo, 2016) -incluído o próprio líder de *Daesh*, Abu Bakr al-Baghdadi (Mackintosh *et al*, 2019)-.

1.5. Modelo *Train, Advise and Enable*, através de um contingente de forças ocidentais que iria treinar as forças locais, as aconselhando, e fornecendo as capacidades de combate necessárias para assegurar a derrota do *Daesh* (Garamone, 2019).

1.6. Operações cinéticas lideradas pelas forças locais: amplo espectro de meios militares (Pires, 2016a).

-Linha (2)-

A CID mantém colaboração estreita para evitar o fenómeno dos CE, -quer aqueles que estão detidos, quer aqueles outros que estão ocultos e à espera-, no intuito de que não possam voltar ao campo de batalha, nem a outro local onde possam planear ataques internacionais. A partilha de informação entre todos os parceiros sobre os CE do *Daesh* e seus movimentos é chave para combater este fenómeno, o que inclui a INTERPOL, em conformidade com os acordos alcançados na sexta revisão da estratégia das Nações Unidas contra o *Daesh*. Sublinhando a importância de proibir qualquer forma de apoio direto ou indireto que facilite o movimento de CE, conforme às resoluções do CSNU (USDOS, 2019).

-Linha (3)-

3.1. Decisão do governo iraquiano em agosto de 2015 de deixar de pagar salários aos funcionários públicos que estavam em territórios controlados pelo grupo (Heißner *et al*, 2017, pág. 12)

3.2. Esforços contínuos para diminuir o contrabando com a Turquia e as áreas sob controlo dos Curdos no Iraque (Heißner *et al*, 2017, p. 12).

3.3. As operações cinéticas e os ataques aéreos contra infraestruturas de petróleo, sistemas de transporte e depósitos de dinheiro da linha 1.2, resultaram em perda de território e recursos. Como o *Daesh* baseava seu financiamento no território (através de taxas, impostos, saques e recursos), acabando com o seu controlo, afetaram-se as suas finanças (Heißner *et al*, 2017).

-Linha (4)-

A CID tem incentivado aos seus membros a arrecadar fundos na ordem de 20 mil milhões em ajuda humanitária e para a estabilização, em apoio dos Sírios e Iraquianos. Desta maneira, tem treinado e fornecido equipamento a mais de 210 mil funcionários das forças de segurança para aliviar o sofrimento e estabilizar as comunidades locais, importando sublinhar que este esforço veio a grande custo, pois dezenas de milhares de parceiros Sírios e Iraquianos têm morto neste combate, e pelo menos 46 membros da CID (USDOS, 2019).

B) Emprego do instrumento policial.

No respeitante ao emprego do *instrumento policial* no combate contra o *Daesh*, importa dizer que as medidas legislativas implementadas na UE têm possibilitado um combate eficaz contra o grupo, através das seguintes medidas, conforme exposto ao longo do capítulo 4 e no anexo E: (1).- Coordenação entre Agências (SIGC, 2019); (2).- Partilha de informação (Consilium, 2018b; SIGC, 2019); (3).- Monitorização da atividade

²⁸ Segundo os neorealistas, qualquer conduta cooperativa vai depender da avaliação dos benefícios relativos de uma entidade (Estado) em relação aos demais. Assim, os neorealistas consideram que a natureza “soma zero” das políticas mundiais complicam, mas não impossibilitam algum tipo de colaboração entre Estados. Em regra, os neorealistas acreditam que a possibilidade de cooperação internacional está subordinada à existência e interesse de uma potência hegemónica nesses acordos (Ciência Política, 2011, pág. 2).



terrorista (*internet*) (EUROPOL, 2016b; SIGC, 2019); (4).- Monitorização da atividade de células clássicas (SIGC, 2019); (5).- Controlo de fronteiras (PE, 2018a); (6).- Controlo de armas (PE, 2018a); (7).- Controlo de explosivos e precursores (PE, 2018a); (8).- Criação da IRU (EUROPOL, 2016b; SIGC, 2019); (9).- Criação do Centro Europeu na Luta Contra o Terrorismo (CELCT) (Consilium, 2018b); (10).- Nomeação de um novo comissário para a UE de segurança (Consilium, 2018b); (11).- Tipificação penal de atos tais como o treino ou viagem com fins terroristas, a organização destas viagens, e o fornecimento ou arrecadação de fundos relativamente a grupos ou atividades terroristas (Consilium, 2018b); (12).- A luta contra a radicalização *online* (Consilium, 2018b); (13).- Criação de órgãos policiais especializados contra o terrorismo (SIGC, 2019); (14).- Criação de órgãos judiciais especializados, como a *Audiencia Nacional* em Espanha, que é competente para julgar crimes de terrorismo (SIGC, 2019).

Por outro lado, interessa sublinhar a figura do coordenador da luta contra o terrorismo na UE, o qual é responsável por: (1) coordenar os trabalhos do Conselho na luta contra o terrorismo; (2) apresentar propostas de ação e prioridades; (3) supervisionar a aplicação da estratégia antiterrorista da UE; (4) dispor de um panorâma da situação a nível europeu, informando ao Conselho e acompanhando a evolução das decisões deste órgão; (5) coordenar as suas tarefas com os órgãos preparatórios do Conselho, a Comissão e o Serviço Europeu de Ação Externa; (6) assegurar que a UE participa activamente na luta contra o terrorismo; (7) promover a melhoria da comunicação entre a UE e terceiros países; e (8) trabalhar em estreita colaboração com as instituições da União Europeia, no intuito de promover a luta no âmbito da UE contra o terrorismo. (Consilium, 2020).

Segundo o Consilium (2020), o coordenador da luta contra o terrorismo na UE opera em conformidade com as três prioridades antiterroristas: (1) garantir a segurança dos cidadãos; (2) combater a radicalização; e (3) cooperar com parceiros internacionais.

Pelo acima exposto, a potenciação desta figura e dos seus poderes, seria uma ótima ferramenta.